



EM JOÃO PESSOA

Denúncias de poluição sonora na construção civil aumentam 126%

Município registrou média de uma queixa a cada dois dias por conta do barulho de obras imobiliárias. **Página 5**

Foto: Roberto Guedes

Preservação de manguezais impacta o clima e a biodiversidade

Ecossistema atua como um berçário natural na proteção costeira contra erosão e no sequestro de carbono, mas enfrenta problemas devido à ocupação irregular e à expansão urbana desordenada.

Página 20

Uso de spray de pimenta gera debate entre mulheres e especialistas

Lei recém-sancionada autoriza a compra e o porte do produto pelo público feminino, como mecanismo de defesa pessoal.

Página 7

Botafojo joga, hoje, em busca da classificação para a segunda fase

Sem perder há seis partidas, o Belo duela contra o Caxias-RS às 18h30, no Estádio Centenário, na Serra Gaúcha.

Página 21

Programa inspirado em Celso Furtado fomenta projetos na rede de ensino

Por meio de editais, iniciativa estimula o desenvolvimento de pesquisas e contribui para a ampliação do conhecimento.

Página 3



Pensar

Reportagem especial debate o vício em jogos de azar e apostas — a ludopatia —, condição reconhecida pela OMS como um transtorno mental sério que pode provocar isolamento, ansiedade, endividamento e suicídio.

Páginas 29 a 32

Acervo raro do cineasta Vladimir Carvalho ganha novo espaço de memória

Itens reunidos ao longo de décadas pelo cineasta e documentarista paraibano, falecido em 2024, integram o projeto Cinememória e serão catalogados e alocados permanentemente na Casa da Cultura da América Latina (CAL), espaço gerido pela Universidade de Brasília (UnB).

Página 9



Foto: Junior Aragão/Divulgação

■ “Foi ali que senti a grandeza de Severino Dias, não pelo acordeão, que todos conhecíamos, mas revelando o grande homem que era ele”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Uma sensação provinciana, às três da tarde, passava um homem vendendo pão doce. Quase um realismo pacato, se assim posso imaginar”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “O uso excessivo de telas por pessoas com mais de 65 anos já é tema de pesquisas. Nos últimos anos, o número de usuários passou de 11% para 45%”.

Angélica Lúcio

Página 26

Nas mãos do povo

A democracia não é um ente abstrato, algo dissociado do dia a dia das pessoas, res- trito a palácios e gabinetes. A democracia está nas mãos de cada pessoa e sua existência, enquanto sistema político, depende da ação consciente e persistente de cada cidadão e cidadã, no sentido de defender e praticar os valores da soberania popular, atitude que passa, por exemplo, pelo exercício do voto, na escolha de seus representantes políticos. É o que se pode depreender das palavras da ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), pronunciadas durante o lançamento do livro *Pela mão do povo* – *Democracia e voto no Brasil*, com selo da editora Bazar do Tempo, ocorrido na quinta- feira (23), dentro da programação da 24ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), no Rio de Janeiro. A Flip encerra-se hoje e homenageia a poeta paulista Orides Fontela. Cármen Lúcia divide a coautoria de *Pela mão do povo* com a cientista política Heloi- sa Starling e a historiadora Nayara Henriques Pinto. As três organizadoras rememo- ram a história da democracia brasileira, tendo como “protagonistas” as eleições, suas leis e, acima de tudo, seus eleitores, num longo percurso que vai da construção do di- reito ao voto, passa pelos períodos de autoritarismo, até chegar aos processos de rede- mocratização. A repórter Camila Boehm, da Agência Brasil, cobriu o lançamento da obra e desta- cou na reportagem alguns trechos da apresentação feita por Cármen Lúcia, acentuan- do que, faltando pouco mais de dois meses para as eleições, a ministra “defendeu que o povo brasileiro valorize o que já conquistou, como o amplo direito ao voto”, embora tenha sublinhado “que o voto não é a única forma de exercício democrático”. Para Cármen Lúcia, está fora de cogitação imaginar que a sociedade brasileira só é soberana, enquanto povo, no dia da eleição. “Todos os dias nós podemos fazer algu- ma coisa. Mas é preciso que a gente tenha este ânimo para fazer esta união que nos reúne como um povo”, acrescentou. Entende-se, portanto, que a consciência da cida- dania deve ser constante. Não se pode exercitá-la apenas em um período do ano, sob risco de falência. Reportando-se à questão da idoneidade do processo eleitoral, a ministra afirmou que “o povo brasileiro já acolheu o modelo de votação pela urna eletrônica”, e que não acre- dita mais que “alguém em sã consciência” tenha dúvida sobre o equipamento. Respal- dada por sua trajetória, Cármen Lúcia relevou que tem “absoluta certeza da segurança, da higidez e da transparência do processo eleitoral com a urna eletrônica”. Está dito.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O discurso da “cadeira vazia”

A postura adotada por Jose Américo de Almeida em toda a sua vida pública, fez com que ganhasse destaque no ce- nário político nacional. Era um orador consagrado. Polemista, nunca se nega- va a manifestar suas opiniões nos ins- tantes em que se fazia necessária uma palavra de ânimo no fortalecimento das causas em que se via envolvido, ou pro- clamar sua discordância quando perce- bia acontecimentos que marcavam vio- lação das liberdades democráticas. Na década de 1940 do século passa- do, num período conturbado da história política nacional, pós-ditadura Vargas, na condição de senador da República, pronunciou, naquela casa legislativa, um dos seus mais célebres discursos, conhecido como *A cadeira vazia*. O fato motivador dessa oratória foi o cancela- mento do registro do Partido Comunis- ta Brasileiro (PCB), ocasionando a cas- sação de parlamentares filiados àquela agremiação partidária, dentre eles Luís Carlos Prestes, seu companheiro no Se- nado, eleito com a maior votação já re- gistrada até então na história política nacional, o escritor Jorge Amado e o pa- raibano João Santa Cruz. Embora sendo um anticomunista convicto, não concordou com essa deci- são autoritária e antidemocrática, afir- mando que “não poderia a Constituição prever essa monstruosidade, em nome da democracia que organiza e tutela, pondo-a a salvo do arbítrio e das sofis- tarias facciosas”. Revelava o seu espíri- to de democrata acima de qualquer di- vergência ideológica. E completava: “Eu que prestei, ao entrar nesta Casa, o com- promisso de guardá-la, nunca seria ca- paz de semelhante violação”. Ali estava um agente político firme- mente determinado a defender o Esta- do Democrático de Direito e as institui- ções republicanas, mostrando-se, sem receio, um combatente que resistiria às pressões exercidas em momentos de cri- ses sociais e políticas. É o compromisso, e não a preferência, que impulsiona a consolidação da democracia, ao menos do ponto de vista atitudinal. José Amé- rico tinha essa compreensão. No seu discurso proclamou: “Se foi legítimo o sufrágio, legitimou os man- dados. Ninguém tem o direito de revo- gar uma decisão do povo”. Ainda que em posições adversárias no campo po- lítico-ideológico, não admitia que aque- la cadeira no plenário do Senado ficas-

se vazia, sem a presença de um senador eleito pela expressiva vontade popu- lar. E complementava: “Sob o pretexto de salvar a democracia, não se venha a sacrificá-la com medidas que iriam adquirindo, dia a dia, um caráter mais reacionário”. “O Brasil parece achar-se, de novo, como em 1937, artificialmente, em es- tado de alarme, tomado de um terror imaginário”, denunciava o nosso ilus- tre conterrâneo. E conclamava: “Nin- guém se iluda com o poder de resis- tência das ideias. Se são sufocadas, sobrevivem a resistência silenciosa e sub- terrânea, que não podendo agir, afia as armas”. Vivemos num mundo assusta- diço que espregueira os horizontes, prefe- rindo as trevas”. E finalizava referindo-se ao colega de Senado, Luís Carlos Prestes, enalte- cendo sua trajetória política: “Ninguém já se lembra do caminho que ele percor- reu, tão curto e misterioso para chegar a esta Casa. Veio ali da prisão incomuni- cável, que parecia afastá-lo do mundo. E foi justamente quando jazia em seu cubículo, tolhido e imóvel, que ganhou espaço e avançou até estas culminân- cias. A mesma chave que o fechou na prisão abriu- -lhe as portas do Senado”. *A cadeira vazia* foi um discurso histó- rico que estabeleceu o reconhecimento de José Américo como um valoroso pa- ladino das liberdades públicas de nos- so país.

“

Ali estava um agente político firmemente determinado a defender o Estado Democrático de Direito e as instituições republicanas

Foto Legenda

Evandro Pereira



Castelo de areia

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Vinte anos sem Sivuca

Vim ver quem era Sivuca na casa de Na- thanael Alves. Ele voltara dos Estados Uni- dos, onde havia experimentado a fama in- ternacional, e viera matar a saudade de sua Itabaiana na casa de Félix Galdino, vizi- nhos de sítio. Félix era vizinho de Nathanael, aqui em Tambauzinho, e como era lá que nos reunía- mos todos os sábados à noite, arrastamos Si- vuca para o nosso papo. Um papo que não se repetirá mais neste mundo. Como se vê, éramos Nathanael, Ednaldo do Egito, José Souto, Solha, às vezes Durval Leal, e o Fé- lix já citado. Foi ali que senti a verdadeira grandeza de Severino Dias, não pelo acordeão, que to- dos conhecíamos, mas revelando o grande homem que era ele, aumentado pelos olhos do mundo, mas mantendo-se em seu tama- nho original. É o que me ocorre agora ao ler, em um portal, que neste 2026 são vinte anos sem o grande paraibano. São raras as figuras que suportam esse aumento, que se transformam em celebri- dade sem ficar besta. Imaginávamos que ali Sivuca fosse reencenar sua vivência com os grandes palcos do mundo, o modo como dirigiu musicalmente Miriam Makeba ou como se sentiu, a exemplo de Segovia com o seu violão, converter em clássico um ins- trumento de tradição folclórica mundial- mente popular! Não, não foi esse tipo de conversa que ouvimos do genial visitante, mas, isto sim, como pôde ele viver em Nova York sem de- ixar de matar a sede puxada por uma boa trinchá de carne-de-sol e um bom pedaço de rapadura.

“

Foi ali que senti a verdadeira grandeza de Severino Dias, não pelo acordeão, que todos conhecíamos, mas revelando o grande homem que era ele

Nova York tinha a sua feira, descober- ta por ele, com quase as mesmas coisas de Itabaiana. Não saiu perto de nós um só ins- tante. Não fez notar nenhuma diferença ao retornar ao nosso convívio. Nenhuma di- ferença entre Sivuca parceiro de Makeba, de Chico Buarque, e Sivuca moleque de nove anos, com o feirante Felix Galdino. Nós é que podíamos vê-lo grande, muito grande, sem que ele, necessariamente, nunca nos visse pequenos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Oportunidade

Programa ajuda a pensar o desenvolvimento da PB

Celso Furtado inspira iniciativa que apoia projetos na rede de ensino do estado

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Em 2020, o centenário do economista paraibano Celso Furtado estimulou a criação de ações que remetessem ao seu legado. Assim nasceu o Desafio Celso Furtado, no qual grupos de estudantes e professores de escolas paraibanas deveriam propor soluções para problemas locais com base nas ideias do economista. Foram mais de 300 projetos enviados, dos quais foram selecionados seis, e o sucesso levou à criação do Programa Celso Furtado, que



Foto: Roberto Guedes

Agora pagamos também ao privado de liberdade a bolsa de iniciação científica

Giovania Lira

abre inscrições anualmente e oferta bolsas.

“Desses 300 projetos [iniciais], a gente conseguiu selecionar seis e trabalhar junto à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba [Fapesq] o desenvolvimento deles durante um ano. Então foi a primeira vez que a gente vinculou bolsas aos estudantes e ao professor que acompanha esse projeto. Depois desse acompanhamento, a gente decidiu formalizar o programa e criamos o programa Celso Furtado em 2021”, disse a coordenadora do programa, Giovania Lira, da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Secties).

Hoje, o programa atua tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior e, desde 2022, alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) prisional, nos ciclos 5 e 6, passaram a também poder inscrever projetos. Um exemplo é o projeto Esperança no Espaço, no qual um policial penal ensinou alguns detentos a fabricar telescópios para trabalhar uma introdução à astrologia nas escolas. Este projeto, que nasceu no programa Celso Furtado, acabou perdurando e até hoje o grupo trabalha fazendo telescópios por encomenda.

Atualmente, o programa está com três editais abertos, sendo um para a Educação Básica, um para graduação e um para o sistema prisional, todos com previsão de bolsas (confira os editais nos QR



Foto: Arquivo pessoal

Projeto EcoConcretiva é um dos apoiados pelos editais

Codes abaixo). “Agora pagamos também ao privado de liberdade a bolsa de iniciação científica, porque, até então, a gente só conseguia pagar os professores”, disse Giovania. Ela contou que também existem planos de lançar um edital para estudantes e professores de pós-graduação em um futuro próximo.

“Temos três editais abertos atualmente e temos 25 projetos em acompanhamento. Então, quando movimen-

ta, aí a gente está com 150 estudantes da rede básica de toda a Paraíba, com 25 professores”.

Giovania Lira explicou que, para a pós-graduação, a ideia é receber pesquisas que conversem com a atualidade do pensamento de Celso Furtado e trabalhar com bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado diretamente para o pesquisador, sem precisar do atravessamento do programa de pós-graduação.

Resultados da ação são apresentados em fórum

O programa também deu origem a um fórum. A primeira edição ocorreu em 2024, com a presença de Rosa Freire Aguiar, viúva de Celso Furtado, além de outros pesquisadores do desenvolvimento regional para trazer ensaios para os estudantes. A segunda edição ocorreu em agosto do não passado, no Tribunal de Contas da Paraíba, e também reuniu estudantes, professores e economistas.

Em agosto será realizada a terceira, que vai acontecer junto com o Congresso Internacional do Centro Celso Furtado, que é um centro de desenvolvimento de políticas públicas que fica no Rio de Janeiro. “A gente firmou uma parceria com eles e eles vêm realizar, pela primeira vez, esse congresso no Nordeste. Vai acontecer em paralelo com o nosso fórum e a gente vai trazer vá-

rios temas, como economia criativa, economia do mar, como uma cidade litorânea. A gente vai trazer saúde, desenvolvimento. Então, a gente trabalha nessas perspectivas, nesses macrotemas, e vai trazendo pesquisadores do Brasil todo”, explicou Giovania.

O fórum ainda serve para apresentar os resultados do programa, que também são resumidos em publicações. “Temos um livro no qual os professores que acompanham os estudantes podem submeter artigos, relatos de experiência. Na Educação Básica, a gente deixa o resumo expandido e, para a graduação, são *papers*. Então eles enviam isso e a gente consolida numa publicação. A gente já tem duas publicações do programa Celso Furtado desse livro e também durante o fórum”, contou Giovania Lira.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Setenta anos de travessia

Em 1956, o Brasil via nascer um de seus maiores monumentos literários. Setenta anos depois, *Grande Sertão: Veredas* permanece como uma obra que menos se lê e mais se atravessa, vereda a vereda, palavra a palavra, num fluxo que desafia o leitor apressado. O livro de Guimarães Rosa não se entrega facilmente; exige do leitor uma disposição quase ritualística, como adentrar uma igreja cheia de sombras, na imagem certa de Afonso Arinos de Melo Franco: “No princípio, a gente entra e não vê nada. Só contornos confusos”.

Eis a primeira dificuldade: a linguagem. Rosa não escreveu em português; ele o reinventou. Neologismos, arcaísmos, inversões sintáticas, uma oralidade que escorre pelas páginas como água de rio. O escritor, diplomata que dominava dezenas de idiomas, voltou-se para a fala dos vaqueiros mineiros, “que são todos homens atilados”, para ali buscar a matéria-prima de sua arte. O crítico Sérgio Milliet afirmou, à época do lançamento, que depois daquele livro “será preciso reescrever a gramática do português no Brasil”. E não era exagero. Rosa fez com a língua o que o Sertão faz com quem nele se aventura: desorienta para depois revelar.

Por isso muitos leitores recuam. O mito da dificuldade se espalha, e o livro permanece na estante como um desafio adiado. Mas os que persistem descobrem que a travessia vale o esforço. “No princípio, dez primeiras páginas, é meio assim-
-assim, custa um pouco a engrenar, mas de

repente a gente se embala no ritmo dele e não larga mais”, ensinou Fernando Sabino. O segredo, sugeria o autor, era ler em voz alta, deixar que a musicalidade da frase conduzisse o sentido. E ser leitor “boi”, não leitor “cavalo”: é preciso ruminar a palavra com paciência, não galopar sobre ela.

A importância da obra, porém, transcende sua proeza linguística. O Sertão de Riobaldo é o mundo; os jagunços, cada ser humano em

sua jornada. O romance entrelaça temas universais, o amor e a guerra, o bem e o mal, Deus e o Diabo, a vida e a morte, com a violência estrutural que marca a formação do Brasil. Riobaldo narra sua vida a um interlocutor misterioso, “o senhor”, num longo monólogo que é, ao mesmo tempo, um exame de consciência e uma tentativa de compreender o sentido da própria travessia.

A história de amor entre Riobaldo e Diadorim, atravessada pelo segredo da identidade da donzela-guerreira que se disfarça de homem, confere ao livro uma dimensão trágica e comovente. Ao final, quando a verdade se revela, o leitor é convidado a reler a obra em busca das pistas que não percebera, como o próprio narrador que alerta: “Disse ao senhor quase tudo”. A descoberta tardia transforma a leitura num exercício de redescoberta.

Eis por que *Grande Sertão: Veredas* não envelhece: porque cada leitura é uma nova travessia. Clarice Lispector, ao se deparar com o livro, confessou: “Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos [...] me explicando coisas adivinhadas”. Setenta anos depois, a obra de Guimarães Rosa continua a adivinhar e revelar o que há de mais profundo na condição humana. E, no fim do percurso, o leitor compreende que o grande Sertão, afinal, está dentro da gente.

Colunista colaborador

Experiência contribui para a vida acadêmica

O professor João Paulo Marçal de Souza é um dos bolsistas do programa, coordenando um grupo de seis estudantes. Ele atua no ensino profissional e técnico da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Sebastião Guedes da Silva, localizada no município de Teixeira, mais especificamente no Curso Técnico em Edificações.

“O Programa Celso Furtado tem sido uma experiência muito enriquecedora, tanto no âmbito profissional quanto acadêmico. Como professor mentor, coordenador e orientador do projeto EcoConcretiva, estou acompanhando de perto o desenvolvimento da pesquisa acerca da produção de um concreto drenante com resíduos da indústria de calçados, uma proposta que alia pesquisa, inovação e sustentabilidade”, contou.

Ele explicou que já vinha trabalhando o material em sala de aula, na disciplina Materiais de Construção I, mas adaptou o projeto para inscrevê-lo no programa. “O programa tem proporcionado aos seis estudantes bolsistas a oportunidade de vivenciar a pesquisa aplicada, desenvolvendo competências técnicas, científicas e de tra-

■ **Iniciativa ajuda a estimular o protagonismo estudantil na busca por soluções para problemas reais da sociedade**

balho em equipe, além de estimular o protagonismo estudantil na busca por soluções para problemas reais da sociedade. É muito gratificante perceber o crescimento dos alunos e ver que iniciativas como essa contribuem para a formação de profissionais mais preparados e conscientes da importância da inovação e da sustentabilidade”, opinou.



Pelo QR Code acima, acesse o edital destinado à graduação



Pelo QR Code acima, acesse o edital destinado ao Sistema Prisional

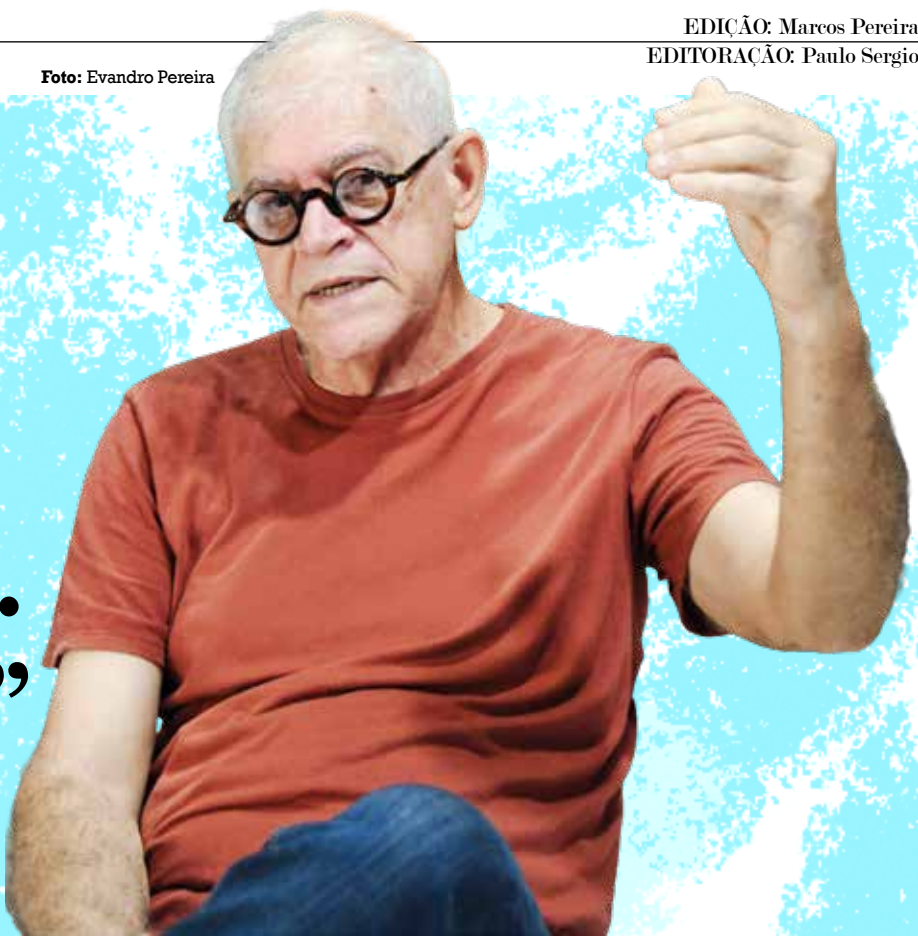


Pelo QR Code acima, acesse o edital destinado à Educação Básica

Fred Svendsen

Pintor, desenhista e escultor

“Não me considero mais um artista plástico. Sou um artista inventor”



Em entrevista, pintor revisita o início em *A União* e reflete sobre criação, mercado e a identidade que construiu na arte

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A tela em branco não intimida Fred Svendsen; pelo contrário, serve para lembrá-lo de que seu melhor trabalho está sempre por vir. Não por considerar-se genial, apesar de já ter ouvido esse elogio do amigo e professor Jomard Muniz de Britto, mas porque cada pincelada sua é genuína. Alguns quadros, ele diz, simplesmente “chegam”. “E aí você cria uma imagem que nem sabe como ela surgiu”, conta. O gesto, somado à velocidade e à emoção, forma uma combinação que escapa à racionalidade. Para o artista, a beleza da arte reside justamente aí.

Mas nem por isso a criação é obra do acaso. Todos os dias, ele retorna ao seu ateliê e trabalha com a disciplina de um construtor. “Sou meu único funcionário e não posso faltar”, resume Fred, que completa 50 anos de trajetória sem alimentar o mito de que é preciso “esperar pela inspiração”. Sua relação com a imagem começou ainda na adolescência, quando passou a ilustrar textos do *Correio das Artes*, suplemento literário de *A União*. Do desenho, chegou à pintura, ao *design* e à escultura, até encontrar um expressionismo todo seu, marcado por cores intensas. Ao escrever sobre sua obra, o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar chamou-o de “inventor de novos e inusitados seres”. A definição pegou.

Ao longo de sua carreira, o pessoense calcula ter produzido mais de três mil obras e participado de centenas de exposições. Conquistou o mercado nacional sem abandonar a Paraíba e, agora, prepara uma exposição comemorativa para marcar o meio século de carreira. Nesta entrevista, fala sobre o início, a busca por uma assinatura própria, a rotina no ateliê, a arte como sustento e a necessidade de preservar a produção paraibana.

Entrevista

■ Em 2020, você apresentou Os doze trabalhos de Hércules como sua última grande série. Agora, você prepara uma exposição para celebrar os 50 anos de carreira. O que o fez mudar de ideia?

Eu concluí essa série, mas a gente sempre está fazendo algo. Meu trabalho é sempre baseado em alguma coisa. Eu construo uma história para, depois, construir o trabalho. No caso dessa série, o tema era o mito de Hércules, porque sou muito encantado com o passado, principalmente com a história grega. Realmente me lembro de ter falado que seria a última série, porque pensei em nunca mais expor. Quando a gente atinge uma quantidade de anos de trabalho, não precisa expor frequentemente. Eu exponho de 10 em 10 anos, de cinco em cinco. Mas não sou Matusalém, não vou viver 900 anos. Estou com 66. E a gente também não está preparado para completar 50 anos de arte. Cinquenta anos não são 50 dias. Contudo, fazer uma exposição não é simples. Primeiro, você tem que pintar de 50 a 100 obras. Depois, precisa preparar tudo e conseguir patrocínio, porque expor é muito caro. Agora, em setembro, farei uma exposição comemorativa no Espaço Arte Brasil. Serão 30 obras, todas inéditas, até porque não tenho trabalhos antigos. Todos são vendidos e acabo ficando apenas com os novos. Hoje, tenho mais de 30, aqui, no ateliê, mas não sei se vão durar até 30 de setembro, porque, graças a Deus, eu vendo muito. No total, são mais de três mil obras pintadas, espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Fiz mais de 30 exposições individuais e muito mais de 500 coletivas pelo país inteiro. Nem coloco mais no meu currículo.

■ Você começou ainda adolescente como ilustrador do Correio das Artes. O que aquele período em *A União*

representou para sua formação?

Foi muito importante. Primeiro, porque tive a oportunidade de conhecer um grande artista — Jurandy Moura era editor do *Correio das Artes* e foi um dos maiores cineastas que a Paraíba já teve. Ele se encantou com o meu desenho e me chamou para trabalhar no jornal. Eu era um menino. Foi um jornalista que levou esse material para Jurandy e, a partir daí, comecei a publicar periodicamente até trabalhar no Departamento de Arte. Naquela época, *A União* era o único jornal do país que pagava por ilustrações, contos e poemas. Os grandes escritores brasileiros mandavam material para o *Correio das Artes*. Até Carlos Drummond de Andrade publicou ali. Então, foi uma escola para mim. Eu lia os contos e ilustrava. Acho que passei uns 10 anos lá. Também trabalhei fazendo livros e montando jornal.

■ E como foi “sair” do desenho para a pintura?

Foi uma das coisas mais difíceis. Eu era desenhista, e o Brasil tem preconceito com o desenho, porque não conhece a diferença entre desenho e pintura. Existe uma linha muito tênue entre um e outro que ninguém sabe o que é um desenho pintado nem o que é uma pintura desenhada. As pessoas acham que desenho é somente aquilo feito com lápis ou caneta. Então, passar do desenho em preto e branco para uma pintura colorida foi muito demorado. Levei uns 20 anos para passar de uma coisa para outra, até os críticos dizerem que eu era um mestre colorista. Mas, também, se você não passar, morre de fome. No Brasil, poucos conseguiram viver de desenho.

■ Todo artista procura uma assinatura. Em que momento percebeu que havia encontrado uma linguagem própria?

É verdade. E, se ele não conse-

guir essa assinatura, vai passar a vida quebrando a cabeça e copiando os outros. Hoje, não me considero mais um artista plástico. Sou um artista inventor. Sou inventor de uma escola, inventor de um estilo. Isso está bem explícito no texto que Ferreira Gullar escreveu. Ele disse que eu era um “inventor de novos e inusitados seres”. Há 30 anos, eu já me intitulava assim. Acho que quem pega uma tela em branco e cria uma imagem que não existe nada mais é do que um inventor. Desde muito novo, eu procurava fazer alguma coisa que ninguém estivesse fazendo. Eu já nasci com essa vontade de fazer uma figura diferente, parece que sempre tive isso no sangue. Aí muita gente começou a chamá-las de “seres de outro planeta”, mas nunca foram isso. Eram figuras que eu criava. Acabei inventando um estilo que, hoje, é muito copiado. Sou muito copiado e falsificado. E isso é muito bom para mim, porque ratifica o meu estilo e a força do meu trabalho. Só se copia ou se falsifica a obra de um artista que vale a pena. Que interesse alguém teria em roubar um Picasso se ele não fosse importante?

■ Você é pintor, desenhista, escultor, ilustrador e designer. Para você, um artista completo precisa ser múltiplo?

Não é natural para todo artista ser múltiplo. No meu caso, uma coisa foi ficando ligada à outra. A serigrafia é ligada à litografia, que é ligada à fotografia. E a fotografia está ligada ao cinema. A gente que é bobo de separar. Eu não sei que mente prodigiosa separou, nas leis de cultura, o audiovisual das artes visuais. O cinema não vive sem a fotografia. Isso tudo é uma coisa só, rapaz. E o desenho está na base de tudo. A primeira palavra que o homem deu foi desenhando. A gente sente necessidade de fazer uma escultura, porque a tridimensionalidade existe. Pintura e desenho são artes bidimensionais. Então, todo artista, fatalmente, vai querer experimentar uma escultura. Eu juntei essas coisas. Faço pintura sobre madeira e, também, faço esculturas pintadas. Uma coisa está sempre ligada à outra.

■ Em um tempo em que todos parecem ser especialistas em tudo, como distinguir multiplicidade de superficialidade?

Hoje, a pessoa faz uma exposição e já fica muito orgulhosa. Precisamos entender melhor o que é arte para não sermos superficiais. Às vezes, um artista novo traz o trabalho para eu dizer o que acho. Uma vez, perguntei a um deles: “Se você fosse um colecionador importante, compraria o seu trabalho para uma coleção?”. Ele respondeu: “Não, não compraria”. Então eu disse: “Dê mais um tempo e estude um pouco mais, porque ainda não está bom”. Eu jamais diria a alguém que ele não serve para ser artista, porque muita gente já errou ao dizer isso de grandes músicos e artistas. Mas é preciso estudar. Não dá para tomar um comprimido e dizer, no dia seguinte, que é artista. Você precisa estar sempre aberto para aprender.

Aprender até morrer. Não tem jeito. Até hoje continuo vendo outras influências. Vejo, me encanto, fico impressionado. Sou fã de poucos artistas, como o alemão Anselm Kiefer. Ele é um pintor figurativo matérico. As telas dele são quilométricas e não podem ser expostas em qualquer lugar. Ele acrescenta madeira, chumbo e outros elementos e transforma pintura em escultura. Isso me deixa encantado.

■ Você conquistou o mercado nacional sem deixar João Pessoa. Foi desafiador?

Foi muito difícil. Eu paguei muito caro por isso, mas, hoje, eu colho os frutos. Já tive a oportunidade de morar no Rio de Janeiro, mas nunca quis sair daqui. Eu sou encantado pela minha cidade. Agora, tenho um preço nacional. O preço do meu trabalho é o preço de um artista da minha geração em São Paulo e no Rio de Janeiro. E, para você conseguir isso, tem que se suceder. Fazer sucesso é se suceder todos os dias. Eu estudei, fiz universidade, embora me considere um artista autodidata, porque, quando entrei na universidade, já tinha 10 anos de arte. As pessoas pensam que artista não estuda, mas a gente estuda, sim. Vira até doutor. Hoje, eu vendo para o Brasil inteiro e para fora do país. Consegui ser um artista de mercado. Tenho galerias no Rio, em Brasília e, agora, em São Paulo. Só no mês passado, seis obras minhas foram leiloadas por lá. Eram trabalhos de 32 anos, que voltaram ao mercado. Ter um livro prefaciado por Ferreira Gullar também foi, para mim, um carimbo de que eu tinha alcançado um mercado interessante no país.

■ Ser um artista inventor demanda disciplina? É um trabalho diário?

Eu sempre digo, nas minhas redes sociais, que sou meu único funcionário e não posso faltar. Todos os dias, estou aqui de manhã. Tenho a necessidade de trabalhar como um trabalhador comum, como alguém que faz uma casa e coloca os tijolos. Todos os dias, venho exercer meu ofício. E, quanto mais faço, mais tenho vontade de fazer, porque sei que esse é o meu trabalho. É a única coisa que sei fazer. Não trabalho com aquela ideia romantizada de inspiração. Jomard Muniz de Britto, meu professor na universidade e um dos maiores artistas do Nordeste, dizia que o artista que trabalha por inspiração vai morrer de fome. Então, eu não trabalho por inspiração. Tenho uma forma, uma técnica, sei como fazer. Se eu estiver estimulado, posso fazer 50 quadros em um dia. A tela em branco não me amedronta. Recentemente, passei por uma tragédia pessoal muito grande. Minha esposa faleceu e eu infartei no dia seguinte. Se dependesse de inspiração, teria encerrado minha carreira ali. Mas acredito que ainda vou pintar mais de mil obras. Depois disso, pintei um quadro chamado “*O Renascimento*”. Pintei em um dia e vendi no outro. Aquilo foi exatamente o meu renascimento. Ou você trabalha, ou se entrega. Também acredito na força do gesto. Quando você jun-

ta a velocidade com o gestual, cria um trabalho que nem sabe como surgiu. Às vezes, olho para um quadro e digo: “Mas, rapaz, eu fiz uma sombra... Poxa vida, não me lembro”. Acho que essa é a beleza da arte. Tem quadro que simplesmente chega. E como chegou? Não sei. Veio. Essa mágica é da alma humana.

■ A arte é cultura, mas o artista também precisa viver dela. Como é isso para você?

A arte serve para provocar, denunciar e, acima de tudo, humanizar. Se não serve para humanizar, não serve para mais nada. Mas humanizar também é permitir que uma pessoa ganhe seu sustento por meio daquele trabalho. Uma obra de arte é um bem comercial. Não pode ficar em um pedestal, como se o artista não pudesse viver dela. Existe uma romantização muito grande em torno da arte, como se o artista tivesse que passar necessidade para ser verdadeiro. Eu não sou um saltimbanco. Vivo das telas que pinto, sim. Elas devem cumprir o seu papel, que é chegar às pessoas. Não quero que alguém compre um quadro meu para jogar fora. Agora, se comprou e ama aquela obra, também tem alma de artista. É claro que existe a parte sensível disso. Uma obra instiga, faz pensar, provoca emoção. Mas estamos falando, também, de ofício. Primeiro deve existir o homem, pois, sem ele, a arte não serve para nada.

■ Entre tantas exposições, quais foram as mais marcantes?

Fiz várias exposições importantes na minha vida. Uma delas foi *Atlântida, meu amor*. Na minha opinião, o artista coloca a Atlântida onde quiser. Platão já endoidou muita gente com isso, porque ninguém sabe se ela realmente existiu. Para mim, João Pessoa é uma cidade muito energética. Então pensei: “A Atlântida está aqui, entre João Pessoa e a África”. Depois, fiz *Os deuses brancos do cabo*, apenas inverti o nome. Mais recentemente, teve a exposição *Nunca*, com 40 telas chamadas assim. Ela partiu da ideia de Heráclito de que nunca mais tomamos banho nas mesmas águas. Toda vez que você mergulha no rio, aquela água já foi embora. Quando o povo diz “sextou”, eu digo: “Você está uma semana mais velho”. Agora, eu não sei dizer em que momento uma exposição se torna um divisor de águas. A gente nunca sabe quando vai atingir o gosto do mercado. Só temos ideia daquilo que, para nós, é importante. Se a obra vai virar a nossa *Mona Lisa*, não sabemos. Mas, para mim, o quadro mais importante que fiz na vida se chama “*Latitude 34*”. É uma homenagem a Hermano José. Levei três meses pintando. O trabalho fazia parte de um projeto aprovado no Fundo de Incentivo à Cultura. Durante três meses, estudantes vinham me ver pintar. Era menino chegando de bolo. A intenção era acabar com essa barreira entre o artista e o povo, mostrando que não existe mistério, mas trabalho e disciplina. Era uma festa.

POLUIÇÃO SONORA

Denúncias crescem 126% em um ano

No primeiro semestre de 2026, houve 97 ocorrências em João Pessoa, frente a 43 casos no mesmo período de 2025

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A Secretaria de Planejamento (Seplan) de João Pessoa emitiu 7.562 certidões de Habite-se apenas no primeiro semestre deste ano, um crescimento de 13,8% em relação ao mesmo período de 2025. O número ajuda a dimensionar o fenômeno que se convencionou chamar de “boom” imobiliário da capital paraibana. Mas, para muitos moradores da cidade, o termo também pode ser aplicado por sua onomatopeia: uma ruidosa explosão de denúncias tem marcado a relação da população com a poluição sonora provocada por obras da construção civil.

As estatísticas da fiscalização ambiental revelam um dos efeitos colaterais da expansão imobiliária. Somente nos primeiros seis meses deste ano, a Secretaria de Meio Ambiente (Semam) de João Pessoa registrou 97 denúncias de poluição sonora contra obras da construção civil na cidade, uma média de uma reclamação a cada dois dias. O número representa um crescimento de 126% em comparação com o primeiro



Moradores de residencial (em verde) do Jardim Oceania reclamam de obra barulhenta na vizinhança

Fotos: Joel Cavalcanti

ro semestre do ano passado, quando houve 43 denúncias.

Entre as consequências mais sérias desse cenário, estão os relatos de moradores que afirmam ter precisado deixar suas próprias residências diante dos transtornos causados por barulhos muito acima dos limites permitidos e que se estendem por dias e horários proibidos. Em críticas à atuação dos órgãos municipais responsáveis pela fiscalização, eles reclamam que as denúncias não resultam em providências capazes de interromper as irregularidades.

Segundo a legislação municipal, o limite de ruído em áreas residenciais durante o período diurno é de 55 decibéis (dB), o que equivale ao volume de uma conver-

sa em tom moderado. A norma também estabelece restrições para atividades mais ruidosas, que devem ocorrer em dias úteis e aos sábados pela manhã, sendo vedadas aos domingos e feriados sem autorização específica do poder público.

O preço do silêncio

O desrespeito a essa regra básica de convivência tem acontecido em vários bairros da cidade e, reiteradamente, na Rua Telegrafista Elesbão Santiago, no Jardim Oceania. Lá, três famílias do Residencial Marujos precisaram mudar-se em busca da paz perdida desde que um arranha-céu de alto padrão, da construtora paraibana Mashia, passou a ser construído no terreno ao lado.

“Tive que vir para Vitória de Santo Antão para não ficar doída com esse barulho. Estava demais”, desabafa dona Maria do Céu, de 75 anos. Depois de levar uma vida para conquistar o seu patrimônio imobiliário, ela se viu sem alternativas a não ser alugar o seu apartamento e ir morar perto de sua filha, após meses sem sossego dentro da casa dela. O incômodo constante não cessava nem mesmo à noite ou em dias de feriado. E dona Maria do Céu não é um caso isolado.

“Eu sou proprietária do 301. Seu José, do 101, também teve que sair. Ele alugou o apartamento dele, porque não suportava mais. E teve dona Nilma, do 204, que também saiu. Quer dizer, são três pessoas idosas e todos nós ti-

vemos que sair dos nossos lugares por causa de tanto barulho”, lamenta a aposentada.

“Chorei que só quando saí de lá. Quando eu comprei esse apartamento, eu pensava ‘vou viver o resto da minha vida nesse cantinho, esse vai ser o meu cantinho’. Mas aconteceu isso e eu tive que sair”, relata. Dona Maria do Céu foi a primeira moradora a chegar ao prédio de três pavimentos e 12 apartamentos, quando ele foi inaugurado em 2010. Até que

o boom imobiliário fez tremer os móveis de seu lar.

“Quando eu falava disso com meus filhos, eu sentia que eles achavam que eu devia ter mais paciência, coisa e tal. Mas aí, um dia, quando a gente estava almoçando, a máquina da obra do prédio fez um impacto tão forte que a mesa de vidro pesado balançou. Meu filho ficou apavorado e disse: ‘Mainha, a senhora tá certa, a senhora tem que sair daqui mesmo’”, conta.

Limite

Ruídos diurnos em áreas residenciais da capital podem atingir até 55 dB; atividades com maior emissão de barulho só devem ocorrer em dias úteis e aos sábados pela manhã

Mesmo com fiscalizações, moradores têm sensação de injustiça

Residente no mesmo condomínio, a psicóloga Tany Wanessa fez várias denúncias nos canais oficiais da prefeitura e da Secretaria de Meio Ambiente, as quais remontam a dezembro de 2024. Documentos obtidos pela reportagem mostram que os moradores protocolaram sucessivas reclamações ao longo de meses. E, em todas elas, a narrativa repete-se.

“A obra faz barulho além do horário permitido, muitas vezes até de madrugada. Eles deixam uma bomba ligada 24 horas por dia e, por vezes, com funcionários até mais de 1h da manhã com máquinas e caminhões de concretagem”, denuncia Tany.

Em resposta à reclamação de poluição sonora formalizada pelos moradores, a equipe de fiscalização da Semam realizou uma vistoria técnica no canteiro de obras. Apesar de os moradores terem anexado fotos, vídeos e registros que demonstram as irregularidades denunciadas de madrugada e em dias de feriado, a secretaria arquivou a

denúncia de poluição sonora, porque, no momento da visita dos servidores do órgão, não foram constatadas atividades de construção em andamento ou emissão de ruídos.

A resposta frustrou os moradores. “Em casos de poluição sonora, a demora na fiscalização compromete diretamente a eficácia da apuração, pois a infração ocorre em tempo real e exige pronta intervenção”, pontua Tany. “Alguns protocolos sequer receberam resposta, enquanto outros somente foram objeto de fiscalização vários dias após a denúncia, quando a situação relatada já não podia ser adequadamente constatada”.

Se, por um lado, o flagrante do ruído não pôde ser atestado no momento da inspeção da Semam, a fiscalização municipal identificou outra irregularidade: a obra havia sido iniciada sem a licença para construção exigida pelo município. Documentos obtidos pela reportagem mostram que a construtora acumulou ao menos R\$ 90 mil em

multas aplicadas pela Prefeitura de João Pessoa por diferentes infrações urbanísticas.

Entre as infrações, estão a execução de obras sem alvará, a realização de demolições sem licença e a ocupação irregular de áreas públicas com materiais de construção. As autuações atingiram dois lotes distintos que compõem o empreendimento. Mesmo diante das sanções, os trabalhos continuaram, motivo pelo qual a prefeitura aplicou um embargo administrativo.

Como a medida também não foi respeitada, a Seplan emitiu, em 15 de janeiro de 2026, um termo de interdição determinando a paralisação imediata dos serviços. O documento registra que as atividades permaneceram em andamento mesmo após o embargo e adverte para a possibilidade de ação judicial com pedido de demolição da estrutura em caso de descumprimento.

Outro lado

Segundo a prefeitura, vistorias posteriores constata-

ram que tanto o embargo quanto a interdição continuaram sendo descumpridos, o que levou o município a ingressar com uma ação civil pública para tentar interromper a obra.

Procurado pela reportagem, o proprietário da Construtora Mashia disse que não iria se pronunciar sobre o caso. Ele não quis explicar por que a obra permanece em andamento mesmo com a interdição da prefeitura e nem se posicionou sobre as denúncias de poluição sonora. Já a Semam, por meio de sua assessoria, informou que “não tem como responder casos específicos relacionados às questões sobre infrações ambientais” e preferiu não comentar as críticas dos moradores sobre a fiscalização.

A Seplan, por sua vez, afirmou que adotou “todos os atos administrativos necessários para regularização da construtora”, mas que a empresa descumpriu tanto o embargo quanto o termo de interdição. “Desta for-



Proprietário da construtora decidiu não se pronunciar

ma, houve a judicialização do caso, tendo sido proposta pelo município uma ação civil pública visando à paralisação da obra”, informou a secretaria.

Para os moradores que permanecem no Residencial Marujos, ver as máquinas operando diariamente em uma área oficialmente interditada acentuou o sentimento de desamparo institucional. “Apesar dos embargos, interdições, denúncias e ação judicial, a obra continua em funcionamento normal, sem que os moradores percebam qualquer punição efetiva ou

mudança concreta”, conta Tany. “Esse cenário reforça em todos nós a sensação de impunidade e injustiça”.

■
A Prefeitura de João Pessoa ingressou com uma ação civil pública contra empresa que descumpriu embargo e interdição

BEBÊS

Como garantir um sono mais seguro

Preparar o local e posicionar a criança adequadamente reduz o risco de morte; não é recomendado dormir com os pais

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Embora repleta de alegria, a chegada de um bebê traz uma série de desafios que mudam a rotina, o sono e a dinâmica familiar. Os cuidados com uma criança demandam atenção, tempo e energia — portanto, é normal que mães e pais, especialmente os de primeira viagem, passem por um período de sono prejudicado e sobrecarga, física e emocional, enquanto se esforçam para acompanhar as novidades que cercam o nascimento de um filho. Nesse período, práticas comuns, adotadas em meio ao cansaço, podem pôr em risco a segurança dos bebês, principalmente durante os momentos de sono.

O medo de que o recém-nascido morra dormindo acompanha os pais há muito tempo: não são raros os relatos de bebês sofrendo com engasgos, sufocamento ou estrangulamento acidental na cama e nos lençóis. No dia 13 de julho, por exemplo, uma menina de 10 meses foi a óbito por asfixia mecânica indireta, em Fortaleza (CE), após um familiar adormecer por cima dela.

Entretanto, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o local de dormir pode ser organizado, por meio de hábitos simples, para reduzir o risco de todos os tipos de mortes infantis relacionadas ao sono.

De acordo com a médica pediatra Indira Sampaio, “o local mais seguro para um bebê dormir é o berço, seja ele convencional, um berço portátil ou aqueles acoplados ao lado da cama dos pais. O colchão deve ser firme e bem ajusta-



Foto: Jonathan Borba/Pexels

O ideal é que os bebês durmam no berço; segundo pediatra, o colchão deve ser firme e o espaço não pode ter objetos soltos, como almofadas e brinquedos

do, e o berço deve permanecer livre de objetos, sem travesseiros, almofadas, protetores, brinquedos, naninhas, bichos de pelúcia ou cobertas soltas”. Para dias mais frios ou bebês que gostam de se aconchegar, ela indica o uso do saco de dormir, no tamanho adequado para a idade.

Conforme recomendado pela SBP, crianças com menos de um ano devem ser postas para dormir em um ambiente próximo aos pais, mas nunca na mesma cama que eles. Embora compreenda o lado emocional de se manter em contato com os filhos — e o quão prático pode parecer tê-los ao alcance das mãos para

ajudar, por exemplo, na hora de amamentar de madrugada —, Indira explica que tal atitude aumenta o risco de, por acidente, um dos pais rolar na cama ou cair no sono com a criança no colo, comprometendo a segurança dela.

“Entendo perfeitamente o quanto é gostoso dormir sentindo o cheirinho deles, o quanto parece mais fácil e o quanto essa prática pode parecer natural para muitas famílias. Mas sabemos que a cama compartilhada aumenta o risco de acidentes relacionados ao sono como, por exemplo, a asfixia. Esse risco é ainda maior quando algum dos pais ingeriu bebida alcoó-

lica, faz uso de medicamentos que causam sonolência, fuma ou está exausto,” aponta. Sendo, ela própria, mãe de uma criança, Indira percebe que nem sempre é possível manter o cenário ideal e seguir à risca todas as orientações, mas, quando se trata da segurança dos filhos, todo esforço vale a pena.

A forma como o bebê é posicionado na hora de deitar também faz a diferença: ele deve ser posto, sempre, de barriga para cima, já que dormir emborcado ou de lado aumenta o risco de sufocamento e morte relacionada ao sono. A pediatra explica que os bebês só podem permanecer em

outra posição quando conseguem rolar sozinhos sem nenhuma dificuldade, o que tende a ocorrer entre o sexto e o sétimo mês de vida.

O pediatra e pneumologista Constantino Cartaxo corrobora a importância desses cuidados desde a saída da maternidade e reforça que, além do perigo de sufocamento, dividir a cama com um bebê também pode ser associado ao risco de, movendo-se ao dormir, um dos pais acabar empurrando a criança para o chão. O médico ainda alerta sobre o momento da alimentação. “Sempre que a criança amamentar, é preciso deixar que ela arro-

te para, só depois disso, colocá-la no berço”, orienta. Ele adverte que dar mamadeira com o bebê deitado ou sonolento pode aumentar as chances de regurgitação e provocar acidentes por aspiração de leite, portanto a posição deve ser evitada.

Constantino também observa que, a partir dos quatro meses, a criança começa a buscar objetos e aproximá-los da boca. Por isso, seria ainda mais importante prestar atenção às coisas que estão ao alcance dela, seja no berço, nos espaços da casa ou no colo de alguém, para impedir que os nenéns engulam ou inalem algo que possa sufocá-los.

Rede de apoio ajuda a dividir tarefas e diminuir o cansaço

Mãe há 10 meses, Ester Vasconcelos relata que, antes mesmo de dar à luz o filho Tomás, começou a prestar atenção às formas de manter uma criança segura, por meio do contato com outras mulheres que estavam maternando. Ainda assim, ela preparou-se para a chegada do bebê buscando orientações com especialistas. “A gente fez um *workshop* com as meninas da igreja, que são enfermeiras e doulas, e elas reforçaram nosso conhecimento. Quando visitei a maternidade, também recebi a informação de que os itens no berço deveriam ser a menor quantidade possível”, lembra.

Empreendedora, Ester fala sobre como a vida profissional continuou, mesmo enquanto ela se descobria como mãe e começava a conhecer melhor o filho. Conciliar a rotina e a falta de sono, para ela, foram alguns dos maiores desafios, que puderam ser superados graças a uma rede de apoio. “Meu esposo vivia na maternidade comigo e as mães de rua eram sempre em claro. Eu me ocupava ao máximo para não deixar o sono vencer quando precisava ficar acordada. Quando o dia nascia, conseguia dormir um pouco. Foi bem difícil, mas eu tive ajuda em casa”, conta.

Para a psicóloga Cássia Monteiro, que atua com orientação parental, não é possível escapar do cansaço ao se tornar responsável pelo bem-estar de um bebê. “A menos que a rede de apoio seja imensa, o que não é realidade para a maioria, é provável que os pais, especialmente os de primeira viagem, precisem lidar com desafios psicológicos, como saturação emocional e irritabilidade. Muitos dos meus pacientes relatam um sentimento de reestruturação de identidade, porque a chegada de um filho marca uma transição profunda”, ela menciona.

Durante consultas, Cássia observa que muitos pais e mães sentem-se mal por aceitar ajuda ou designar tarefas para outras pessoas, mesmo que sejam membros da família. “Parte do trabalho é ajudá-los a se desvincular dessa ideia de que precisam dar conta de tudo para serem bons pais. Mesmo fora da paternidade, é sofrido tentar dar conta de tudo sozinho”, comenta. Nesse sentido, a psicóloga frisa que relações de parceria são muito importantes para a saúde da família, especialmente entre os genitores.

“Se um está lá para o outro, entendendo que é um momento de adaptação, essa



Foto: Maria Capitulina/Colaboração

Ester buscou orientação antes do nascimento de Tomás

transição pode ser mais fácil. Como um bebê depende totalmente dos adultos, é frequente que todos os esforços se voltem para o bem-estar da criança, mas nenhum de nós vira máquina quando tem um filho. Continuamos humanos e também precisamos de cuidados”, defende Cássia. De acordo com ela, sem uma fonte de apoio que ajude a manter o bebê e a casa, é possível que uma pessoa se torne mais propensa a, acidentalmente, cometer um erro que prejudique a criança.

Conforme a pediatra Indira Sampaio, a troca de turnos pode ser uma boa estratégia ao cuidar de um bebê. Além disso, ter alguém confiável a quem pedir ajuda contribui para que toda a família se adapte com mais tranquilidade. “Se estamos cansados, vale a pena organizar turnos e se revezar nos cuidados com o bebê. Se perceber que há o risco de adormecer, vale a pena pedir ajuda”, orienta.

Segundo ela, é muito importante ser capaz de acolher os sentimentos que vêm junto a chegada de uma criança, seja a felicidade ou a sensação de esgotamento. “Cuidar de um bebê, principalmente no início da vida, quando ele depende integralmente da gente, exige muito esforço,

cansaço e privação de sono, mas estar exausto não coloca em prova quem somos. O que precisamos é ter discernimento de que as nossas escolhas causam impacto na saúde e segurança daqueles que mais amamos”, finaliza Indira.



Cuidar de um bebê, principalmente no início da vida, exige muito esforço, mas estar exausto não coloca em prova quem somos

Indira Sampaio

CONTRA AGRESSÕES

Lei amplia acesso a item de proteção

Nova medida autoriza compra e porte de spray de pimenta por mulheres; especialistas levantam questões sobre o tema

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Embora Rebeca, de 44 anos, nunca tenha usado o *spray* de pimenta que carrega na bolsa há alguns meses, ela não abre mão de tê-lo, ali, como precaução. Não foi uma agressão que a levou a procurar o produto, mas o medo de que alguma coisa pudesse acontecer enquanto estivesse sozinha. “Essa sensação é amenizada quando você sabe que está com um objeto que pode te proteger de um agressor”, reflete. Para ela, assim é melhor do que não ter qualquer possibilidade de defesa. A experiência de Rebeca ajuda a explicar por que a Lei nº 15.474 — aprovada pelo Congresso e recém-sancionada pela Presidência da República — ganhou espaço no debate público, ao autorizar o acesso de mulheres ao dispositivo.

A medida parte de uma promessa simples: ampliar as possibilidades de defesa. Para isso, autoriza a comercialização, o porte e o uso de aerossóis de extratos vegetais, como o de pimenta, para mulheres a partir dos 18 anos, como forma de repelir uma agressão “injusta, atual ou iminente”. Até então, o uso do dispositivo era restrito às Forças Armadas e aos órgãos de segurança pública, não havendo permissão geral de compra e de porte pela população. Em alguns estados, porém, essa liberação já não é novidade, a exemplo do Rio de Janeiro, onde uma lei, em vigor desde novembro de 2025, reconhece o *spray* de extratos vegetais como instrumento não letal de legítima defesa para mulheres. A nova legislação busca, justamente, uni-

formizar essa questão, ao estabelecer critérios válidos em todo o país.

Promessa e risco

Contudo, é quando o frasco sai da bolsa e a vítima entra em uma situação real de perigo que os limites da medida aparecem. Saber quando reagir, como utilizar o *spray* e reconhecer as situações em que ele pode ser útil são algumas das questões que a lei, por si só, não resolve. Mas nem por isso ela deixa de ser relevan-

te, ainda mais em um Brasil onde 1.571 mulheres foram vítimas de feminicídio, em 2025, de acordo com o 20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Para se ter ideia, só nos seis primeiros meses deste ano, a Paraíba contabilizou 19 feminicídios, segundo dados do Núcleo de Análise Criminal e Estatística (Nace), da Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds).

“O Brasil é um dos países onde é mais arriscado ser mu-

lher. Mais do que em alguns países islâmicos, por incrível que pareça”, confirma Gustavo Barbosa, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em Direito Penal e Sociologia Criminal. Para ele, ampliar as condições de autodefesa das mulheres é claramente importante, desde que o *spray* não seja confundido com uma resposta completa à violência. “O dispositivo confere a elas uma sensação de segurança, mas isso não significa segurança

efetiva. É um paliativo”, diferencia. Segundo Gustavo, o dispositivo pode até dar à vítima o tempo necessário para escapar e buscar ajuda, mas seu alcance pode ficar limitado se a medida não for acompanhada de políticas de prevenção e proteção. “Conferir autoproteção sem uma política mais abrangente é algo muito pontual e não vai resolver o problema. Ao mesmo tempo, a gente não pode negar às mulheres o direito de autodefesa”, frisa.

■ Para professor, fomentar a autodefesa feminina é importante, mas não constitui uma resposta completa à violência

Instrução adequada de uso caberá a programa nacional de treinamento

No caso de Rebeca, esse tipo de proteção veio mais como possibilidade de defesa do que como experiência. Desde que ganhou o *spray* do irmão, fez apenas um teste, a distância, para entender como funciona. Mas a borrifada já foi suficiente para sentir o ardor e a dificuldade para respirar. Apesar de contar com a proteção que o produto oferece, ela reconhece que não sabe como reagiria sob pressão, caso fosse obrigada a utilizá-lo. “Eu nunca precisei usar. Não sei como agiria na hora. Mas acredito que ele seja, de fato, um objeto que possa oferecer alguma vantagem à mulher, diante de uma ameaça”, analisa, destacando que a liberação pode, sim, ser benéfica, desde que seja feita com cuidado.

É justamente nesse espaço entre a intenção de reagir e o que pode acontecer em uma situação de perigo que a promotora de Justiça Artemise Leal, especializada na Defesa da Mulher, em João Pessoa, levanta um alerta. Em sua avaliação, o *spray* pode interromper uma agressão e criar uma oportunidade para que a vítima fuja, além de desestimular oportunistas; mas isso não

significa que ele funcione em qualquer circunstância. Em ambientes fechados, o produto pode atingir a própria mulher ou pessoas que não tenham relação com a situação. “A mulher que utilizar o *spray* de pimenta precisa de treinamento, porque ele não a protege em todas as situações”, pontua, lembrando que o próprio agressor pode tomar o item da vítima.

A sensação de proteção também pode interferir na reação diante de uma ameaça. Para a promotora, confiar demais no *spray* pode induzir a mulher a deixar de fugir ou de buscar ajuda, por não conseguir dimensionar até onde aquela violência pode chegar. “Muitas vezes, ela não tem condições de avaliar o possível escalonamento daquela violação e acaba deixando de acionar a polícia”, observa.

Capacitação

A Lei nº 15.474 tenta responder a algumas dessas preocupações, ao criar o Programa Nacional de Capacitação em Defesa Pessoal e Uso de Instrumentos de Menor Potencial Ofensivo para Mulheres. A implementação, entretanto, não

será imediata e ainda dependerá de regulamentação, disponibilidade orçamentária e parcerias para sair do papel. E o que mais chama atenção é que a participação das mulheres nessa formação não aparece como condição para a compra do produto. Aos estabelecimentos credenciados, caberá somente fornecer às consumidoras as informações básicas sobre o uso correto do *spray*.

Segundo Artemise, o treinamento deveria ser obrigatório. Para ela, a formação é necessária tanto para proteger a usuária quanto para “evitar que outras pessoas, que nada têm a ver com o contexto, sejam prejudicadas”. O professor Gustavo Barbosa também considera a capacitação essencial, embora não defende que a falta dela deva impedir a aquisição do dispositivo. Ele argumenta que transformar o treinamento em uma nova barreira para que as mulheres tenham acesso a um instrumento de menor potencial ofensivo poderia ampliar uma desigualdade já existente. Porém, como reforça Gustavo, isso não elimina a responsabilidade do poder público em oferecer algum preparo.

Venda será controlada e aplicação indevida pode gerar punição

Essa nova garantia de autodefesa às mulheres será, por outro lado, cercada de exigências. Vetado o trecho da proposta original que permitia a aquisição do *spray* por mulheres com idade de 16 a 17 anos, mediante o consentimento expresso de um responsável legal, o uso do dispositivo será autorizado, conforme a nova lei, apenas para maiores de 18 anos. Além disso, a compradora deverá apresentar documento com foto, comprovante de residência e certificado de que não possui antecedentes criminais. Caberá a cada estabelecimento, por sua vez, registrar a venda e garantir a rastreabilidade do produto, que será de uso individual e intransferível. Não à toa, em caso de perda, furto ou roubo, a responsável deverá registrar a ocorrência em até 72 horas, sob risco de multa.

Quanto ao produto, os recipientes terão capacidade máxima de 50 ml, mas a concentração da substância ainda dependerá de regulamentação. Essa definição, aliás, é importante porque, como explica Gustavo Barbosa, há *sprays* com diferentes intensidades e perío-

dos de duração dos efeitos — alguns podem incapacitar uma pessoa por até 30 minutos.

Contexto de utilização

Foi justamente o rigor dessas regras que chamou a atenção do especialista. Para ele, embora o controle seja necessário, há uma contradição em submeter um instrumento como esse, de menor potencial ofensivo, a tantas exigências, enquanto o acesso a armas de fogo foi flexibilizado no país, nos últimos anos. Do mesmo modo, o *spray* só poderá ser empregado em momentos bem específicos: seu uso só será considerado lícito, segundo a legislação, quando servir para repelir uma “agressão injusta, atual ou iminente, de maneira proporcional e moderada”. Dessa forma, a aplicação deverá cessar assim que a ameaça for neutralizada.

Fora desses contextos, o uso equivocado do dispositivo poderá render advertência, multa de um a 10 salários-mínimos, apreensão do item e proibição de uma nova compra por até cinco anos. E, em caso de reincidência, o valor dobra, sem

excluir possíveis responsabilizações, tanto civis quanto penais, quando a conduta for considerada crime. Em termos práticos, Gustavo indica que a simples aproximação de alguém ou uma suspeita, por si só, não bastam para caracterizar legítima defesa. É necessário que a agressão esteja acontecendo ou prestes a ocorrer, de forma reconhecível. No entanto, quando a reação partir de uma falsa percepção de perigo, a análise dependerá das circunstâncias; nesse caso, a mulher poderá, ou não, responder criminalmente e ainda ter de reparar o dano causado.

O cenário muda se o *spray* de pimenta for utilizado sem qualquer motivo, durante uma discussão ou contra alguém que não representava uma ameaça real. As consequências, conforme Gustavo, são bem mais claras. “Se a mulher simplesmente se irrita com alguém, puxa o *spray* de pimenta e o lança nos olhos de uma pessoa, pode responder por lesão corporal dolosa. Isso está totalmente fora do cenário de autoproteção previsto para o uso do artefato”, finaliza o professor.



Foto: Divulgação/Freeptik

Aprovada no Congresso e recém-sancionada pela Presidência da República, legislação respalda uso do dispositivo para repelir ataque “injusto, atual ou iminente”

CAMPINA GRANDE

Festival exhibe produções regionais

Em seu quinto ano, o Muído apresentará mais de 30 curtas-metragens da Paraíba e de outros estados nordestinos

A cidade de Campina Grande prepara-se para receber a quinta edição do Muído Festival de Cinema. Da próxima terça-feira (28) até o dia 2 de agosto, o evento promoverá uma ampla programação, totalmente gratuita, dedicada à produção audiovisual do Nordeste. Além da exibição de filmes, estão previstas atividades como oficinas, rodas de conversa, debates, apresentações musicais e uma feira de economia criativa. A maior parte da agenda do Muído terá como sede o Teatro Municipal Severino Cabral, localizado na Avenida Marechal Floriano Peixoto, s/n, no Centro.

Celebrando cinco anos de história, o festival de cinema campinense traz como tema “Acatar o tempo, refazendo tudo”, inspirado na canção *Refazenda*, do artista baiano Gilberto Gil. Entre os destaques dos seis dias de ações, o Muído apresentará, ao todo, mais de 30 curtas-metragens produzidos na Paraíba e em outros estados do Nordeste. São obras de ficção, documentários e animações que têm passado pelos principais eventos do gênero no Brasil. Com o intuito de fortalecer o intercâmbio entre realizadores, estudantes, pesquisadores e amantes do cinema, o Muído também oferecerá uma série de atividades formativas e culturais



O Teatro Severino Cabral sedia sessões a partir de 30 de julho

relacionadas à produção audiovisual. Outros atrativos do festival serão a Feirinha do Muído, abrindo espaço para mais de 30 empreendimentos locais exporem seus trabalhos, e o Assustado do Muído, com *performances* musicais variadas.

A expectativa do coordenador do evento, o cineasta Jaime Guimarães, é que a edição deste ano do Muído seja a maior já realizada. “Estamos, há meses, preparando um lindo festival, com a grandeza e a beleza que Campina Grande merece. O Muído cresce a cada ano e, nesta edição, que celebra nossa meia década, esperamos bater recorde de público. Teremos grandes filmes, nossa Feirinha fortalecida, o tradicional Assustado e uma programação inteiramente gratuita para toda a população”,

destacou Jaime.

O evento dispõe de recursos viabilizados pelo Edital Vladimir Carvalho de Fomento a Mostras e Festivais de Cinema da Paraíba, promovido pelo Governo do Estado, e conta com o apoio da Prefeitura de Campina Grande e do Banco do Nordeste (BNB), entre outras instituições.

Entre as atividades totalmente gratuitas, também estão previstas oficinas, debates e apresentações musicais

Agenda

Veja alguns destaques da programação do evento:

■ **Terça-feira (28 de julho)**
Mostra Especial Acessível
9h30 — Sessão 1
A nave que nunca pousa, de Ellen Moraes;
Lugar de Ladson, de Rogério Borges.

13h30 — Sessão 2
Nem todas as manhãs são iguais, de Fabi Melo;
Era uma noite de São João, de Bruna Velden.
Local: Instituto dos Cegos de Campina Grande (Rua João Quirino, nº 33, Catolé)

■ **Quarta-feira (29 de julho)**
19h — Vernissage do Muído e mostra especial Jabre 15 anos
Você conhece derréis?, de Veruza Guedes;
Fogo-pagou, de Ramon Batista;
Caetana, de Caio Bernardo Sophia, de Kennel Régis.
Local: Museu de Arte Assis Chateaubriand (Av. Mal. Floriano Peixoto, nº 718, Centro)

■ **Quinta-feira (30 de julho)**
19h — Abertura oficial e mostras competitivas e Mostra Facheiro Luzente
Visita, de André Leite;
Ratos, de Ismael Moura;
Chibata, de Eduardo P. Moreira;
Hipocondríaco, de Paulo Roberto e Heleno Florentino.

Mostra Mundaréu
Cléo aos 70, de Márcio Ferreira e Rafa Beck;
Como ler o vento, de Bernardo Ale Abinader e Sharon Hakim;
Esconde-esconde, de Vitória Vasconcellos;
Ressonância, de Anna Zêpa;
Local: Teatro Municipal Severino Cabral

■ **Sexta-feira (31/jul)**
15h30 — Roda de conversa
“Cinema nordestino no circuito independente e de mercado: possibilidades e experiências”, com Anna Andrade e Ulisses Arthur.

19h — Mostras competitivas e Mostra Facheiro Luzente
Valéria di Roma, de Carlos Mosca;
Nua, de Fabi Melo;
Um oceano inteiro, de Bruna Dias e Carine Fiuza;
Retomada étnica, de Jorge Elô.

Mostra Mundaréu
Ajude os menor, de Jander-son Felipe e Lucas Litrento;
Lança-foguete, de William Oliveira;
A vaqueira, a dançarina e o porco, de Stella Carneiro e Ary Zara;
Os arcos dourados de Olin-da, de Douglas Henrique.

Local: Teatro Municipal Severino Cabral

■ **Sábado (1º de agosto)**
15h30 — Longa-metragem convidado
Ao sabor das cinzas, de Taciano Valério.

19h — Mostras competitivas e Mostra Facheiro Luzente
Doula, de Ary Régis;
Colmeia, de Tatiane Oliveira;
Ninguém (mais) verá, de Fabiano Raposo;
A arte de morrer ou Marta Díptero Braquicero, de Rodolpho de Barros.

Mostra Mundaréu
O Carnaval é de Pelé, de Daniele Leite e Lucas Santos;
Os ursos e nós, de Maria Acselrad;
Recife tem um coração, de Rodrigo Sena;
Local: Teatro Municipal Severino Cabral

■ **Domingo (2 de agosto)**
18h — Longa-metragem convidado
Malaika, de André Moraes;

20h — Premiação e encerramento
Local: Teatro Municipal Severino Cabral



O tempo dos seus avós é agora!

Viver mais e melhor é uma realidade, e a informação de qualidade é parte essencial desse novo capítulo de trocas, experiência e afeto.

O Jornal A União oferece conteúdo confiável, relevante e voltado para todos que acreditam em uma longevidade ativa, conectada e consciente.

Presenteie com a melhor informação. Assine Jornal A União.

☎ (83) 99117-7042

JORNAL

AUNIÃO



Falecido em 2024, o realizador deixou um legado, além dos seus filmes, com diversos itens da sétima arte, a exemplo de claquete, moviolas, câmeras, fotos, documentos, troféus e esculturas feitas por ele



CINEMA

Uma obra que nunca sai de cartaz

Na capital federal, o projeto Cinememória, precioso acervo do cineasta paraibano Vladimir Carvalho, será catalogado e alocado para um novo espaço

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Guardo até papel de bala”, brincava Vladimir Carvalho sobre um de seus *hobbies* mais conhecidos: adquirir e manter sob sua tutela itens raros do universo do cinema — de câmeras antigas a carteirinhas de cineclubes. Esse material faz parte da Cinememória, fundação criada em 1994, pelo realizador paraibano radicado há décadas em Brasília. A frase jocosa foi recordada em texto recente do amigo de longa data, Sérgio Moriconi, ex-colaborador, que trouxe a público a boa nova: o precioso acervo, mantido num imóvel alugado na capital federal desde antes da morte do realizador, será catalogado e alocado permanentemente na Casa da Cultura da América Latina (Cal), espaço gerido pela Universidade de Brasília (UnB).

A empreitada será coordenada por Sérgio, ao lado da pesquisadora Gioconda Guedes e da jornalista Márcia Zarur, com a anuência da família do cineasta. O próprio Vladimir chegou a iniciar um processo de doação dos itens ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) — a notícia do aceite chegou dias antes do falecimento dele, em 24 de outubro de 2024. Mas um detalhe não ficou claro para o mantene-

dor: esse deslocamento seria apenas temporário. Antes ainda, houve mais uma tentativa, também com a UnB, instituição da qual ele foi docente. “Vladimir cedeu todo o acervo e o imóvel para a Universidade. Só que a UnB entrou em crise financeira e não pôde assumir o Cinememória. A doação teve de ser desfeita”, lembra Gioconda Guedes.

O trio está construindo a equipe que trabalhará, primeiro, na catalogação dos itens. Como a empreitada está em fase inicial, Sérgio, Gioconda e Márcia não divulgaram um número de peças do acervo, mesmo em caráter estimado. Mas eles trabalham com a hipótese de que esta primeira fase tomará todo este semestre; a mudança realmente está prevista para 2027. “Com a transferência realizada, de fato, sim, vai ter um projeto museológico. Inclusive, o Ministério da Cultura [MinC] e a Cinemateca Brasileira vão estar envolvidos, para nos ajudar a criar esse projeto, também educativo. E sim, a gente pretende realmente agendar visitas, para que todos possam conhecer um pouco do cinema antes da *internet*, do digital”, almeja.

A moviola de Glauber

Uma das razões que precipitou a mudança de local foi o perfil do setor onde o imóvel está — planejado por lei para abrigar apenas residências. O próprio Vladimir Carvalho mantinha “escondida” a fachada do Cinememória, afixada na parte superior do prédio em Brasília, em ocasiões especiais, e não fazia grandes eventos, apesar de abri-lo para

visitação. “A Cal funciona no Setor Comercial Sul, onde estão comércios e bancos. Acharmos que, futuramente, aquele espaço será revitalizado e vai nos permitir um fácil acesso, tem ponto de ônibus e metrô em frente. Nesse processo, contamos com o apoio de Leandro Grass, [ex-presidente] do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)”, informa Gioconda.

Dentre as peças que compõem o Cinememória, há duas moviolas, aparelhos utilizados para a edição dos filmes em película, antes do surgimento da montagem via *tape* ou computador. Uma delas foi o “xodó” de Vladimir: o equipamento serviu à pós-produção de *Terra em transe*, mítico longa-metragem de Glauber Rocha, lançado em 1964. “Ele também tinha muitos jornais, revistas, livros. Nessa biblioteca, há as primeiras edições dos livros do José Lins do Rego, por quem ele era completamente apaixonado”, cita Gioconda Guedes. O cineasta também adorava trabalhos manuais — esculpia santos em madeira, “apesar de ser ateu e comunista”, ressaltava, em chiste, a pesquisadora. As esculturas também seguirão para a Cal.

Parte desses equipamentos ajudou a formar turmas do curso de Cinema da UnB, fundado em 1965 e que mantém equivalência, hoje, com a habilitação em Audiovisual, da graduação em Comunicação Social; o material foi cedido a Vladimir quando da modernização dos centros. A memorabilia da fundação também contempla a filmografia do paraibano. “Ele tinha o fotômetro, que usava no seu *set* de filmagem. A câmera,

a claquete que ele usava nos seus filmes, estão lá também. Além disso, os roteiros e tudo o que ele escrevia sobre os roteiros. Ele tem até as primeiras carteirinhas dos associados do cineclubes criado por Paulo Emílio Salles Gomes, que veio, depois, criar o curso de cinema de Brasília”, assevera a pesquisadora.

Memória é vida

O jornalista Carlos Alberto Mattos, autor do livro *Vladimir Carvalho: pedra da lua e pelejas na lua*, afirma que o paraibano tinha um grande apreço pelos itens do Cinememória, que representavam a realização de um antigo sonho — a concepção de uma cinemateca brasileira, nos moldes da brasileira. Ele visitava o local todos os dias e promovia por lá sessões de cinema esporádicas. “Não era só uma coleção, uma reunião de coisas, era um pouco a vida dele, misturada com as coisas do cinema de Brasília. Tinha também os santos e as demais esculturas que ele fazia, incluindo a xilogravura que fez para o pôster do filme *O país de São Saruê* [o seu primeiro documentário em longa-metragem, de 1971]”, sinaliza.

Sobre as possibilidades de manutenção desses itens a partir de uma estrutura adequada, Carlos Alberto aponta que esse era, de fato, o intuito do paraibano. Quando da entrevista para a biografia mencionada no parágrafo anterior, Vladimir rememorou as origens da iniciativa — uma exposição fotográfica sobre a produção audiovisual brasileiro, em 1982 — e acabou confessando as desvantagens de coordenar esse montante vultoso: “Com o prazer de



manter esse singelo e modesto memorial, vêm também os contratempos. A alergia. Ou o estresse da luta desatinada contra o sumiço dos papéis. Posso passar uma semana à cata de um documento apenas para perdê-lo em seguida, no labirinto dos guardados”, disse.

A consulta a esse acervo por parte de outros pesquisadores, experientes ou iniciantes, ajudaria, ainda, conforme Carlos Alberto Mattos, a difundir o currículo cinematográfico de Vladimir, que apesar de residir em Brasília desde os anos 1960, nunca havia apagado as suas origens paraibanas. “Ele fazia essa ponte entre os ecos do Nordeste e do Centro-Oeste, entre a Paraíba, Pernambuco e Brasília. Por isso, o filme *Conterrâneos velhos de guerra*, era a história dos imigrantes que, como ele, foram para Brasília construir a cidade. Um olhar externo, trata n d o desse material, vai

ser uma redescoberta. Vai ser muito bacana”. O jornalista conclui: “Por todas essas razões, [a Fundação Cinememória] era, para ele, a vida, o sangue”.

Foto: Jean Peixoto/Divulgação



Coleção ficará permanentemente na Casa da Cultura da América Latina (foto ao lado), um equipamento gerido pela UnB

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A música ocidental e o controle do gozo

Historicamente, a música ocidental tem sido alvo de duros questionamentos. De Theodor Adorno e a sua crítica à indústria cultural, passando por Arnold Schoenberg e a defesa da emancipação da dissonância, até Julia Kristeva e a sua crítica ao falocentrismo, diferentes autores colocaram em questão seu estatuto estético, político e cultural.

As ideias de Julia Kristeva, que é o que nos interessa neste texto, originam-se de seu diagnóstico mais geral sobre a cultura ocidental, que estaria fundada em dois elementos estruturantes: a) o *logos*, isto é, a razão, a lógica e o discurso organizado; b) o *phallos*, ou seja, a centralidade do sujeito masculino como organizador da sociedade.

É daí que ela olha para a música tonal criada no ocidente, que se consolida no século 17, como uma expressão simbólica do patriarcado. Isso porque, se observarmos bem, esse tipo de música funciona de maneira a evitar a dissonância ao mesmo tempo em que a sua estrutura está voltada para produzir ordem. Há uma hierarquia bastante rígida em relação à tônica, à nota central, a qual todas as demais se orientam ao seu redor.

Kristeva encontra, dessa forma, um paralelismo simbólico entre a “lei do pai” e a tônica, argumentando que as notas ganham valor de acordo com a distância ou a submissão ao centro dominante, do mesmo modo que acontece numa família patriarcal, nas relações dos seus membros com o pai. O que explicaria os cromatismos serem vistos geralmente como indesejáveis para o sistema, o que aconteceria também com determinados acordes dissonantes.

Há, porém, outro argumento bastante curioso: o de que a música tonal seria teleológica, o que significa dizer que ela foi criada com um fim obrigatório. Como as narrativas bíblicas de criação que nos levam ao juízo final, ou a ideia filosófica que concebe um sentido último para a História, a música tonal é orientada para aplacar qualquer tipo de tensão. Isso fica claro quando vemos que a música tonal opera a partir de momentos distintos, que se complementam e que levam a supressão de qualquer instabilidade. São eles, nessa sequência: o alívio, a tensão e a resolução.

Na música ocidental, toda tensão precisa ser resolvida com o retorno à tônica. O afastamento dela provocará tensão, que pode ser entendida como expressão simbólica do desejo. Esses sentimentos são vistos como perigosos, explica Kristeva, porque, se desgobernados, tendem a libertar o corpo e romper com a domesticação imposta pela ordem patriarcal, redefinindo esteticamente a música ao incorporar elementos femininos ligados à chora semiótica (um conjunto de ritmos primevos, sons, ruídos que experimentamos na relação corporal com a nossa mãe antes de qualquer espécie de formalização sonora pela linguagem).

A consequência dessa lógica é que a catarse e o prazer só se tornam socialmente legítimos quando organizados e regulados pela estrutura de poder dominante. O gozo não é proibido, é fato, mas é administrado. Podemos experimentar o excesso desde que ele permaneça submetido a regras impostas de fora para dentro. Nesse sentido, a figura mitológica de Ulisses, amarrado ao mastro do navio para ouvir o canto das sereias sem se lançar ao mar,

é um bom exemplo. Ele pode fruir o encantamento, mas apenas sob a vigilância da razão. O prazer é permitido, desde que não ameace a ordem.

A música tonal também pode ser compreendida como uma metáfora da economia falocêntrica do desejo. Sua organização repousa sobre um movimento teleológico, ou seja, o afastamento progressivo da tônica produz uma tensão que tende continuamente à resolução, culminando em um clímax seguido pelo repouso. A analogia com o gozo masculino não decorre de uma essência biológica, mas da forma como ambos são estruturados por uma fórmula de acumulação, descarga e retorno ao equilíbrio. O desejo aparece como um percurso orientado para um fim previamente determinado.

Essa organização faz da tonalidade um sistema profundamente previsível. O que é necessário. Observe que mesmo quando a composição se afasta da tônica ou introduz dissonâncias, o ouvinte, educado dentro desse código, espera que o conflito seja resolvido pelo retorno ao centro. A ruptura existe apenas como etapa necessária da reconciliação. Ficamos presos a um ciclo que flui inevitavelmente para a repressão e a ordem. É aqui que a tonalidade pode ser pensada como uma forma estética alinhada com a subjetividade burguesa. Tal como a ideologia liberal transforma as contradições sociais em algo transitório, passíveis de mediação e absorção pelas instituições burguesas, a música tonal converte a tensão em um elemento funcional da harmonia. O conflito, então, deixa de possuir autonomia e passa a existir apenas como caminho para a restauração da ordem.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

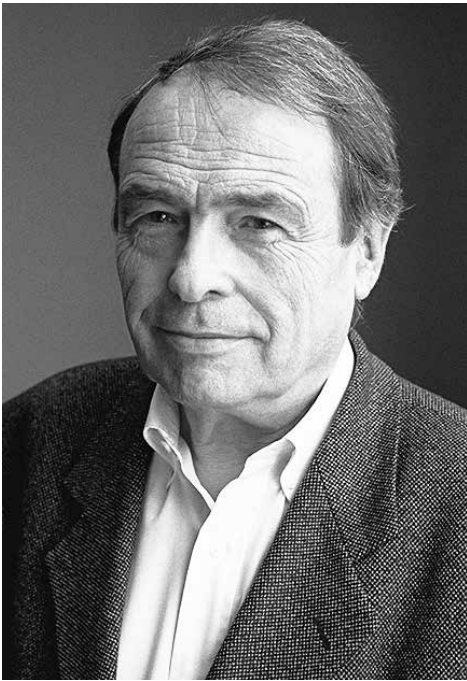
Impactos da intencionalidade artística

A intencionalidade artística refere-se ao conjunto de propósitos que orientam o processo criativo do artista na elaboração de uma obra. Essa intenção manifesta-se na comunicação de ideias, na expressão de emoções, na elaboração simbólica da experiência humana e na provocação de reflexões acerca da realidade. Nesse sentido, a arte constitui uma forma privilegiada de produção de sentidos, por meio da qual o sujeito interpreta o mundo, questiona valores estabelecidos e compartilha visões de existência. Mais do que um objeto estético, a obra de arte configura-se como uma linguagem capaz de mobilizar processos cognitivos, afetivos, éticos e políticos.

Os impactos da intencionalidade são estudados por meio de três funcionalidades complementares. O primeiro trata da expressão pessoal que corresponde à exteriorização da subjetividade do artista, que utiliza cores, formas, sons, gestos ou palavras para traduzir sentimentos, memórias, conflitos, desejos e experiências existenciais. O segundo está relacionado à comunicação e ao diálogo, que evidencia a arte como mediação entre o criador e o público, permitindo a circulação de narrativas, valores culturais e interpretações sobre a condição humana. O terceiro relaciona a crítica social e política para expor a capacidade das manifestações artísticas de problematizar estruturas de poder, denunciar desigualdades, questionar normas sociais e estimular o pensamento crítico diante das contradições históricas. Por sua vez, a dimensão estética e lúdica enfatiza a experiência sensível, o prazer da contemplação, a imaginação e a criação de novas formas de percepção do mundo, sem excluir, contudo, seus significados culturais e sociais.

Nessa perspectiva, a arte constitui um fenômeno social. Sua produção, circulação e recepção são condicionadas por contextos históricos específicos, ainda que essa relação não possa

Foto: Reprodução/Cia. das Letras



Filósofo francês Pierre Bourdieu (1930–2002)

ser reduzida a um determinismo mecânico entre artista e sociedade.

A consciência artística é continuamente constituída em interação com o meio social, sendo influenciada por fatores culturais, econômicos, políticos e simbólicos que atuam, muitas vezes, de forma indireta e complexa. Essa compreensão encontra respaldo na sociologia da cultura do filósofo francês Pierre Bourdieu (1930–2002). Em *As regras da arte*, publicado em 1992, o autor demonstra que toda produção artística possui uma historicidade própria, sendo resultado das condições objetivas e simbólicas de sua gênese.

Ao discutir a historicização dos produtos culturais, Bourdieu adverte que reconhecer sua inserção histórica não significa relativizar seu valor universal. Ao contrário, significa compreender que sua universalidade emerge das condições concretas de produção. Nas palavras do autor, historicizar uma obra consiste em “restituir-lhe sua necessidade, arrancando-a à indeterminação que resulta de uma falsa eternização e relacionando-a às condições sociais de sua

gênese, verdadeira definição geradora” (1996, p. 333).

No campo da educação artística, essa perspectiva torna indispensável à compreensão das relações entre arte e sociedade. O ensino da arte não deve restringir-se à apreciação estética ou ao domínio de técnicas expressivas, mas promover a compreensão crítica do papel histórico das produções culturais. Educar artisticamente significa possibilitar que os estudantes reconheçam a arte como patrimônio simbólico da humanidade e, simultaneamente, como instrumento de interpretação, questionamento e transformação da realidade social.

Nessa proposta, Georges Snyders (1917–2011), filósofo francês, em *Para onde vão as pedagogias não diretivas?*, defende que as grandes transformações sociais foram protagonizadas por indivíduos que assimilaram intensamente a cultura existente, apropriando-se, inclusive, dos elementos críticos e revolucionários presentes nas obras de arte. Conforme o autor, “as pessoas que determinaram mudanças radicais são as que assimilaram mais intensamente a cultura existente” (1974, p. 340).

A formação da sensibilidade estética e o contato com diferentes linguagens artísticas e culturais promovem a autonomia intelectual, a consciência crítica e a compreensão histórica. Dessa forma, a educação artística contribui para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira ética, crítica e transformadora na construção do bem-estar social.

Sinta-se convidado para a audição do 577º Domingo sinfônico, que ocorrerá neste dia 19, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/rdio-fm. Durante o programa comentarei algumas peças do compositor e regente alemão Richard Georg Strauss (1864–1949) destacando como elas expressam reflexões sobre a função social da arte.

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Rua Santo Elias

Da Praça do Bispo fui bater na Rua Santo Elias, no Centro de João Pessoa. Eu não queria ver a destruição — morei naquela rua, na casa de uma irmã de meu pai, nos anos 1970, que tinha como vizinha Andrea Flores. De manhã, a rua era tão bonita, parecia um filme. Hoje, a Rua Santo Elias virou um inferno.

Uma sensação provinciana, às três da tarde, passava um homem vendendo pão doce em formato de jacaré. Quase um realismo pacato, se assim posso imaginar, algo do sonho e a memória do clássico *Amarcord* (de Fellini, 1973), algo tirado de uma profundidade abissal.

Era uma rua cheia de páginas elusivas que ofereciam uma forma de convivência prolongada, todo mundo se conhecia, como se a capital fosse uma cidadezinha do interior. Era incrível olhar para o espelho da Lagoa do Parque Solon de Lucena e jamais imaginar um Narciso inquietante.

Rua dos Amores, por onde passava o povo do Róger, encaminhando-se para o mercado central ou nunca descobrir uma coisa nova. Se brincasse, poderia aparecer ali uma lata de sopa Campbell’s nas “ventas” de um curioso feito eu, vindo de longe. E não demorei para (des)fazer a cabeça. Nenhum mal-entendido compreensível. Nada.

Rua das coisas novas em lugares antigos, para nos fazer crer que sabem alguma coisa que transformaria as nossas vidas se também o soubéssemos.

Rua Santo Elias, sonho meu. Dormíamos todos naquela casinha estreita que tinha um corredor que nos levava para a cozinha e o banheiro. Redes armadas pela casa e camas de campanha — aquelas de ferro.

Eu, e os primos Paulo, Rofran e Fábio, filhos de Rosilda, a mulher de Tiquinho, eles primos legítimos, primos meus que me acolheram.

Eu pegava a bicicleta dos primos e pedalava dando voltas pela Rua Santos Dumont, onde fomos morar tempos depois. Eu ficava horas olhando para os gatos e cães empalhados — era uma loja, que tinha na metade da rua. Eu queria entender por que aqueles animais mortos ficaram ali, com os olhos abertos para o invisível

Chovia e eu chorei sozinho. Fui ler o *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa*, de Jomar Moraes Souto, publicado há anos. O livro é uma fotografia dos tempos passados, moinhos e achados, mandacarus e tambaús, todos nus, mas o itinerário de Jomar não cabe mais na cidade.

Quem foi Santo Elias? Combateu a idolatria e o culto ao deus pagão Baal, fortemente promovidos pelo rei Acabe e pela rainha Jezabe. Que coisa, parece que foi ontem, que eu cheguei a Santo Elias.

Anos 1970, os casarões das Trincheiras, minhas primeiras descobertas naquele cinema falado, onde não havia ruínas. Tambiá e seus casarões, alguns viraram escritórios e o que dizer do Jardim das Acácias, com sua gente humilde.

Cadê a Rua Santo Elias, a flor do amor, a Clínica São Camilo, toda azulejada, a loja de sapatos Margareth na esquina, que sina misturar as acácias com as morenas cor do sol de Tambaú?

Eu me perdi na Rua Santos Elias, com meu celular filmando o caos.

Kapetadas

- 1 – A inércia traiu o movimento;
- 2 – Se conseguisse ser pior, estaríamos todos no Hades.

Foto: Arquivo pessoal



Rua Santo Elias, localizada no Centro da capital paraibana

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

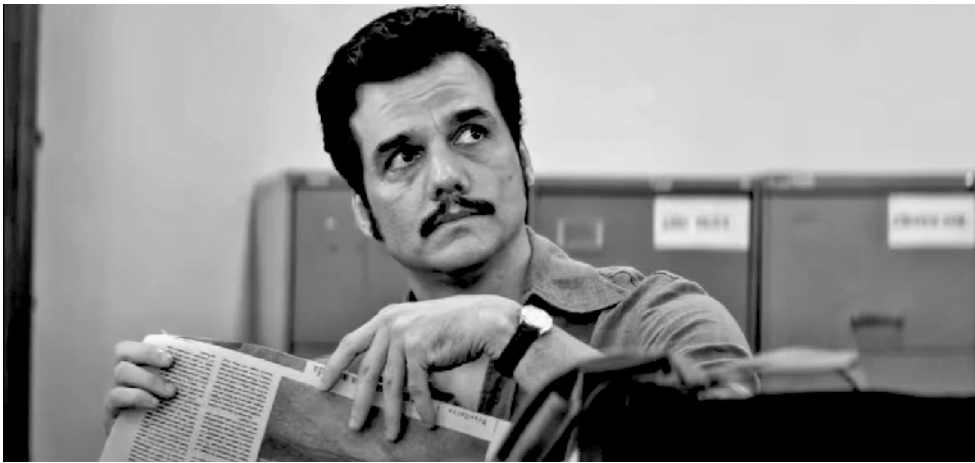
Cine Aruanda conclui Mostra Grande Otelo

Palco de inúmeras apresentações fílmicas, tanto para fins didáticos no curso de Cinema e Audiovisual como para debates sobre cinema paraibano, o Cine Aruanda, que fica localizado no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), recebeu neste mês uma mostra especial com obras cinematográficas de diversas regiões do país.

A Mostra Grande Otelo 2026, que será concluída na próxima terça-feira (28), com sessões às 19h, teve sua abertura exibindo o filme *Homem com H*, uma cinebiografia de Ney Matogrosso dirigida por Esmir Filho, vem brindando o público paraibano com obras finalistas do prêmio promoção da Academia Brasileira de Cinema. O filme de Kleber Mendonça Filho, *O agente secreto*, encerra a mostra de João Pessoa, nesta semana.

Considerada uma importante manifestação em prol do cinema nacional, a mostra vem sendo exibida em todo o território nacional, podendo ser assistida na Sala Cine Aruanda, que foi inaugurada em 2013 e leva seu nome em homenagem póstuma ao cineasta pernambucano radicado na Paraíba e professor da UFPB, Linduarte Noronha. Um espaço destinado a exibições de filmes e debates sobre a sétima arte, ações que valorizam o cinema paraibano e a formação dos estudantes da UFPB.

O Cine Aruanda é considerado um polo de difusão cultural de formação e extensão audiovisual. Nas suas atividades, sobretudo de cunho acadêmico, fazem parte exibições gratuitas de mostr



Wagner Moura no premiado *O agente secreto*, encerrando as sessões gratuitas da iniciativa

nacionais e estrangeiras. Modelos como o Prêmio Grande Otelo e o Fest Aruanda, este realizado anualmente e criado em 2005, na UFPB. Hoje, em respeito à sua tradição, foi reconhecido pelo Poder Público como “Patrimônio e Bem de Natureza Imaterial da Paraíba”.

E sobre a importância do Fest Aruanda do Audiovisual Internacional da Paraíba, lembro bem de nossa participação, anos atrás, quando exibimos fora de concorrência (*hors concours*) o nosso média-metragem *Américo — Falcão peregrino*. Obra de ficção que dirigi em 2015, tendo como cenário a região praieira de Lucena, e resgata a trajetória e o período de atuação do poeta paraibano Américo Falcão, no início do século. Filme realizado com recursos da empresa ASProduções, com equipes e atores paraibanos. Seu *link* de acesso no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=JhrC-5yQx3M>.

Finalizando, gostaria de me congratular com os coordenadores do curso de Comunicação e do Cine Aruanda, integrantes da Academia Paraibana de Cinema, por mais esse importante evento: a Mostra Grande Otelo de Cinema. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso *blog*: [www.alexsantos.com.br](http://www.alex santos.com.br).



Pelo QR Code, acesse *Américo — Falcão peregrino* no YouTube



APC recebe pesquisadores da FCJA

A diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC) reuniu-se na última quarta-feira (22), na Sala Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, em João Pessoa, para tratar de assunto relacionado à eleição da nova diretoria da entidade até o fim do ano.

Na oportunidade, o prof. João de Lima, presidente da APC, apresentou um grupo de pesquisadores do projeto da FCJA/Fapesq-PB, formado por Larissa Brito, Eduardo Alex e a cineasta Ana Bárbara Ramos, quando assistiram a um vídeo sobre o escritor Wills Leal. A pesquisadora Ana Bárbara, segundo informou, está finalizando um longa-metragem sobre Walfredo Rodriguez, *Sob o céu nordestino*.

AUDIOVISUAL

Produções francesas integram a programação dominical do projeto Cinema Passeio, em JP

O Cinema Passeio apresenta gratuitamente, hoje, os longa-metragens *Hiroshima, meu amor* (1959) e *Os olhos sem rosto* (1960), dentro da mostra de cinema francês, uma iniciativa que acontece em parceria com a Embaixada da França e a Aliança Francesa. As duas sessões, que são gratuitas, ocorrem às 16h e às 19h, respectivamente, no bairro da Torre, em João Pessoa.

Verdadeiro clássico dirigido por Alain Resnais, *Hiroshima, meu amor* conta a história de uma atriz fran-

cesa (Emmanuelle Riva) que faz um filme pacifista no Japão. Ela tem um breve caso com um arquiteto japonês (Eiji Okada). Eles conversam num quarto de hotel, num bar, durante a noite. Ela fala dela, jovem de Nevers, que um dia, na França ocupada, amou um soldado alemão. O breve encontro desperta memórias profundas sobre o trauma da guerra e o seu primeiro amor. A obra de ficção tem uma classificação indicativa de 12 anos.

Hiroshima, meu amor foi pioneiro no uso de cortes para mostrar cenas em *flashback*, mesclando com cenas da atualidade. Já o ator Eiji Okada não sabia falar nenhuma palavra de francês e, com isso, teve que memorizar foneticamente cada palavra dita em cena.

O outro filme em cartaz é *Os olhos sem rosto* (1960), de Georges Franju. Na produção, Génessier (vivido por Pierre Brasseur), um célebre cirurgião, tem uma filha

(a atriz Edith Scob) terrivelmente desfigurada por conta de um acidente automobilístico. Com a ajuda da assistente Louise (encarnada por Alida Valli), ele sequestra jovens moças e transplanta a pele delas para o rosto da filha, tentando reconstruir a sua beleza.

A classificação indicativa é de 14 anos. O realizador Georges Franju nunca considerou o filme uma história de horror, apenas uma “obra angustiante”.



Edith Scob (E) em *Os olhos sem rosto* (1960); Eiji Okada e Emmanuelle Riva (D) estrelam *Hiroshima, meu amor* (1959)

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Poemas municipais

Soledade

O nome já é poema.

A geografia, agreste metafísica.

Não se vai ao Sertão sem cortar as artérias do que é seco e dói, sem antecipar os candelabros do sol que a tudo sacraliza.



Fagundes

Santo Antônio, poema e pedra, abençoa os devotos do amor.

O povoado escala a ladeira da fé.

Feliz de quem faz a travessia geodésica!



Monteiro

Ruas largas, espreguiçadeira na calçada, José Rafael de Menezes me espera, com a sabedoria nas mãos.

Espio a noite que se aproxima, larga, absoluta.

A cidade descansa no meio do tempo.



Gado Bravo

Bravo sol, brava gente, Gado bravo.

Currais, leite, novilhas, eis a tua história.



Esperança

Se passo pela calçada da Matriz, ouço os passos de uma sombra iluminada.

Esperança, tens a beleza de um soneto de Silvino Olavo, a luz da melhor chave de ouro.



Aroeiras

Cercada de pedras por todos os lados.

A mais fina neblina que molhou a minha alma.

NO STREAMING

K-drama mescla fantasia e xamanismo

Série sul-coreana A leste do palácio pertence a leva das produções de mistério e suspense que estão em alta

Sabrina Legramandi
Agência Estado

O primeiro episódio de *A leste do palácio*, novo *k-drama* que acaba de chegar à Netflix, é angustiante de cara. Gu-Cheon, personagem de Nam Joo-hyuk, transita entre o mundo dos vivos e dos mortos. Ele é convocado pelo rei (Cho Seung-Woo), para impossibilitar que fantasmas que dizem querer “extinguir toda a linhagem do rei” cumpram a promessa. Gu-Cheon tem a companhia de uma dama da corte, Saeng-gang (Roh Yoon-Seo), filha do monarca que tem a habilidade de ouvir vozes dos mor-

tos. Os dois precisam impedir um fantasma que tenta possuir o filho caçula do soberano. Mas tudo é muito obscuro: seja no mundo dos mortos ou na vida real.

A trama usa uma espécie de terror visual e psicológico para deixar o público imerso na história. O *k-drama* é da leva das produções de suspense que estão tão em alta e mescla fantasia sombria e *saengeuk*, termo coreano que define dramas históricos baseados em dinastias.

“Sentimos uma grande responsabilidade, pois muitas pessoas ao redor do mundo estão interessadas em nosso trabalho e na cultura coreana”,

afirma Nam Joo-Hyuk sobre o atual sucesso dos *k-dramas*, em entrevista para a imprensa brasileira. “São histórias que oferecem uma diversão individual ao permitir que o público expanda seus pensamentos para além da realidade”. Para Roh Yoon-Seo, esse interesse vem encabeçado pelo *k-pop*. “Acho que a fantasia dá vida a perguntas que todos fazemos, como: ‘E se eu pudesse voltar ao passado?’”

A série usa i n - fluên- c i a s

do xamanismo coreano para contar a história. A religião, que surgiu antes do budismo e do cristianismo, tenta explicar influências da natureza e do sobrenatural na vida. Roh Yoon-Seo diz que o xamanismo “oferece muitos elemen-

tos interessantes para explorar, tanto na narrativa quanto no aspecto visual e artístico”. “É uma cultura com raízes muito profundas”, afirma.

A produção é o primeiro trabalho de Nam Joo-Hyuk

após cumprir o serviço militar obrigatório na Coreia do Sul. Ele diz que o Exército “deu muito espaço mental para refletir sobre muitas coisas”. “Embora não tenha encontrado todas as respostas, estou tentando novos desafios”.



Cinema

Programação de 23 a 29 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, o Cine Guedes, em Patos, o Cinemaxxi Cidade Luz, em Guarabira, e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

ÁGUAS MORTAIS (*Deep Water*). EUA, China, Nova Zelândia, Espanha, 2026. Dir.: Renny Harlin. Elenco: Aaron Eckhart, Ben Kingsley, Molly Belle Wright. Suspense. Um voo de Los Angeles para Xangai é forçado a fazer um pouso de emergência, no entanto, as águas que deveriam servir de abrigo, se tornaram um grande perigo. Infestada de tubarões, os passageiros internacionais ficam extremamente assustados com a situação, mas será preciso um momento de união para superar suas diferenças e sobreviver a animais famintos enquanto o avião afunda pelo mar. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 15h30 (exceto dom. e qua.), 18h10.

BACKROOMS: UM NÃO LUGAR (VERSÃO ESTENDIDA) (*Backrooms*). EUA, 2026. Dir.: Kane Parsons. Elenco: Chiwetel Ejiofor, Renate Reinsve, Lukita Maxwell. Terror. Homem desaparece através de um portal em labirinto de corredores e sua terapeuta vai tentar encontrá-lo. Reestrea do filme, com 16 minutos a mais. 2h06. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 21h30.

MARSUPILAMI – CONFUSÃO A BORDO. (*Marsupilami*). França, Bélgica, 2026. Dir.: Philippe Lacheau. Elenco: Philippe Lacheau, Jamel Debbouze, Élodie Fontan. Comédia. Para salvar seu trabalho no zoológico, David concorda com um plano arriscado: ele deve trazer de volta um pacote misterioso da América do Sul. Ele acaba em um navio de cruzeiro com seu ex, seu filho e seu desajeitado e distraído colega Stéphane, que David usa para transportar secretamente o pacote para ele. Tudo dá errado quando Stéphane acidentalmente abre o pacote e liberta um adorável bebê Marsupilami. Esta criatura rara e habilidades transforma rapidamente uma viagem em um caos completo. Em meio à aventura Maluca, David e sua família redescobrem a força de seus laços familiares. 1h39. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h.

PRÉ-ESTREIA (QUARTA-FEIRA, DIA 29)

HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA (*Spider-Man: Brand new day*). EUA, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Jacob Batalon. Aventura. Quatro anos se passaram e Peter Parker agora é um adulto que vive totalmente sozinho, tendo se desligado voluntariamente da vida e das memórias daqueles que ama. Combatendo o crime em uma Nova York que não sabe mais seu nome, ele se dedica exclusivamente à proteção de sua cidade — um Homem-Aranha em tempo integral — mas à medida que as exigências sobre ele se intensificam, a pressão desencadeia uma evolução física que ameaça sua existência surpreendente, mesmo quando um novo padrão estranho de crimes dá origem a

uma das ameaças mais poderosas que ele já. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 14h (leg.), 17h (leg.), 20h (dub.); CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 15h (dub.), 18h (leg.), 21h (leg.). CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 18h15, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h30, 18h45, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h45, 16h, 19h15, 22h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 14h30, 17h45, 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE, dub., 3D): 14h, 17h15, 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP, leg., 3D): 13h30, 16h45, 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h30, 18h45, 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h55, 18h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h25, 17h40, 20h55. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser, dub.): 14h (3D), 16h45, 19h30; CINESERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser, dub.): 14h (3D), 16h45, 19h30; CINESERCLA PARTAGE 2 (laser, dub.): 15h, 17h45, 20h30; CINESERCLA PARTAGE 4 (leg.): 20h45.

REAPRESENTAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h10; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 12h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 12h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 12h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h30.

ESPECIAL

MOSTRA A CINEMATECA É BRASILEIRA. Exibição de nove filme no Cineteatro São José, em Campina Grande. **Cineteatro São José: Quinta-feira (23/7):** 16h – *Última parada 174*; 20h20 – *Amei um bicheiro*. **Sexta-feira (24/7):** 18h30 – *Última parada 174*; 20h20 – *Sanecamento básico, o filme*. **Sábado (18/7):** *Lé com Crê*; 17h05 – *O menino e o mundo*. **Quinta-feira (30/7):** 20h20 – *Branco sai, preto fica*. **Sexta-feira (31/7):** 20h20 – *Morto não fala*.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: De 2 a 31/7.

MOSTRA PRÊMIO GRANDE OTELO DO CINEMA BRASILEIRO 2026. Exibição gratuita de filmes no Cine Aruanda, no CCTA da UFPB, campus de João Pessoa. **Cine Aruanda: Quinta-feira (23/7):** 17h – *Sonhar com os leões*; 19h – *O último azul*. **Sexta-feira (24/7):** 17h – *C.I.C – Central de Inteligência Cearense*; 19h – *Ritas*. **Terça-feira (28/7):** 17h – 19h – *O agente secreto*.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 23/7: 17h; sex., 24/7: 19h; qua., 29/7: 17h; qui., 30/7: 19h; sex., 31/7: 15h.

CONTINUAÇÃO

ANATOMIA DO CAOS. Brasil, 2026. Dir.: Dandara Ferreira. Documentário. A trajetória completa da CPI da Covid-19 e transforma imagens exclusivas em um retrato poderoso de um dos períodos mais turbulentos da história recente do Brasil. 1h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 23/7: 17h; sex., 24/7: 19h; qua., 29/7: 17h; qui., 30/7: 19h; sex., 31/7: 15h.

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton, Zendaya, Charlize Theron, Elliot Page, Jon Bernthal, Mia Goth, John Leguizamo.

Aventura. Após a Guerra de Troia, o herói grego Odisseu (Damon) quer voltar para a sua casa. Pelo caminho, o guerreiro enfrenta criaturas míticas e deuses em sua jornada épica de retorno, onde sua esposa Penélope (Hathaway) o aguarda. O rei de Ítaca descreve sua trajetória esbarrando com seres como os ciclopes, as sereias e a feiticeira e deusa Circe. Baseado no poema épico de Homero. 2h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 14h (dub.), 17h30 (leg.), 21h (leg.); CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h (exceto qua.), 17h20 (apenas na qua.), 20h45 (apenas na qua.). CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h10, 17h50, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 17h40 (exceto qua.), 21h20 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): 14h15 (dub., exceto qua.), 18h (dub., exceto qua.), 21h50 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP, leg.): 13h30 (exceto qua.), 17h15 (exceto qua.), 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP, leg.): 15h15, 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h30, 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 21h30. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 19h (exceto qua.; CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h (exceto qua.); CINESERCLA TAMBIA 6 (laser, dub.): 14h (exceto qua.), 17h05 (exceto qua.), 20h10 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser, dub.): 14h (exceto qua.), 17h05 (exceto qua.), 20h10 (exceto qua.); CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 19h (exceto qua.); CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h (exceto qua.).

AQUELE QUE VIU O ABISMO. Brasil, 2026. Dir.: Negro Leo e Gregorio Gananian. Ficção científica. Elenco: Negro Leo, Danielly O.M.M. Kaufmann, Ava Rocha, Clara Choveaux. Imerso em visões e viagens alucinógenas, X tenta sobreviver numa distopia com um sistema opressor. 1h10. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 28/7: 19h; qui., 30/7: 20h40; sex., 31/7: 16h40.

O CONVITE (*The Invite*). EUA, 2026. Dir.: Olivia Wilde. Elenco: Seth Rogen, Olivia Wilde, Penélope Cruz, Edward Norton. Comédia. Casal que caiu na rotina convida vizinho para um jantar e a noite toma rumos inesperados. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 20h40.

CRIADAS. Brasil, 2026. Dir.: Carol Rodrigues. Drama. Elenco: Ana Flavia Cavalcanti, Mawusi Tulani, Ivy Souza. Duas primas que cresceram juntas na mesma casa em São Paulo se reencontram. A convivência entre elas expõe feridas, colorismo e forças sobrenaturais. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 23/7: 15h; sáb., 25/7: 17h40; ter., 28/7: 15h; sex., 31/7: 18h10.

A HERANÇA DE NARCISA. Brasil, 2026. Dir.: Clarissa Appelt e Daniel Dias. Terror. Elenco: Paola Oliveira, Rosamaria Murtinho, Elvira Helena. Ana (Oliveira) retorna ao velho casarão de sua infância, após a morte de sua mãe, a ex-vedete Narcisa. Decidida a vender o imóvel, ela passa a ser assombrada pelo espírito da mãe. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 23/7: 18h40; sex., 24/7: 20h40; dom., 26/7: 19h40; qui., 30/7: 17h10.

MAMBEMBE. Brasil, 2026. Dir.: Fábio Meira. Documentário. Topógrafo cruza o caminho de três mulheres de tradição circense. 1h38. 12 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sex., 31/7: 16h.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (*Maya, donne moi un titre*). França, 2024. Dir.: Michel Gondry. Animação/comédia. Vivendo em países diferentes, pai e filha mantêm vínculo através de

um ritual noturno narrativo em que ela sugere um título e ele cria curtas animados baseados nas ideias. 1h01. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ (dub.): sáb., 25/7: 16h30; dom., 26/7: 15h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ (dub.): sáb., 25/7: 15h30.

MOANA (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Laga'aia, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. 1h55. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h45, 17h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h15 (exceto qua.), 16h50 (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.), 22h10 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h (apenas na qua.), 15h40 (apenas na qua.). CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h10 (exceto qua.), 16h20 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 20h40 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h10 (exceto qua.), 16h20 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 20h40 (exceto qua.).

A MORTE DO DEMÔNIO EM CHAMAS (*Evil Dead Burn*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Sébastien Vanicek. Elenco: Souheila Yacoub, Hunter Doohan, Luciane Buchanan. Terror. Após a perda do marido, uma mulher enlutada busca consolo com seus sogros na isolada casa de campo da família. No entanto, o reencontro logo se transforma em um inferno na Terra quando o Livro dos Mortos liberta forças demoníacas que os transformam em Deadites (como são chamados os demônios da franquia) um por um. 1h51. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 20h45 (exceto na qui.).

MINIONS E MONSTROS (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Comédia/aventura/ animação. Os Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 14h15, 16h20 (exceto qua.), 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h50, 16h10, 18h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h20 (exceto sáb. [sessão inclusiva] e qua.), 16h30 (exceto qua.), 18h45 (exceto seg. [sessão inclusiva] e qua.), 21h (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h, 16h15. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h20 (exceto qua.), 17h10 (exceto qua.); CINESERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h15 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h20 (exceto qua.), 17h10 (exceto qua.); CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h15 (exceto qua.).

SALVAÇÃO (*Kurtulus*). Turquia, 2026. Dir.: Emin Alper. Drama. Elenco: Caner Cindoruk, Berkay Ateş, Feyyaz Duman. Baseado em eventos reais, numa aldeia remota no alto das montanhas turcas, um grupo exilado retorna para com sede de disputa pelo território. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sex., 24/7: 15h; dom., 26/7: 17h30; qua., 29/7: 19h30; qui., 30/7: 15h.

SIRÂT (*idem*). Brasil, 2026. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Núñez Arjona, Richard Bellamy. Drama. 1h54. 16 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sex., 24/7: 16h; qui., 30/7: 16h.

TOY STORY 5 (*idem*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Animação. Bonecos tentam fazer a sua dona voltar a brincar depois que ela se viaja numa tela. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h45, 17h, 19h15; CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h15 (apenas na qua.), 20h30 (apenas na qua.). CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h, 16h20, 19h, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h, 15h20; CINÉPOLIS

MANAÍRA 5 (dub.): 13h40 (exceto dom.), 16h (exceto dom. e qua.), 18h30 (exceto dom. e qua.), 20h50 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser, dub.): 14h20 (exceto qua.), 16h30 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 20h30 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser, dub.): 14h20 (exceto qua.), 16h30 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 20h30 (exceto qua.).

UM TRISTE E BELO MUNDO (*Nujum al'amal w al'alam*). Líbano, Alemanha, EUA, Arábia Saudita, Catar, 2026. Dir.: Cyril Aris. Drama. Elenco: Mounia Akl, Hassan Akil. Ao longo de 30 anos, o intenso vínculo de Nino e Yasmina enfrenta uma eleição entre amor e sobrevivência, enquanto consideram formar uma família no Líbano devastada pela guerra. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sex., 24/7: 17h; sáb., 25/7: 19h40; ter., 28/7: 17h; qua., 29/7: 15h; sex., 31/7: 20h10.

VALOR SENTIMENTAL (*Afteksjonsverdi*). Noruega, Alemanha, Dinamarca, França, Suécia, Reino Unido, Turquia, 2026. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga Ibsdotter Lilleaas. Drama. 2h14. 14 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: sáb., 25/7: 19h; sex., 31/7: 17h50.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação: diária, 8h às 22h, até 24/7. Entrada franca.

AVESSOS. Exposição coletiva que reúne trabalhos de 10 artistas (Anatália Silva, Camila Oliveira, Diego Dionísio, Elisa Paula, Guilherme Peres, Hebert Francisco, Jules, Kal Veras, Lucas Magalhães Leiros e Ray Venâncio) em diversas técnicas: pintura, cerâmica, escultura, fotografia, bordado, performance e instalação.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM CONVENTINHO (R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Visitação: seg. a sex., 9h às 17h, até 16/7. Entrada franca.

CARLOS DJALMA. Exposição da série Sesc Grandes Nomes.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2.788, Cabo Branco). Visitação diária, até 31/7. Entrada franca.

A INTREPRETAÇÃO DOS SONHOS. Exposição individual do paraibano Frankleyson Brasileiro traz a público uma série com inspirações surrealistas, baseada na análise psicanalítica do mundo onírico. São 30 telas em óleo sobre tela, além de uma escultura e uma máscara, ambas em papel *machê*.

João Pessoa: NOVA GALERIA, na CA-RAVELA CULTURAL (Av. General Osório, 63, Centro). Visitação: quarta-feira (18h às 00h), quinta-feira (19h às 1h), sexta-feira (19h às 2h) e sábado (17h às 3h), até 30/9. Entrada franca.

PASSARADA. Exposição composta por 20 quadros de Pedro Callado sobre a diversidade aviária do Nordeste brasileiro.

João Pessoa: ESPAÇO AQUARELA, situada na ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação: de terça-feira a sexta-feira (9h às 18h); sábado e domingo, (10h às 18h), até setembro. Entrada franca.



Trama usa uma espécie de terror visual e psicológico para deixar o público imerso na história

Foto: Divulgação Netflix

ELEIÇÕES

Sistema dual equilibra poder no país

Escolha para cargos do Executivo e do Legislativo obedece a regras distintas, que são ignoradas por parte do eleitorado

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Nas eleições de outubro, os brasileiros definirão presidente da República, governadores, senadores e deputados federais, estaduais e distritais. Contudo, a escolha entre os cargos do Executivo e do Legislativo é realizada de maneira distinta: em alguns casos, o voto é no candidato; em outros, beneficia o partido. Isso porque o sistema eleitoral brasileiro é dual, com dois modelos para diferentes funções. O sistema majoritário é adotado para os postos de presidente, governadores, prefeitos e senadores. Já as eleições para vereadores e deputados federais, estaduais e distritais seguem o modelo proporcional.

Para presidente e governadores, é utilizada a maioria absoluta, sendo necessários mais de 50% dos votos válidos para que um indivíduo seja eleito. Em cidades com mais de 200 mil habitantes, caso nenhum candidato alcance a maioria, é realizado um segundo turno, no qual os dois mais votados são submetidos novamente às urnas para atingir uma maioria absoluta. Para senadores e prefeitos de cidades pequenas, a regra é diferente: basta o candidato ser o mais votado entre os demais concorrentes, atingindo a maioria simples.

Já no modelo proporcional, o processo torna-se mais complexo. No Brasil, é adotado o sistema proporcional de lista aberta, o que permite que as vagas disponíveis nas Casas Legislativas sejam distribuídas proporcionalmente ao desempenho de cada partido no pleito, a partir da soma de votos que a legenda obteve. Ou seja, além de definir os candidatos para os cargos legislativos de deputados federais, estaduais, distritais e vereadores, os votos também servem para fortalecer as agremiações. Esse modelo gera dois cenários que ainda são muito criticados: de um candidato ser mais votado, mas não assumir o cargo; e o de um único candidato ser “puxador de votos” para outros postulantes.

A partir das eleições de 2020, no entanto, a Justiça Eleitoral estabeleceu a cláusula de desempenho individual, determinando que um candidato precisa ter um número de votos igual ou maior que 10% do quociente eleitoral — que é a quantidade de votos válidos dividida pelo número de vagas em cada estado — para ser considerado eleito ao Parlamento.

Para o analista político José Marciano, esse cenário tende a criar barreiras à oxigenação do poder. “É importante dizer que isso não impede necessariamente a renovação política, mas tende a contribuir para que a renovação política seja em termos geracionais”, pondera. “O fato de termos um país com muitos partidos e muita fragmentação partidária também acaba fragilizando essas instituições ou essa



Foto: Bruno Spadua/Câmara dos Deputados

Falta de alinhamento entre Poderes pode gerar atraso na aprovação do orçamento, rejeição de projetos importantes, crises políticas e até impeachments

Modelos

Sistema majoritário aplica-se para presidente, senadores, governadores e prefeitos; vereadores e deputados são eleitos pelo método proporcional

instituição chamada ‘partido político’, levando o eleitor a fazer a escolha muito mais com recorte personalista do que um recorte institucional”, acrescenta.

Falta de entendimento

Na visão do especialista, entender essa matemática da eleição dos deputados gera muita confusão nos eleitores, comprometendo a qualidade de seu voto. “Como é possível pensar uma democracia forte, sem que tenhamos os eleitores bem formados acerca do sistema que orienta o processo eleitoral? Uma democracia forte, a meu ver, depende de elei-

tores bem formados”, enfatiza José Marciano.

Essa realidade também é percebida pelo cientista político Darcon Sousa. Ele considera que a preocupação sobre o funcionamento do sistema proporcional é, predominantemente, dos partidos e candidatos, os quais definem suas estratégias em função dessas regras. “[O eleitor] continuará votando no candidato que acha melhor, com quem tem mais afinidade, de quem recebeu algum benefício, que foi indicado por alguém de suas relações sociais ou por concordância ideológica, sem compromisso com o fortalecimento de partidos, mas, sim, focado no candidato”, opina.

Diante desse cenário, José Marciano destaca a urgência da educação política como ferramenta de fortalecimento democrático. “A educação política é fundamental, porque não serve apenas para dizer, por exemplo, em quem votar. Não se trata disso, mas para que o cidadão saiba exatamente o que acontece com o seu voto e quais os efeitos que essa escolha produz para a sociedade”, argumenta.

Influência do Legislativo

Uma das consequências dessa falta de formação po-

lítica é um voto desalinhado entre o Executivo e o Legislativo. Ou seja, o eleitor vota para o governador de um espectro político e no seu oposto para deputado.

O cientista político Fábio Machado destaca que esse voto desarticulado entre o Executivo e o Legislativo compromete a governabilidade e “a capacidade de aprovar novas políticas públicas, realizar grandes investimentos e implementar reformas estruturais”.

Segundo o especialista, quando esses dois Poderes não estão alinhados, poderão ocorrer atraso na aprovação do orçamento, rejeição de projetos importantes, crises políticas frequentes, dificuldade para governar, queda da confiança de investidores e da população e, em situações extremas, abertura de processo de *impeachment*, desde que existam fundamentos jurídicos e apoio político.

Fábio Machado ressalta que presidente e governadores não “mandam sozinhos” e que a maior parte dos eleitores não tem consciência do poder real de um representante do Legislativo. “Muitos eleitores ainda acreditam que o deputado apenas cria leis e fiscaliza o governo. Na realidade, ele também influencia

diretamente a destinação de recursos públicos para hospitais, escolas, infraestrutura, equipamentos e diversos programas governamentais”, lembra.

O especialista explica que o aumento de influência do Legislativo foi percebido após a aprovação das emendas impositivas, que, hoje, giram em torno de R\$ 50 bilhões. “Assim, ao escolher um deputado federal, um senador, o eleitor está escolhendo alguém que aprova leis, fiscaliza o Executivo, participa da elaboração e aprovação do orçamento, direciona recursos públicos por meio das emendas e exerce forte influência sobre as políticas públicas nacionais”, enfatiza.

Voto cruzado

Nas eleições deste ano, cerca de 60% do Senado será renovado, com a eleição de dois senadores por estado. Diferentemente da Câmara, a distribuição de vagas no Senado é a mesma para cada estado, sendo três por unidade da Federação. Com isso, um novo cenário possível também gera controvérsias: a adoção do chamado “voto cruzado” — quando o eleitor opta por candidatos de chapas distintas.

Para Darcon Sousa, o voto

cruzado pode resultar em ineficácia no uso dos recursos públicos, por conta da ausência de sincronismo entre os senadores e o governador. “O Estado tem uma ordem de prioridades no atendimento às demandas da população e às necessidades de investimentos estruturais que precisam estar alinhadas com os recursos disponíveis aos senadores via emendas parlamentares. Quando um senador resolve destinar emendas para obras e ações restritas aos seus interesses políticos, há perdas no sentido de se buscar cumprir agendas e pautas que devem ser consensualmente discutidas e decididas entre o governador e o senador no sentido de otimizar a gestão e os gastos públicos”, defende.

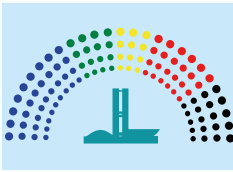
Entender matemática do pleito é fundamental para garantir governabilidade e êxito na aprovação e execução de políticas públicas

Saiba Mais

Entenda como as vagas para deputados e vereadores são distribuídas no Brasil



O quociente eleitoral
Para saber quantos votos valem uma vaga no Legislativo, a Justiça Eleitoral faz uma conta simples: soma todos os votos válidos (excluindo brancos e nulos) e divide pelo número de vagas em disputa. O resultado é o quociente eleitoral (QE).



O quociente partidário
Em seguida, pega-se a soma de todos os votos que um partido ou federação recebeu e divide-se pelo quociente eleitoral. O resultado (desprezando as frações) define quantas cadeiras aquele partido conquistou no Parlamento.



A regra dos 10%
Para assumir uma dessas cadeiras da legenda, o candidato não pode apenas “pegar carona”. Ele precisa ter recebido, no mínimo, uma votação própria equivalente a 10% do quociente eleitoral. O objetivo é evitar que candidatos com votação quase nula sejam eleitos na esteira de grandes “puxadores de votos”.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Baixa integração impede o protagonismo lusófono

Aproximação entre países aumentaria peso político em fóruns globais

Agência Senado

Há 30 anos, Lisboa foi palco de um encontro histórico: a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Em 17 de julho de 1996, os mandatários das sete nações que falavam português fundaram a organização internacional, que tem como missão usar o idioma comum para aproximar os integrantes, incentivar a cooperação e as trocas, aumentar a inserção mundial e beneficiar suas populações.

Os fundadores da CPLP foram Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Outras duas nações aderiram à comunidade posteriormente: o Timor-Leste, em 2002, logo após sua independência, e a Guiné Equatorial, em 2014, depois que tornou o português uma de suas línguas oficiais — a principal é o espanhol, e o português é falado por 1% da população.

Apesar das três décadas de existência, só em 2026 se fez, pela primeira vez, uma ampla pesquisa de opinião abrangendo os países da CPLP. Trata-se do *Barômetro da Lusofonia*, que ouviu 5,7 mil pessoas em oito dos países membros — a Guiné Equatorial ficou de fora por questões logísticas. O levantamento foi idealizado e executado pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe), com sede no Recife (PE). No Brasil, os resultados foram apresentados no Senado, em março.

A pesquisa revelou que, embora os países de língua portuguesa estejam espalhados por quatro continentes (África, América, Ásia e Europa), não façam fronteira entre si e estejam em diferentes níveis de desenvolvimento humano, os problemas que as respectivas populações enxergam em seus territórios são muito parecidos e incluem saúde, educação e desemprego. Verificou-se, também, um sentimento de insatisfação com os rumos da democracia, embora os cidadãos sigam valorizando as eleições diretas.

O historiador Virgílio Arraes, professor de História Contemporânea na Universidade de Brasília (UnB), entende que tal preocupação não representa saudosismo das ditaduras ou dos governos de partido único que os países experimentaram no passado. “Essa frustração decorre da insuficiência social dessas democracias em áreas como saúde, educação, desemprego e violência. Em muitos casos, como o próprio barômetro revela, o desapontamento leva ao desejo de emigrar, na busca por países mais desenvolvidos e menos injustos socialmente”, analisa.

A pesquisa também indica que, na opinião dos entrevistados, seus governos não estão preparados para enfrentar eventos climáticos extremos, suas sociedades discriminam pessoas da comunidade LGBTQIA+ e a escravidão dos povos africanos é um tema que deveria ser obrigatório nas escolas.

Na avaliação do senador



Foto: Carlos Moura/Agência Senado

Diagnóstico da relação entre nações de língua portuguesa consta no Barômetro da Lusofonia

Nelsinho Trad, presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado, o levantamento tem potencial para direcionar políticas públicas em nível nacional e também estimular a aproximação entre os países da CPLP.

“Se compartilhamos a mesma língua e enfrentamos muitos dos mesmos desafios, faz sentido ampliar a cooperação entre universidades, centros de pesquisa, empresas e governos. O barômetro nos permite enxergar mais oportunidades e aprender com experiências que deram certo em lugares que enfrentam desafios muito parecidos com os nossos”, opina.

Brasil é destaque negativo

O *Barômetro da Lusofonia* identificou que, de forma geral, os países que falam português conhecem consideravelmente bem uns aos outros. A exceção é o Brasil. Dos brasileiros questionados sobre outras nações lusófonas, apenas 6% citam a Guiné-Bissau, por exemplo. Dos guineenses, por sua vez, 71% mencionam o Brasil. Como comparação, a Guiné-Bissau é lembrada por 57% dos cabo-verdianos, 41% dos portugueses e 31% dos timorenses. O único país que a maioria dos brasileiros consegue apontar é Portugal. Ainda assim, trata-se do menor índice entre todas as nações (62%). Portugal é lembrado por 95% dos cabo-verdianos, 84% dos são-tomenses e 83% dos guineenses.

De acordo com o coordenador de Projetos da ONG Instituto Brasil África, Pedro Fontenele, a distância identitária que o Brasil mantém dos demais países lusófonos se explica pela geografia.

“Por sermos um país de proporções continentais, tentemos a olhar mais para o próprio umbigo, ao contrário dos demais países da CPLP. Por causa da ignorância, acabamos enxergando os países africanos com preconceito. Mas a realidade é que estamos umbilicalmente conectados a eles”, observa.

Segundo o *Barômetro da Lusofonia*, não se trata apenas de desconhecimento — também há desinteresse. Dos entrevistados brasileiros, 38% afirmam não ter nenhuma curiosidade por manifestações culturais de outras nações de língua portuguesa. Esse desinteresse não se repete nos outros países. Em Cabo Verde e Timor-Leste, por exem-

plo, apenas 3% dão a mesma resposta.

Virgílio Arraes, da UnB, explica que, quando conhece melhor os países lusófonos da África, o Brasil conhece com mais profundidade sua própria história, já que a maior parte da população é negra e a escravidão de origem africana foi, por muito tempo, a base da economia brasileira. Esse isolamento, para o especialista, é um contrassenso, já que o Brasil é o maior país da CPLP e, como tal, deveria ser o condutor do processo de integração. Trata-se, portanto, de uma falha estrutural do país.

“O nosso ensino simplesmente ignora o fundo comum da lusofonia. É inadmissível que, no Ensino Médio e na universidade, não existam disciplinas voltadas para esse tema. Não se trata de uma falha pontual, mas de um problema estrutural, que não se limita à lusofonia e se repete na relação com nossos vizinhos sul-americanos. O Brasil não se aprofunda como deveria, desperdiçando oportunidades de integração cultural e política”, critica.

O professor acrescenta que, não ocupando a liderança da comunidade lusófona, o Brasil também perde importantes possibilidades de inserção internacional. Se assumisse esse papel, chegaria aos fóruns globais com muito mais autoridade e peso político. Foi justamente por estratégia diplomática, por exemplo, que a Guiné Equatorial decidiu transformar o português em uma de suas línguas oficiais e ingressar na CPLP.

Pedro Fontenele, do Instituto Brasil África, afirma que o continente africano — onde se situam seis dos nove países da CPLP — vem sendo palco de grandes negócios internacionais e que o Brasil está deixando escapar inúmeras possibilidades econômicas.

“A África é, hoje, o continente que mais cresce em termos econômicos no mundo, com uma média superior à de outras regiões. Diversos países perceberam isso, como China, Estados Unidos, Rússia e nações do Golfo Pérsico, e já estão na África investindo e fechando negócios. É preciso que o Brasil olhe com mais profundidade para esse novo horizonte estratégico, que tem uma enorme projeção de expansão”, defende.

Caminhos possíveis

Na opinião do embaixador

de Moçambique em Brasília, Alexandre Manjate, os resultados do *Barômetro da Lusofonia* devem ser lidos como um alerta de que é necessário investir na difusão do conhecimento sobre a CPLP no Brasil.

“É preciso divulgar não apenas discursos, mas também os efeitos práticos dessa organização internacional na vida das pessoas. Caso contrário, a CPLP vai se reduzir a conversas entre lideranças. É preciso inverter essa lógica, promovendo um tipo de cooperação que produza benefícios e bem-estar para as populações e tornando essas ações conhecidas”, argumenta.

A diretora de Pesquisas do Ipespe, Roseane Xavier, lembra que existem no mundo levantamentos semelhantes, como o *Latinobarômetro*, que todos os anos, desde 1995, mede valores e comportamentos da população de toda a América Latina. De acordo com ela, esta primeira edição do *Barômetro da Lusofonia* é útil em várias frentes.

“Para governos e organizações, serve como base para políticas públicas, ajudando a compreender a opinião das populações e a orientar decisões. No meio acadêmico, fornece dados valiosos para cientistas políticos e sociais, antropólogos e estudantes da língua portuguesa, permitindo análises sobre comportamento, valores, integração cultural, voto e democracia. Além disso, contribui para dar visibilidade aos países lusófonos, inclusive os africanos com diferentes níveis de desenvolvimento, fortalecendo sua presença e participação no cenário internacional”, diz.

Segundo o senador Nelsinho Trad, o Poder Legislativo precisa ser atuante nesse processo de aproximação internacional. “O Congresso tem um papel importante, porque é aqui que os acordos internacionais são discutidos, aprovados e acompanhados para que saiam do papel. Precisamos avançar no reconhecimento de diplomas, ampliar a cooperação entre universidades, incentivar pesquisas conjuntas e abrir mais espaço para empresas dentro da comunidade. Também é essencial conhecer melhor a produção cultural e científica dos demais países. Quanto mais nossos países trabalharem juntos, maior será o aprendizado coletivo. Já temos um recurso poderoso que facilita isso: a língua que nos une”, frisa.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (52)

Há seis anos, durante a quarentena, entrou no ar a Rádio Barata com sua “marcha em defesa do inseticida, defendendo o golpe cívico militar democrata evangélico libertador ditatorial”.

“Não tenho muita certeza, mas também não tenho muita dúvida” (Arturo Gouveia).

“Para você que não enxerga, uma nave extraterrestre será sempre um avião” (Sérgio Sampaio).

“Mozart desafia a poesia. Duvida de sua existência, mas também a endeusa. Saca sua fluidez, seus ritmos e ritos. Toca sua casca, chupa sua essência, vomita o bagaço” (Dalmo Oliveira, no prefácio do meu livro *Laranja romã e outros poemas*)

Preguiça também é lei. Primeira Lei de Newton: “Todo corpo em repouso tende a permanecer em repouso”.

“Política não é só a arte de engolir sapos. Já defini a política como a arte de pedir votos aos pobres, pedir recursos financeiros aos ricos e mentir para ambos depois” (Antônio Ermírio de Moraes).

“Na política não há amigos, apenas conspiradores que se unem” (Victor Lasky).

Li no Bluesky: “Fui a uma audiência no juizado e o juiz estava usando bermuda. Era um tribunal de pequenas calças”.

Uma freira rezou para Nossa Senhora de Coromoto, padroeira da Venezuela, e foi salva dos terremotos. Outras pessoas não rezaram, não receberam nenhuma graça. Escaparam, mas por outras razões.

No Dia do Amigo, recebi essa mensagem: “Amigos são aquelas pessoas que conhecem seus defeitos e, em vez de se afastarem, decidem investigar o fenômeno mais de perto”.

Na década de 1940, o Botafogo do Rio derrotou um time chamado “Mangueira” por 24 a 0. Acho que foi inspirado nesse time que batizaram o Mangueira Futebol e Cachaça, de Entroncamento, no qual fui um lendário atleta alcoolista.

Mulher acende vela para Santo Antão para casar, mas se engana. O santo casamenteiro é Santo Antônio de Pádua. Passou 20 anos gastando vela para o santo errado, jamais casou.

“Eu sou o tipo de cara que acorda bem cedo no domingo só pra assistir ao Globo Rural e aprender a plantar discórdia!” (Ameba, o rei da ingrisia).

Ingrisia é confusão e briga. Do dicionário de nordestinês.

“O amigo é somente um inimigo que não atacou ainda” (Capitão, de *Os Pinguins de Madagáscar*).

“Um amigo de verdade faz você passar vergonha em público pelo menos três vezes ao ano” (Robson Crusoe).

“Qualquer pessoa que mantém a capacidade de ver a beleza nunca envelhece” (Franz Kafka).

“Poucos sabem, mas é possível votar sem levar alguma vantagem material ou obter promessas de ganho” (Naldo Gótico).

Dotado de burrice orgânica, escritor se vale da inteligência artificial.

Mêves Gama, a primeira mulher a gravar forró e rock na Paraíba, estreou aos 11 anos na Rádio Tabajara.

“Matei a bola no peito e procurei o 2 do meu time. O bicho tava na beira do campo, tomando cana com caju” (Zé Batata, meia-esquerda do Mangabeira Futebol e Cachaça, de Entroncamento, falando de minha atuação no time).

O idiota não compreende o humor. Desde quando a roda ainda era quadrada, o idiota existe e o humor também. Não se sabe se a idiotice é genética, hormonal ou aleatória. Mas esses mesmos idiotas têm feito do mundo um lugar mais divertido de se viver.

E nada é sagrado.

Columnista colaborador

TRABALHO INFANTIL

Estados não têm planos de combate

Na maioria das UFs, enfrentamento está travado ou é incipiente; exceções são Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Sul

Daniella Almeida
Agência Brasil

Apenas Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Sul têm planos decenais de enfrentamento ao trabalho infantil vigentes. Nas outras 24 unidades da Federação (UFs), esses documentos estão vencidos, em elaboração ou atualização, aguardam publicação ou ainda não existem. Os dados foram apresentados, na última quarta-feira (22), pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção a Adolescentes no Trabalho (FNPETI), no estudo inédito *Mapeamento dos Planos Estaduais e Distrital de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção a Adolescentes no Trabalho*.

Os planos estaduais definem responsabilidades do poder público, estabelecem metas e desempenham papel estratégico na articulação entre áreas para a promoção e garantia dos direitos de crianças e adolescentes. A secretária-executiva do FNPETI, Katerina Volcov, destacou que, nas três unidades da Federação que elaboraram os planos de enfrentamento ao trabalho infantil vigentes, houve convergência da vontade política por parte do Estado e da atuação e incidência política da sociedade civil.

Katerina Volcov também detalhou que, entre os fatores que levam à omissão dos outros estados e do Distrito Federal, estão as barreiras políticas em âmbito estadual, marcadas pela baixa prioridade política atribuída ao tema, pela baixa articulação e intersetorialidade das secretarias de Estado e pela redução do apoio governamental. Ela também cita o enfraquecimento da sociedade civil organizada e os períodos de paralisação de fóruns estaduais que, por sua vez, fazem o controle social dos planos.

De acordo com o FNPETI, o estudo “evidencia fragilidades na implementação, no acompanhamento e na continuidade dessas políticas públicas”. A representante do fórum nacional ressalta que a falta de um plano vigente impacta mais diretamente as crianças e adolescentes de três formas: invisibilidade e



Foto: Leopoldo Silva/Agência Senado



Foto: Arquivo pessoal

“É fundamental o fortalecimento dos órgãos, secretarias e conselhos de direitos e a integração de distintas áreas

Katerina Volcov

“É fundamental o fortalecimento dos órgãos, secretarias e conselhos de direitos e a integração das distintas áreas, como educação, saúde, trabalho e geração de renda, sistema de Justiça e fiscalização, que podem e devem trabalhar de maneira coordenada e intersetorial. Por fim, a atuação da sociedade civil organizada é fundamental para o controle social dessas políticas e, sendo assim, pode e deve incidir no monitoramento, na avaliação e continuidade das políticas”, argumenta.

Ausência de um plano de enfrentamento vigente causa invisibilidade e desproteção contínua das crianças e adolescentes

desproteção contínua, ações isoladas e ineficientes e incapacidade de respostas.

“Sem planejamento e monitoramento contínuos, as iniciativas não podem ser avaliadas, tampouco seus resultados podem ser aferíveis, além de reduzir a capacidade de resposta às distintas formas de trabalho infantil presentes nas regiões”, explicou Katerina Volcov.

Falta de monitoramento

A publicação também chama atenção para o fato de que 76,9% dos 27 fóruns estaduais relatam que não conseguem acompanhar com frequência se as poucas ações existentes estão dando resultado. O levantamento conclui que a falta de monitoramento ainda é um dos principais desafios da temática.

Sem planejamento e acompanhamento contínuos, aumentam as dificuldades para atualizar os planos, definir indicadores, manter registros das ações desenvolvidas e institucionalizar processos contínuos de avaliação. Além disso, as iniciativas tendem a se dispersar, ficam mais vulneráveis às mudanças de gestão e perdem capaci-

dade de responder às diferentes formas de trabalho infantil.

Desafios

O estudo aponta desafios estruturais do próprio setor público para combater o trabalho infantil. Entre eles estão falta de planejamento, descontinuidade administrativa, insuficiência de recursos financeiros

e humanos, rotatividade de equipes, dificuldades de articulação entre diferentes órgãos e ausência de mecanismos permanentes de monitoramento e avaliação.

A representante do fórum nacional entende que é possível blindar as políticas de enfrentamento ao trabalho infantil da descontinuidade por meio da garantia legal e orçamentá-

ria. Katerina defende que o tema seja transformado em política de Estado, por meio de leis, decretos e planos de longo prazo, com a garantia de orçamento público que assegure a continuidade das iniciativas, ações e programas, independentemente de gestão ou partido político. Ela ainda menciona o trabalho integrado e o controle social.

Soluções devem atender às demandas locais

O mapeamento propõe a aplicação do IV Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção a Adolescentes no Trabalho, elaborado pela Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (Conaeti), como um modelo completo, com metas, indicadores e estratégias, para ajudar os estados e o Distrito Federal a criarem ou atualizarem seus próprios planos estaduais.

O documento nacional deve ser adaptado à realidade específica de cada unidade da Federação, com especificidades como trabalho agropecuário, mendicância ou atividades em

áreas litorâneas. “Cada plano estadual precisa partir de um diagnóstico e responder às demandas concretas daquele estado”, esclareceu Katerine.

Além disso, os estados devem criar comissões estaduais paritárias, com governo e sociedade civil, e garantir orçamento e recursos humanos para elaborar seus planos de enfrentamento.

Crianças e jovens

Apenas 30,8% dos fóruns estaduais e distrital de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil informaram contar com participação ativa de ado-

lescentes. Katerina Volcov explica que a baixa participação decorre da ausência de uma educação em direitos humanos consolidada na formação de todas as crianças e adolescentes do país. O estudo também indica a necessidade de fortalecer o protagonismo desse público nos espaços de discussão e a construção das políticas voltadas à garantia de seus direitos.

Para mudar essa realidade, foram criados os comitês de participação de adolescentes (CPAs) no Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), em conselhos estaduais e

em fóruns estaduais de erradicação do trabalho infantil. A especialista ressalta que a participação desse público seja adaptada à capacidade de cada faixa etária, com a mudança no currículo da Educação Básica.

“É preciso que, no currículo escolar da Educação Básica, de modo transversal, os direitos humanos sejam pautados em sala de aula, a fim de que mais crianças e mais adolescentes conheçam seus direitos e participem da vida pública, na medida de suas capacidades físicas e intelectuais relativas à própria idade”, frisa Katerina.

Ambientes digitais fizeram surgir novas formas de exploração

O *Mapeamento dos Planos Estaduais e Distrital de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção a Adolescentes no Trabalho* ainda percebe a naturalização do trabalho infantil em todo o país e o surgimento de novas formas de exploração de crianças e adolescentes, especialmente em ambientes digitais, como as redes sociais.

No sentido de proteger as crianças e adolescentes no

ambiente digital, a legislação brasileira atualizou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio do ECA Digital, em vigor desde março deste ano. Entre as medidas previstas, ele estabelece regras para a atividade artística de crianças e adolescentes.

Para além do ECA Digital, a Resolução nº 687/2026, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), instituiu o Banco Nacional de Alvarás para

Atividade Artística de Crianças e Adolescentes (BNAC). Como defensora da proteção de crianças e de adolescentes no trabalho, Katerina Volcov explica que o trabalho infantil no ambiente digital é um desafio recente que exige atenção urgente e debate articulado.

Cenário brasileiro

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contí-

nua (Pnad Contínua) sobre o trabalho de crianças e adolescentes de cinco a 17 anos de idade revela que, no fim de 2024, havia cerca de 1,65 milhão de crianças e adolescentes em trabalho infantil no Brasil. O número significa um aumento de 34 mil casos (2,1%) em relação a 2023, apesar de ter ocorrido uma redução de 21,4% de 2016 a 2024. Os dados foram coletados pelo Instituto Brasi-

leiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A mesma pesquisa do IBGE revela que 586 mil crianças e adolescentes continuam vítimas de trabalho infantil em suas piores formas, de acordo com a Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIIP), instituída pelo Decreto nº 6.481/2008, que regulamentou termos da Convenção 182 da Organização Internacional do Traba-

lho (OIT), definindo 93 piores formas de trabalho infantil.

O Brasil também é signatário da meta número 8.7 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), na qual, entre outros compromissos, o país compromete-se a assegurar a proibição e a eliminação das piores formas de trabalho infantil.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Editais abrem mais de 400 vagas

Oportunidades estão distribuídas entre o Governo do Piauí e as prefeituras de Conceição, no Sertão, e Salvador

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Antes de escolher um curso, o candidato também precisa saber até onde está disposto a ir por uma vaga. Nesta semana, quem prefere permanecer no estado encontra 129 oportunidades na Prefeitura de Conceição, no Sertão paraibano, distribuídas entre dezenas de cargos e todos os níveis de escolaridade. Já para quem está disposto a fazer as malas, os editais do Governo do Piauí e da Prefeitura de Salvador ampliam o horizonte de possibilidades, com oportunidades em áreas como educação, comunicação, trânsito, planejamento, assistência social e agropecuária. Somadas, são 414 vagas em disputa.

Todos os níveis

Na Paraíba, o concurso da Prefeitura de Conceição contempla desde candidatos com ensino fundamental incompleto até profissionais com formação superior. Há oportunidades para auxiliar de serviços gerais, merendeiro, cozeiro, motorista, agente administrativo, artesão, fiscal de obras, mecânico, orientador social, técnico em Enfermagem, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista, psicólogo, terapeuta ocupacional, odontólogo, pedagogo, professor e médico de diferentes especialidades, entre outros cargos.



Foto: Lucas Moura/Secom-PMS

Dependendo da função escolhida, os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 7 mil, para jornadas de 20 a 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 23 de agosto, pelo site do Instituto EducaPB. Já as taxas, custam R\$ 70 para cargos de nível fundamental, R\$ 90 para níveis médio/técnico e R\$ 110 para superior. Quanto à avaliação, o processo consistirá em uma prova objetiva, a ser aplicada a todos os candidatos em 20 de setembro. A seleção também terá avaliação de títulos para cargos específicos e prova

prática para motorista e operador de máquina pesada. As etapas do concurso deverão ocorrer em Conceição.

Estado

Fora da Paraíba, por sua vez, o Governo do Piauí abriu três concursos públicos unificados, que somam 100 vagas imediatas. Todos os cargos exigem formação superior, têm jornada de 30 horas semanais e oferecem remunerações de R\$ 3 mil a R\$ 13,5 mil. No primeiro edital, as vagas são destinadas às funções de analista de regulação, nas áreas de

administração, contabilidade, economia, engenharia civil e engenharia elétrica; e analista governamental, com atuação em turismo e economia. No

segundo edital, as vagas oferecidas são de analista de trânsito, jornalista, assistente social, psicólogo e agente socioeducativo. Já o terceiro, reúne oportunidades para engenheiros agrônomos, médicos-veterinários e zootecnistas. As lotações estão distribuídas entre as cidades de Parnaíba, Picos e Teresina.

Os interessados no concurso têm até 6 de agosto para realizar a inscrição no site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistência Nacional (Idecan). A taxa cobrada é de R\$ 160 para todos os cargos. Sobre a seleção, está prevista a aplicação de provas objetivas e discursivas, com questões sobre conhecimentos gerais e específicos, para os dias 12 e 13 de setembro, nas cidades de Floriano, Picos, Parnaíba e Teresina. Vale lembrar que algumas funções terão, ainda, um curso de formação específico, de caráter eliminatório.

Vagas na educação

Voltado à rede municipal

de ensino, o novo concurso da Prefeitura de Salvador oferece 190 vagas imediatas, além de cadastro reserva. Desse total, 60 são para coordenador pedagógico e 130 para professor municipal, com atuação em diferentes áreas do conhecimento, isso sem falar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Todos os cargos exigem nível superior. A jornada de trabalho varia de 20 a 40 horas semanais, com salários que começam em R\$ 3 mil e podem chegar a R\$ 6,1 mil, dependendo da função.

Para participar, é necessário efetuar a inscrição no site da Fundação Getúlio Vargas (FGV), banca responsável pelo edital, até as 16h de 7 de agosto. A taxa cobrada é de R\$ 220. Quanto à avaliação dos candidatos, todos passarão por provas objetivas e discursivas, de caráter eliminatório e classificatório, a serem realizadas em Salvador. O concurso também terá prova prática de desempenho, análise de títulos e avaliação psicológica.



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Conceição



Pelo QR Code, acesse o edital do Governo do Piauí



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Salvador

Turismólogo transforma destinos em experiências pessoais

Uma mala pronta pode até ser o início de uma viagem, mas a aventura só existe porque alguém estruturou todas as etapas dessa jornada. Muito antes do embarque, foi preciso promover atrativos e preparar o destino para receber o visitante, além de garantir que o turismo gere oportunidades reais para as pessoas que vivem ali. E quem faz essa engrenagem acontecer é o turismólogo — profissional cujo trabalho vai além da montagem de roteiros. Para Laís Catarine de Oliveira Ramos, agente de Roteiros Turísticos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PB), o verdadeiro trabalho consiste em transformar lugares em experiências, sem perder de vista a cultura e os saberes locais.

Foi justamente a possibilidade de construir uma carreira mais dinâmica, sem uma rotina engessada, que aproximou Laís da área. “Querida algo que me desafiava a criar e a conhecer novas pessoas e lugares”, conta. Não demorou muito para perceber, durante o curso na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que poderia seguir por diferentes caminhos, do marketing às operações em companhias aéreas e agências de viagens, além de eventos e hotelaria. Mais tarde, o estágio no Sebrae-PB mostrou que o planejamento seria fundamen-

tal para o desenvolvimento dos destinos, o que a levou a aprofundar a formação.

Roteiros e além

Embora as viagens sejam a frente mais conhecida da área, elas não são o único campo de atuação possível. Segundo Laís, que é turismóloga e mestre em Avaliação de Políticas Públicas, esse profissional também pode atuar na gestão de empreendimentos, em consultorias, na elaboração de políticas públicas, na promoção de destinos e até em projetos de sustentabilidade. Ou seja, em vez de acompanhar apenas o deslocamento do visitante, cabe ao turismólogo compreender toda a cadeia que permite a realização daquela experiência. “Trata-se de um campo multidisciplinar que envolve, direta e indiretamente, diversos eixos produtivos, mas seu principal valor está na criação de estratégias que valorizem comunidades locais, seus saberes e fazeres”, resume a especialista.

Contudo, essa gestão não é igual em todo lugar. No setor público, por exemplo, costuma envolver o planejamento e a promoção de cidades ou até de regiões turísticas. Já na iniciativa privada, o turismólogo pode atuar no atendimento ao cliente, na organização de eventos e viagens ou na administração de empreendimentos, incluindo

hotéis. O que não pode mudar, para ela, é a busca por articular geração de renda, valorização cultural, segurança, qualidade dos serviços e respeito ao meio ambiente. Nesse sentido, atrair pessoas é só o começo. “O compromisso do turismólogo está, antes de tudo, em exercer seu papel social. O médico cura, o professor ensina e o turismólogo realiza sonhos”, afirma. Por isso, na sua avaliação, o destino não pode ser tratado apenas como cenário, já que a comunidade que mora no local também precisa sentir os resultados do turismo.

Pessoas no centro

Diante desse desafio, planejar experiências para públicos diferentes e em diferentes contextos demanda mais do que conhecimento sobre os principais pontos turísticos de uma região. Atributos como comunicação clara, organização, visão estratégica, criatividade, capacidade de negociação e sensibilidade cultural, quando combinados, ajudam o turismólogo a compreender expectativas, lidar com pessoas, estruturar projetos e articular serviços. Na prática, ao planejar uma rota, ele precisa reconhecer aquilo que torna cada comunidade única, sem descaracterizá-la para atender ao mercado, algo que demanda sensibilidade e estratégia. Essa escuta



Laís Catarine ressalta o dinamismo da profissão

é importante porque ajuda a incluir moradores e empreendedores nas decisões. Além disso, Laís cita o domínio de idiomas como fundamental, principalmente em destinos que recebem visitantes estrangeiros. “Isso amplia as oportunidades”, reforça.

Entre os principais desafios da profissão está a sazonalidade, questão que, para a especialista, exige do profissional a capacidade de equilibrar a demanda ao longo

do ano, tanto para preservar a sustentabilidade dos destinos quanto para dar mais estabilidade aos empreendimentos. Um hotel que passa meses quase vazio ou uma cidade que recebe visitantes apenas em determinadas épocas, por exemplo, deixa trabalhadores e negócios mais vulneráveis nos períodos de baixa procura. Criar produtos, diversificar experiências e distribuir melhor o fluxo turístico são algumas

das respostas possíveis, mas exigem planejamento e articulação. “Também enfrentamos o desafio da qualificação dos destinos, que passa por investimentos em infraestrutura, capacitação de profissionais e estratégias de promoção para tornar os lugares mais competitivos e atrativos”, acrescenta.

Ao mesmo tempo, a tecnologia tem transformado a forma de viajar, reservar serviços e escolher destinos, o que impõe ao profissional a necessidade de atualização constante. “Por isso, meu conselho é: entre na área com paixão. O turismo é dinâmico e exige disposição para aprender continuamente, além de responsabilidade com as pessoas e os lugares”, finaliza.

Concurso

Para quem pretender levar esse conhecimento ao serviço público, o concurso unificado do Governo do Piauí abre uma oportunidade interessante. A Secretaria de Turismo (Setur) oferece duas vagas imediatas para analista governamental na especialidade Turismo e Economia Criativa, destinadas a candidatos com bacharelado em Turismo. A lotação será em Teresina, com jornada de 30 horas semanais e remuneração de R\$ 13,5 mil. A seleção contará com provas objetivas e discursivas, além de curso de formação para o cargo.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 17 de junho de 2026	R\$ 1.621	-0,06%	+0,13%	+0,16%
14,25%		R\$ 5,081	R\$ 5,777	R\$ 6,790



ECONOMIA CIRCULAR

Costura e reparos resistem e conquistam novos clientes

Profissionais relatam demanda crescente e apontam desafios com mão de obra

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Mais de um terço das pessoas de 14 a 29 anos usariam roupas por mais tempo se tivessem habilidades de conserto, segundo uma pesquisa divulgada neste ano pela Levi Strauss & Co, maior fabricante mundial de calças jeans. Apesar disso, esse conhecimento ainda permanece entre as gerações mais velhas: apenas 41% dos jovens entrevistados sabem o básico desse tipo de reparo — de remendar um rasgo a costurar um botão. Uma lacuna como essa abre espaço para o mercado de consertos de roupas e calçados, que contribui para prolongar a vida útil dos produtos e surge como uma alternativa econômica — e sustentável — ao descarte das peças.

“O que me faz optar pelo conserto, em vez de comprar um produto novo, é o custo-benefício. Sai bem mais em conta. Muitas vezes, a peça ainda está em um estado de conservação muito bom e não faz sentido gastar dinheiro com uma peça nova. Tem peças que a gente acaba tendo um valor afetivo, por serem parte de momentos especiais, e isso faz a gente não querer se livrar delas, né? E consertar uma roupa também é uma maneira de consumir de forma consciente”, avalia a consumidora Anny Caroline Melo, de 24 anos.

Entre ajustes de fardamentos escolares, trocas de solado e consertos de zíper, a empresária Zeta Tomé trabalha no



No ateliê de Eliene, os períodos de São João e Natal concentram a maior busca por serviços

segmento de reparos há exatos 40 anos. No Centro de João Pessoa, a CTI dos Consertos, de administração familiar, recebe o maior número de demandas nos meses de junho e dezembro. “Geralmente, os clientes vêm quando percebem que as peças novas não têm a mesma durabilidade. Eles sabem que a gente trabalha com um material de excelência, fazendo o possível para ficar igual. Alguns acham caro e preferem comprar um produto mais baratinho, mas depois retornam para consertar”, revela.

Manter o faturamento mensal, no entanto, exige a contratação de profissionais capacitados e uma organização financeira capaz de enfrentar os impostos sobre os materiais de trabalho. Como Zeta, a costureira Eliene e o alfaiate

Pedro Augusto Alves enxergam um crescimento significativo da procura no mercado, mas a baixa mão de obra e o valor de novos investimentos reduzem o teto de renda da família. Só uma máquina de costura moderna, necessária aos atendimentos diários no ateliê que o casal gerencia em Tambiá, custa em torno de R\$ 8,5 mil.

“A demanda cresceu assustadoramente. As profissionais que realmente sabem estão todas empregadas, já fixas. Vamos ter que trabalhar muito, porque estamos sem mão de obra. Na época das quadrilhas, minha Nossa Senhora, a gente não tinha tempo nem para dormir, de tanto concerto. E é porque tinha gente ajudando. Vinham mais ou menos uns 10 a 20 clientes por dia e cada um trazia três peças, quatro peças, cinco peças. E isso ia acumulando. Festa Junina é impressionante, é muito forte, é igual ao Natal. Neste mês de julho, até caiu um pouco, mas, quando chega setembro, outubro, novembro e dezembro, começa a encher de novo. Aí ninguém dá vencimento”, detalha Eliene.

No ateliê dos dois, consertos básicos, como ajustes na barra de calças ou no caimento de roupas, variam de R\$ 25 a R\$ 50.

Para serviços elaborados, que envolvem o manuseio de tecidos delicados e exigem maior tempo de trabalho, o valor é proporcional à dedicação empregada na peça. “É uma profissão desvalorizada, mas a costureira que realmente domina a técnica ganha bem”, reforça Pedro.



É uma profissão desvalorizada, mas a costureira que realmente domina a técnica ganha bem

Pedro Augusto Alves

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Por que o salário do brasileiro compra cada vez menos?

Ir ao supermercado e perceber que o carrinho enche menos, gastar mais para abastecer o carro ou ver aluguel e plano de saúde consumindo parcela crescente do orçamento faz parte da rotina de muitas famílias. Parcelar despesas menores também se tornou comum. A inflação costuma ser a principal explicação para essa perda de poder de compra, mas não explica tudo. A renda brasileira avançou pouco nas últimas décadas.

Os dados sobre endividamento ajudam a dimensionar essa pressão. Em junho de 2026, 81,6% das famílias brasileiras possuíam algum tipo de dívida. Um ano antes, essa proporção era de 78,4%. Isso não significa necessariamente descontrole financeiro, pois inclui parcelamentos e financiamentos. Ainda assim, revela um orçamento familiar cada vez mais comprometido.

No curto prazo, a inflação corrói a renda disponível. Quando os preços avançam mais rapidamente que os salários, a mesma remuneração compra menos bens e serviços. Controlar os preços é, portanto, indispensável para preservar o orçamento das famílias e reduzir a incerteza econômica.

A estabilidade, porém, não garante, por si só, melhora do padrão de vida. No longo prazo, o crescimento sustentável da renda depende da capacidade de produzir mais valor. Sem ganhos consistentes de produtividade, os

O crescimento sustentável da renda depende da capacidade de produzir mais valor

salários encontram limites para avançar sem pressionar custos, preços e competitividade. Os dados do FMI revelam esse contraste. Pelas estimativas para 2026, o Brasil deverá ocupar a oitava posição entre as maiores economias do mundo, quando

o PIB é medido pela Paridade do Poder de Compra (PPC), com 5,2 trilhões de dólares internacionais. Trata-se de uma economia de grande escala, mas isso não significa renda elevada por habitante.

Quando o PIB é dividido pela população, o cenário muda. Em 2024, o PIB per capita brasileiro, calculado em PPC e a preços constantes, ficou próximo de 19,6 mil dólares internacionais. Na Coreia do Sul, alcançou 55,2 mil; no Chile, aproximadamente 30 mil. Nos Estados Unidos, chegou a 75,7 mil, quase quatro vezes o nível brasileiro.

A comparação histórica é ainda mais reveladora. Em 1990, o indicador era de 12,9 mil dólares internacionais no Brasil, 14,4 mil na Coreia do Sul e 11,5 mil no Chile. Em 2024, o nível sul-coreano correspondia a aproximadamente 2,8 vezes o brasileiro, enquanto o chileno era cerca de 53% superior.

De 1990 a 2024, o PIB per capita real brasileiro cresceu cerca de 52%, diante de 283% na Coreia do Sul e 161% no Chile. A comparação não transforma esses países em modelos completos. Mostra apenas que economias que partiram de patamares próximos ampliaram sua capacidade produtiva e a renda por habitante em ritmo superior.

O salário do brasileiro compra menos não apenas porque os preços aumentam, mas também porque a renda cresce lentamente. A inflação reduz o poder de compra; a baixa produtividade limita sua expansão. Estabilizar os preços é essencial. Transformar estabilidade em prosperidade exige ampliar continuamente o valor produzido por trabalhador ao longo de muitas décadas.



Zeta Tomé trabalha com consertos há 40 anos, na capital

Qualificação abre espaço para novos negócios

Em vez de substituir, a tendência é optar por prolongar a vida útil das peças por meio de ajustes, reformas, customizações e restaurações, técnicas que agregam valor aos produtos. A crescente busca por alternativas mais econômicas, sustentáveis e personalizadas permite novas oportunidades para pequenos negócios especializados.

“O mercado de consertos e reparos de roupas, calçados e acessórios permanece ativo principalmente por dois fatores: a necessidade de economia

e a mudança no comportamento do consumidor. Com o aumento dos preços de produtos novos, muitas pessoas passaram a enxergar o reparo como uma alternativa mais econômica, prolongando a vida útil de peças que ainda estão em boas condições”, avalia Anna Stefania Rodrigues, gerente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (Sebrae-PB) em Patos.

O consumo consciente e sustentável impulsiona esse setor. Cada vez mais, as pessoas, conforme a especialista,

procuram reduzir o desperdício e adotar práticas alinhadas à economia circular. Para conquistar um lugar nesse mercado, o empreendedor precisa definir uma estratégia de conquista e fidelização de clientes, planejar uma tabela de preços e se manter atualizado sobre as técnicas, materiais e tendências da moda.

Mas o primeiro investimento de quem deseja abrir ou profissionalizar um negócio de consertos e reparos deve ser a capacitação. Transformar habilidade técnica em um negócio

rentável requer competências em gestão, atendimento, vendas, precificação e marketing. “O empreendedor deve buscar aperfeiçoamento tanto na parte técnica, aprendendo novas técnicas de costura, ajustes, customização e restauração, quanto na gestão do negócio. Saber calcular corretamente os custos, definir preços, controlar as finanças, utilizar as redes sociais para divulgar os serviços e oferecer um atendimento de excelência faz toda a diferença na competitividade do empreendimento”, ressalta.

TARIFAÇÃO

Impacto sobre o etanol será limitado

Mercado dos EUA representa apenas 16% do volume e 17,5% da receita das exportações brasileiras do biocombustível

Pedro Peduzzi
Agência Brasil

A tarifa adicional de 25% anunciada pelos Estados Unidos sobre o etanol brasileiro deve provocar impactos pontuais sobre empresas exportadoras, mas esse efeito tende a ser limitado sobre o conjunto da economia brasileira.

Especialistas ouvidos pela reportagem avaliam que a medida tem forte componente político e ocorre em um momento quando o mercado norte-americano responde por menos de 16% do volume de etanol exportado pelo país.

A maior parte das vendas externas é, portanto, destinada a outros compradores internacionais, embora os EUA sejam atualmente o segundo principal destino do etanol brasileiro. “A participação dos EUA nas exportações brasileiras já vinha diminuindo há anos. Antes mesmo do tarifação, esse peso já era relativamente pequeno”, contextualiza o professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luiz Carlos Delorme Prado.

Na avaliação do especialista em economia e comércio internacional, são pequenas as chances de essa tendência de tarifação ser revertida. “Claro que é algo ruim, em especial para alguns setores específicos. Mas, verdade seja dita, não representa nenhuma tragédia para a economia do país”, acrescentou.

Para o professor da UFRJ, o mais provável é o Brasil fazer o que já vinha fazendo: buscar mercados alternativos para o etanol produzido no país.

Falta de previsibilidade

A busca por outros mercados — e a ajuda do poder público para essa busca — é algo



Foto: Oritlio Antônio/Arquivo A União

Aproximadamente 75% do etanol nacional é produzido a partir da cana-de-açúcar, enquanto 25% são provenientes do milho

cada vez mais necessário neste cenário de imprevisibilidades do governo de Donald Trump com relação às políticas comerciais que vêm sendo implementadas pelos EUA. “Claro que ninguém gosta de perder um mercado como o dos Estados Unidos, mas, nas circunstâncias atuais, pelo menos durante a atual administração estadunidense, esse mercado se tornou muito problemático, porque não oferece previsibilidade nem racionalidade”, argumentou o professor da UFRJ.

Segundo Delorme, fazer investimentos voltados especificamente para atender a esse mercado é, atualmente, algo extremamente arriscado, motivo pelo qual o Brasil precisa buscar parcerias mais confiáveis. “Não há garantias de que seja possível estabelecer políticas comerciais bilaterais minimamente previsíveis com os EUA, porque o que move o ta-

rifaço não são ganhos de natureza comercial, mas a agenda política do governo deles para a América Latina”, acrescentou.

Participação minoritária

Em 2025, o Brasil exportou cerca de 1,6 milhão de m³ de etanol (cada metro cúbico equivale a mil litros), o que correspondeu a uma receita de quase US\$ 1 bilhão. No mesmo período, os embarques para o mercado norte-americano somaram cerca de 253 mil m³, equivalentes a US\$ 163 milhões.

De acordo com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (Unica), os Estados Unidos responderam por menos de 16% do volume exportado pelo Brasil e por cerca de 17,5% da receita obtida com as vendas externas do biocombustível. Resumindo: mais de 84% do volume de etanol exportado (cerca de 82,5% do fa-

turamento das exportações) tiveram como destino outros mercados internacionais.

Vantagem competitiva

Segundo pesquisadores, a competitividade do Brasil no setor sucroalcooleiro representa vantagem na busca por mercados alternativos. Essas vantagens competitivas são estruturais, uma vez que o custo de produção no país é menor e a produtividade por hectare é maior.

Professor da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador do Centro de Ciência para o Desenvolvimento do Etanol (CCD Etanol), Luis Augusto Barbosa Cortez explica que fatores como clima e solo ajudam significativamente o Brasil.

Ele lembra que os EUA produzem etanol basicamente a partir do milho. Já o Brasil, que

sempre produziu a partir da cana-de-açúcar, passou, mais recentemente, a produzir também a partir do milho. “E a tendência é que a participação do milho na produção fique ainda maior”, afirma o coordenador do CCD Etanol.

Produtividade

Cortez explica que o clima brasileiro possibilita a produção de milho em uma segunda safra, algo que ocorre em escala muito menor nos EUA, uma vez que boa parte da área cultivada se encontra em regiões que vivem as limitações climáticas de um inverno mais rigoroso. “O produtor brasileiro pode colher soja até o mês de maio e, na sequência, plantar milho para colheita em outubro. Dessa forma, uma mesma área pode produzir duas safras por ano”, detalhou.

Atualmente, cerca de 75% do etanol produzido no Brasil

tem origem na cana-de-açúcar, enquanto os 25% restantes são produzidos a partir do milho.

Segundo o pesquisador, a participação do milho na produção de etanol vem crescendo rapidamente. A expectativa é que alcance cerca de 30% da produção nacional até 2030 e que, por volta de 2050, possa se igualar à participação da cana no setor.

Cortez explica que um dos motivos para o aumento da produção de etanol de milho está associado à integração entre agricultura e pecuária, o que torna o setor ainda mais competitivo na corrida pelo mercado internacional. “Produzir etanol de milho no Brasil está se tornando cada vez mais vantajoso. A atividade pode ser integrada à pecuária, porque seu farelo serve de insumo para alimentação animal. Essa integração também traz ganhos ambientais, já que reduz a necessidade de áreas de pastagem”, acrescentou.

O especialista destaca, também, vantagens no processo industrial, uma vez que, no Brasil, parte da energia utilizada nas usinas é gerada a partir da biomassa do bagaço, tanto da cana como do milho, o que reduz ainda mais os custos de produção. “Nos Estados Unidos, eles precisam comprar energia para parte do processo de produção do etanol. No Brasil, resolvemos isso dentro da própria usina, por isso o custo deles é maior”.

Na produção a partir da cana-de-açúcar, há também a questão da produtividade, que é maior do que a obtida a partir do milho. O Brasil produz aproximadamente sete mil litros de etanol por hectare de cana plantada. Nos Estados Unidos, a produtividade chega, no máximo, a cinco mil litros.

Para especialistas, taxa tem motivação política

Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Niels Soendergaard avalia que as medidas adotadas pelos EUA contra o Brasil têm “caráter eminentemente político”, apesar de apresentarem uma “maquiagem técnica”. “A administração Trump, diante da guinada para governos de extrema direita na América Latina, deixou de tratar a questão tarifária de forma técnica, como havia sido a abordagem do governo brasileiro, e embarcou em uma postura de tentar manipular os desdobramentos políticos no Brasil por meio de pressão econômica externa”, argumentou.

Para Soendergaard, do ponto de vista técnico, a argumentação dos EUA não procede. “O Brasil cumpre as regras da Organização Mundial do Comércio [OMC], e a queda das importações de etanol dos EUA deve-se ao aumento da produção de etanol baseada em milho no Brasil”.

Ele explica ser perceptível que o governo Trump faça afirmações “parciais ou inteiramente divorciadas dos fa-

tos concretos” para pressionar outros países. “Vemos isso inúmeras vezes, motivo pelo qual o governo Trump não pode ser tratado como um interlocutor confiável”.

Contexto

Os Estados Unidos justificam a imposição de tarifas adicionais de 25% sobre produtos brasileiros com base em investigação do Escritório do Representante Comercial dos EUA (USTR), segundo a qual determinadas práticas adotadas pelo Brasil seriam discriminatórias ou prejudicariam a economia norte-americana.

Entre os pontos questionados, estão o acesso ao mercado brasileiro de etanol, regras relacionadas ao comércio digital e aos sistemas de pagamento eletrônico, questões de propriedade intelectual, medidas anticorrupção e o desmatamento ilegal.

O governo brasileiro rejeita essas alegações e afirma que a investigação não tem respaldo nas normas multilaterais do comércio internacional.

Indústria está alinhada às regras da OMC

A tarifação recebeu críticas das entidades representativas tanto dos produtores de etanol a partir da cana-de-açúcar como do milho.

Segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (Unica), ao contrário do que os EUA alegam, “a política brasileira para o etanol está plenamente alinhada às regras da OMC, sendo aplicada de forma não discriminatória e em conformidade com os compromissos multilaterais assumidos pelo Brasil”.

A entidade argumenta que não existe qualquer acordo bilateral entre Brasil e EUA que obrigue o Brasil a conceder tratamento tarifário diferenciado ao etanol norte-americano. “Da mesma forma, a redução das exportações de etanol dos EUA para o mercado brasileiro decorre, sobretudo, da expansão da produção nacional, especialmente do etanol de milho, e não de alterações na política tarifária brasileira”, complementou.

A Unica disse confiar na forma como o governo brasileiro tem conduzido as negociações e reiterou a defesa de uma solução baseada no diálogo e no respeito às regras do comércio internacional.

Unem

Posicionamento similar foi apresentado pela União Nacional do Etanol de Milho (Unem). De acordo com a entidade, o Brasil não adota práticas discriminatórias, destacando que a tarifa brasileira de importação de etanol é aplicada de forma igualitária e em conformidade com as regras da OMC.

“Embora a aplicação da tarifa tenha impacto direto limitado sobre as exportações brasileiras de etanol, uma vez que os EUA não constituem atualmente um mercado prioritário para o produto brasilei-

ro, a decisão preocupa pelos precedentes que pode estabelecer”, informou por meio de nota a Unem.

A entidade também credita a redução das importações de etanol norte-americano pelo Brasil à expansão da produção nacional de etanol de milho, bem como aos ganhos de competitividade do setor.

Por fim, a Unem reafirma sua confiança no diálogo institucional entre os governos dos dois países e defende que eventuais divergências comerciais sejam solucionadas por meio da negociação, preser-

vando uma parceria estratégica fundamental para a transição rumo a uma economia de baixo carbono.

■
União Nacional do Etanol de Milho credita sobretaxa à expansão na produção nacional de milho



Foto: Tânia Régio/Agência Brasil

Entidade do setor sucroenergético defende diálogo e respeito às normas internacionais

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

Área avança e amplia as fronteiras da tecnologia

Ideias da mecânica quântica deram origem ao campo multidisciplinar

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Imagine uma caixa completamente fechada. Dentro dela há um gato. Sem abrir a caixa, ninguém consegue saber o que acontece lá dentro. A pergunta parece simples: o animal está vivo ou morto?

Foi a partir dessa situação hipotética que, em 1935, o físico austríaco Erwin Schrödinger apresentou esse experimento apenas como um exercício de imaginação. Para ele, enquanto a caixa permanecesse fechada, existiriam, ao mesmo tempo, diferentes possibilidades para o destino do gato. Por trás do cenário, no entanto, havia uma questão séria: como interpretar certos fenômenos estudados pela mecânica quântica (ramo da Física dedicado ao comportamento da matéria e da energia em escalas extremamente pequenas)?

Quase 90 anos depois, o chamado “gato de Schrödinger” continua presente em livros, salas de aula e laboratórios. A experiência tornou-se uma das formas mais conhecidas de introduzir conceitos da mecânica quântica, que, décadas mais tarde, também serviriam de base para uma nova área da computação.

Dos bits aos qubits

Dos celulares aos bancos, dos hospitais aos sistemas de navegação por satélite, praticamente toda a tecnologia digital depende dos computadores. Essas máquinas processam informações por meio de *bits*, unidades que assumem apenas dois valores possíveis: 0 ou 1.

José Roberto Nascimento, doutor em Física e pró-reitor de Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que os computadores usados no dia a dia fazem parte da chamada “computação clássica”, responsável por transformar o mundo nas últimas décadas e

permitir atividades como trabalho e estudo.

“Mas estamos prestes a dar um salto que parece ficção científica: a chegada da computação quântica. Ela não é apenas um computador mais rápido, mas uma tecnologia totalmente nova, baseada nas leis da física quântica. Enquanto o computador clássico analisa um caminho por vez para resolver um problema, o computador quântico consegue explorar milhares de possibilidades ao mesmo tempo. É como tentar sair de um labirinto: o computador comum testa uma rua de cada vez; o quântico, per-

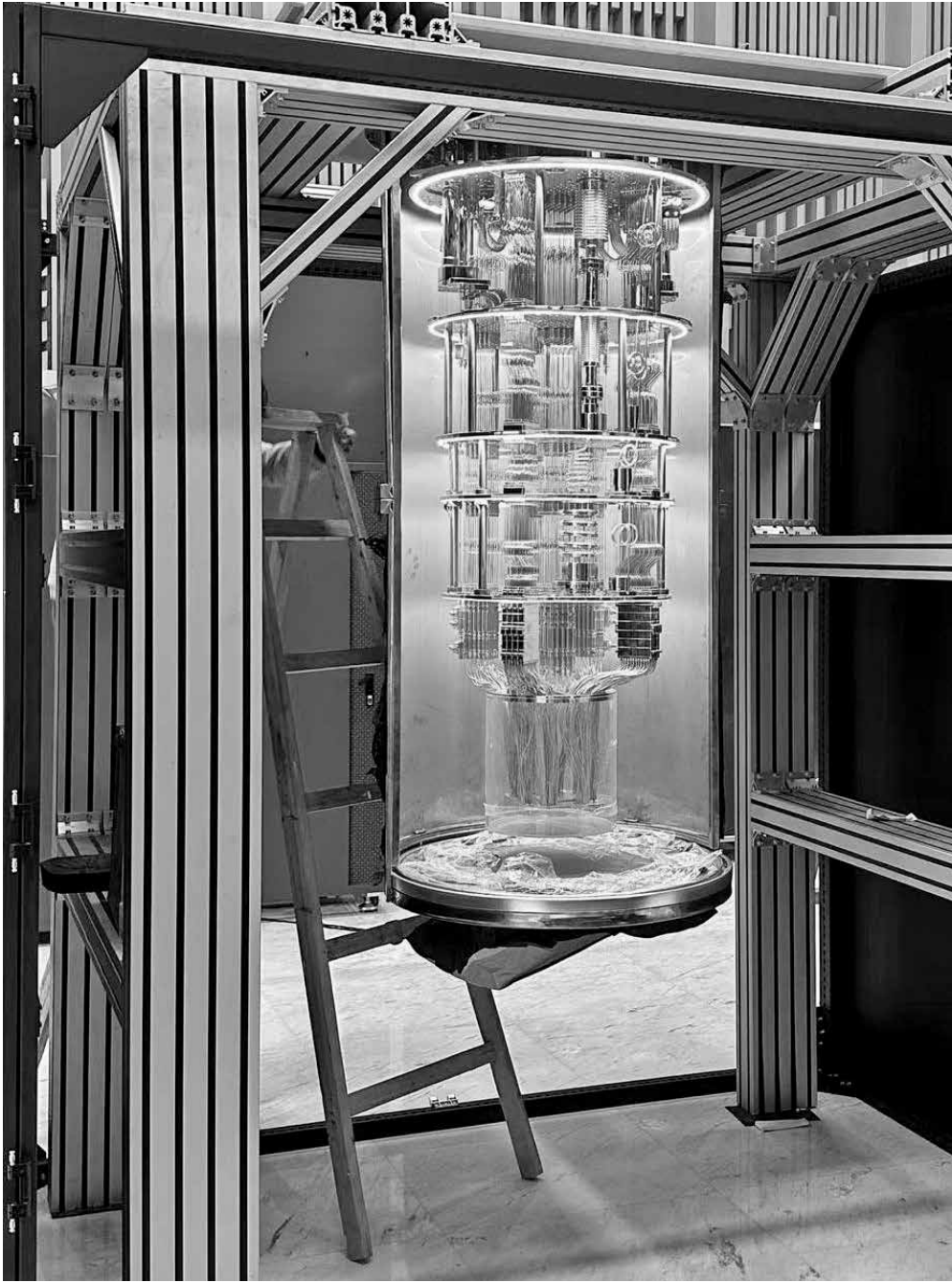
corre todas ao mesmo tempo”, compara o professor.

Foi pensando nisso que, na década de 1980, pesquisadores começaram a estudar uma alternativa baseada nos princípios da mecânica quântica. Um deles foi o físico norte-americano Richard Feynman, que defendeu a ideia de desenvolver computadores capazes de usar esses princípios para resolver determinados tipos de problemas.

Assim surgiram os estudos que deram origem à computação quântica. Enquanto os computadores convencionais utilizam *bits*, os computadores quânticos

utilizam *qubits*. Daí vem a forma distinta de processamento de informações, especialmente em cálculos de alta complexidade.

Isso, porém, não significa que os computadores quânticos substituirão os atuais. A expectativa é que as duas tecnologias atuem de forma complementar, cada uma voltada aos problemas para os quais é mais eficiente. “No futuro, continuaremos com *smartphones* e *notebooks* para as tarefas do dia a dia. O computador quântico não será o sucessor do PC, mas um parceiro com funções completamente diferentes”, conclui José Roberto.



Premissa é que computadores quânticos e convencionais atuem complementarmente

Conhecimento pode ser usado em várias áreas

As pesquisas na área da computação quântica abrangem campos como medicina, química, agricultura, logística e segurança digital. Segundo Amir Ordacgi Caldeira, físico teórico e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma das aplicações estudadas está relacionada à simulação de moléculas. “Simular como moléculas interagem é um problema que escapa do poder dos computadores clássicos”, apresenta.

Segundo o pesquisador, essa capacidade poderá contribuir para acelerar pesquisas voltadas ao desenvolvimento de medicamentos e novos materiais. Na agricultura, os estudos incluem simulações climáticas, desenvolvimento de fertilizantes e otimização da distribuição de alimentos. “Otimizar rotas de distribuição de alimentos,

simular o clima com mais precisão e desenvolver fertilizantes mais eficientes são problemas em que computadores quânticos têm vantagem real. Para um país agrícola como o Brasil, o potencial é imenso”, diz o físico.

Outra linha de pesquisa envolve a segurança da informação. “O recurso quântico do emaranhamento poderá ser usado para detectar eficientemente qualquer tentativa de intromissão na transferência de dados entre emissor e receptor”, argumenta Caldeira.



Pesquisas em computação quântica aplicadas ao setor agrícola beneficiam o Brasil

Pesquisa paraibana é destaque no segmento

Universidades brasileiras também participam das pesquisas nessa área. Segundo Caldeira, uma das possibilidades de contribuição do país está no desenvolvimento de *softwares* e algoritmos voltados para essa tecnologia. “As iniciativas atuais já permitem que tenhamos ocupar posição de destaque internacional no desenvolvimento de *software* e algoritmos quânticos”, avalia.

O interesse pela computação quântica explica iniciativas de pesquisa que vêm sendo desenvolvidas em diferentes partes do mundo. É nesse contexto que João Pessoa receberá o Centro Internacional de Computação e Tecnologias Quânticas (Ciquanta), voltado ao desenvolvimento de pesquisas e à formação

de profissionais nessa área.

A criação do centro acompanha um movimento internacional de expansão das pesquisas em computação quântica, reunindo universidades, pesquisadores e instituições interessadas em compreender melhor essa tecnologia e suas futuras aplicações.

Quase 90 anos depois de Schrödinger imaginar um gato dentro de uma caixa, aquela experiência continua despertando perguntas. Hoje, essas perguntas já não pertencem apenas aos livros de Física. Elas fazem parte de uma corrida científica que busca novas formas de enfrentar desafios na saúde, agricultura, indústria, segurança digital e em diversas outras áreas do conhecimento.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

A inventividade que move a ciência

N a coluna da semana passada, falei sobre como erros podem levar a grandes descobertas e dar início a importantes linhas de pesquisa e desenvolvimento. Hoje, quero abordar outra questão: a inventividade que o pesquisador demonstra ao encontrar soluções simples para descobrir propriedades, materiais e produtos de uma maneira que jamais imagináramos.

Em alguns casos, a solução pode parecer até amadora, como se tivesse sido pensada por uma pessoa sem conhecimento científico ou domínio do método científico. Foi assim com a descoberta de um material que, atualmente, está presente em diversas áreas da ciência e da tecnologia: o grafeno.

Em 2004, uma pesquisa de ciência básica, dedicada ao estudo de uma nova forma do carbono, saiu dos laboratórios e passou a contribuir para o desenvolvimento de diferentes produtos e tecnologias. Andre Geim e Konstantin Novoselov utilizaram um método que ficou conhecido como “esfoliação micromecânica” e, apenas seis anos depois, receberam o Prêmio Nobel de Física de 2010 por esse trabalho.

Até então, diferentes argumentos físicos indicavam que seria impossível obter o grafeno de forma estável. No entanto, Geim e Novoselov tiveram um *insight*: em vez de insistirem apenas nas tentativas de síntese química, poderiam procurar uma maneira de retirar uma única camada daquela pilha de folhas de carbono. Seria como pegar um caderno com várias páginas e conseguir arrancar apenas uma delas. É justamente daí que vem a ideia de esfoliação.

Para realizar o experimento, eles utilizaram uma fita adesiva, a conhecida fita Durex 3M. Colocaram a fita sobre uma barra de grafite, puxaram rapidamente e fizeram sucessivas dobras e aberturas, tornando cada vez mais finos os fragmentos presos a ela. O que restava grudado na fita eram fragmentos ultrafinos, incluindo monocamadas atômicas de grafeno. Em seguida, levaram a fita transparente, com o material aderido, para análise com o auxílio de microscópios. Pela primeira vez, os pesquisadores conseguiram isolar uma folha de carbono com a espessura de um átomo, que ficou conhecida como “grafeno”.

Já se conhecia teoricamente o comportamento dos elétrons em uma camada isolada de carbono, mas se acreditava que uma estrutura bidimensional como aquela poderia se enrolar, desintegrar-se ou não permanecer estável em temperatura ambiente. O método da fita adesiva mostrou que o material não apenas poderia existir de maneira estável, como também apresentava propriedades extraordinárias.

O grafeno é extremamente fino, leve, flexível e resistente. Também apresenta excelentes propriedades de condução elétrica e térmica. Essas características revolucionaram a ciência dos materiais e abriram uma nova área de investigação científica e tecnológica.

Atualmente, o grafeno é pesquisado e empregado na melhoria do desempenho de baterias, roupas inteligentes, sensores de alta precisão, telas flexíveis e materiais compostos. Sensores produzidos com grafeno podem detectar gases e substâncias químicas em um ambiente, o que pode ser importante, por exemplo, para sistemas de prevenção e controle de incêndios.

O material também pode ser aplicado em pneus de alta *performance*, lubrificantes avançados e plásticos reforçados. Como é muito resistente e leve, pode contribuir para a produção de para-choques e outras peças automotivas mais leves e duráveis. Há, ainda, aplicações em tênis de corrida, artigos esportivos, filtros de água e dispositivos médicos portáteis capazes de acompanhar indicadores como o nível de glicose em tempo real.

As possibilidades são as mais diversas. Um material que surgiu de uma ideia, aparentemente, simples, hoje, está presente no desenvolvimento de equipamentos e tecnologias utilizados no cotidiano. A história mostra, mais uma vez, que a ciência não avança apenas por meio de equipamentos complexos ou soluções sofisticadas. Às vezes, uma fita adesiva Durex 3M, combinada com conhecimento, curiosidade e inventividade, é suficiente para iniciar uma verdadeira revolução.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

MANGUEZAIS

Aliados do clima e da biodiversidade

Comemorado hoje, o Dia de Proteção aos Manguezais destaca o papel do ecossistema como berçário da vida

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Solo lodoso, raízes respiratórias, águas salobras, um ambiente adaptado à variação das marés. Suas características fizeram até surgir movimentos culturais. “Da lama ao caos, do caos à lama”, compôs Chico Science, ícone do Mangubeat. Os manguezais são áreas de encontro entre os rios e o mar, e podem existir associados a estuários, fozes de rios e áreas de maré, ocupando cerca de 15 mil hectares ao longo do litoral paraibano. Tamanha é a importância desses ecossistemas que hoje, dia 26, é comemorado o Dia de Proteção aos Manguezais.

As águas um pouco mais calmas e ricas em nutrientes convidam ao nascimento e primeiros cuidados de uma série de animais. É também desses locais que pescadores e pescadoras tiram sustento, ajudando a conservar o bioma de forma sustentável. Além disso, estudos recentes têm demonstrado potente produtividade em termos de sequestro de carbono, contribuindo para mitigação de efeitos das mudanças climáticas.

Na Paraíba, os manguezais ocorrem principalmente nos rios Guaju (Mataraca), Camaratuba (Mataraca e Baía da Traição), Mamanguape (Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição), Miriri (Rio Tinto, Lucena e Santa Rita), Paraíba do Norte (Lucena, Santa Rita, Bayeux, João Pessoa e Cabedelo), Gramame (João Pessoa, Conde e Alhandra), Abiaí e Graú (no Litoral Sul), além da Reserva Extrativista (Resex) Acaú-Goiana, localizada no sistema estuarino compartilhado por Caaporã, Pitimbu e Goiana (PE).

Eudécio Neco, biólogo e gerente operacional de Educação Ambiental e Educação do Campo da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB), explica que a fauna dos manguezais é extremamente diversificada, composta por crustáceos, moluscos, peixes, aves, répteis, mamífe-

ros e organismos microscópicos. “Entre as espécies mais conhecidas, estão os caranguejos-uçá, siris, camarões, ostras, mariscos, tainhas, robalos, garças, socós, maçaricos e, em algumas regiões da Paraíba, peixe-boi-marinho. Muitos desses organismos dependem diretamente desse ecossistema para alimentação, reprodução ou abrigo”.

Segundo a doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e analista de meio ambiente na Secretaria de Meio Ambiente de Cabedelo, Raíssa Tavares, o complexo Mamanguape-Miriri já registrou mais de 100 espécies de peixes estuarinos, além de crustáceos importantes como caranguejo-uçá, aratu, guaiamum, siris e camarões. “No Mamanguape, um símbolo importante é o peixe-boi-marinho, espécie ameaçada e associada à conservação dos manguezais”, destaca.

Berçário e maternidade

Tavares argumenta que os manguezais são considerados berçários, porque oferecem abrigo, alimento e proteção a ovos, larvas e filhotes de várias espécies. “As raízes do mangue funcionam como uma barreira natural contra predadores e contra a força das águas. Muitos peixes, camarões, siris, caranguejos e moluscos usam o manguezal como área de crescimento an-

tes de seguirem para rios, estuários ou mar aberto”.

Para além de berçários, é possível dizer que os manguezais também se assemelham a “maternidades”. É o que aponta George Miranda, biólogo, doutor em Oceanografia, professor e pesquisador da UFPB. “Lá estão as fases juvenis de peixes e de invertebrados que encontram no manguezal um ambiente propício para proteção contra predadores e para alimentação das fases iniciais da sua reprodução. A gente pode também dizer que os manguezais são uma maternidade para várias espécies. Há muitas espécies que entram do mar para se reproduzir. Então, também têm um efeito importante na reprodução, na parte do crescimento e na fase juvenil”, salienta.

Sequestro de carbono

Os manguezais também ajudam a mitigar os impactos das mudanças climáticas em relação à emissão de gases de efeito estufa, em especial de gás carbônico. É que, na fotossíntese, a vegetação absorve o CO₂ para transformar em oxigênio e acaba mantendo o carbono entre seus tecidos. Manter os manguezais de pé é uma forma de conservar intacto o carbono já retido — ou “sequestrado” — e expandir a contenção. Esse elemento sequestrado em ecossistemas costeiros e marinhos é chamado de “car-



As raízes do mangue servem de barreira natural contra predadores e a força das águas

bono azul”.

“Quando olhamos para um bosque de mangue como ecossistema, o carbono fica armazenado principalmente em três compartimentos: na biomassa aérea (parte da planta que fica acima do solo, a qual inclui troncos, galhos e folhas), na biomassa subterrânea (parte da planta que fica abaixo do solo, as raízes) e no solo”, explica Pablo Riul, doutor em Ecologia e professor associado do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB. Pesquisas da universidade — que têm entre seus pesquisadores Riul

— estimam que o estoque total de carbono dos manguezais do Brasil seja de aproximadamente 2,82 teragramas, o equivalente a cerca de 2,82 milhões de toneladas.

No caso dos manguezais, eles retêm o carbono de forma diferente de outros ecossistemas terrestres. Isso porque em florestas secas ou savanas, por exemplo, boa parte do elemento está concentrada na vegetação. No caso dos manguezais, a maior parte está concentrada no solo.

“Como os manguezais estão em áreas alagadas, com

pouco oxigênio no sedimento, a decomposição da matéria orgânica ocorre de forma mais lenta. Isso favorece o acúmulo de carbono no solo por longos períodos, muitas vezes ao longo de séculos”, explica Riul. “Por isso, mesmo ocupando áreas relativamente pequenas, os manguezais estão entre os ecossistemas mais eficientes do planeta no armazenamento de carbono por unidade de área, superando, inclusive, muitos ecossistemas florestais tropicais quando consideramos o carbono acumulado no solo”.

Preservação traz benefícios sociais e econômicos

É fundamental preservar os ambientes de manguezais. E algumas das pessoas que atuam nesse sentido são justamente quem dele mais precisa: pescadores e pescadoras de peixes e de mariscos. Os manguezais são considerados áreas de preservação permanente (APP) e o uso sustentável de seus recursos naturais é permitido em situações previstas em legislação.

“A pesca artesanal e a co-

leta tradicional de recursos naturais, como caranguejos e moluscos, são permitidas quando realizadas em conformidade com a legislação ambiental, respeitando os períodos de defeso, as restrições específicas de cada Unidade de Conservação e as normas estabelecidas pelos órgãos competentes”, expressa Alciênia Albuquerque, coordenadora da Divisão de Florestas da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema). Ela sinaliza que atividades predatórias, captura durante o período de defeso, utilização de métodos proibidos ou exploração em desacordo com a legislação constituem infrações ambientais passíveis de sanções, que

podem ir de multa a implicações penais.

“Os manguezais sempre foram muito generosos em termos de produção de alimento para a população humana. Há dezenas de populações no nosso estado que vivem diretamente de recursos do manguezal”, reflete Miranda. “Há um exército silencioso de marisqueiros e marisqueiras que está pescando para que a gente possa ter o marisco da gente de cada dia”.

A conservação dos manguezais proporciona uma série de benefícios ambientais, sociais e econômicos. Neco lista a manutenção da pesca artesanal, a garantia de alimento e renda para pescadores e marisqueiras, proteção do litoral contra erosão

e ressacas, melhora da qualidade da água, conservação da biodiversidade e auxílio na regulação climática por meio do armazenamento de carbono. “Além disso, representa um importante espaço para pesquisa científica, turismo ecológico e educação ambiental”.

Fiscalização

Entre os principais impactos decorrentes das atividades humanas sobre os manguezais, estão a ocupação irregular e a expansão urbana desordenada, a supressão da vegetação, o lançamento inadequado de esgoto e resíduos sólidos, intervenções sem o devido licenciamento ambiental, além da pesca e da coleta pre-

datórias, do assoreamento e das alterações no fluxo natural das marés.

“Essas intervenções”, diz Albuquerque, “comprometem a biodiversidade, reduzem os estoques pesqueiros, afetam a qualidade da água e diminuem a capacidade dos manguezais de proteger o litoral contra processos erosivos e de armazenar carbono, serviço ambiental essencial no enfrentamento das mudanças climáticas”.



As águas calmas e ricas em nutrientes convidam ao nascimento de várias espécies de animais

Foto: Roberto Guedes

BRASILEIRO SÉRIE C

Belo busca mais uma vitória, em Caxias

Botafogo não perde há seis jogos e segue sua caminhada em busca da classificação para a segunda fase

Jogadores durante treinos da semana, na Maravilha do Contorno, em preparativos para o jogo



Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo enfrenta, hoje, às 18h30, no Centenário, na Serra Gaúcha, o Caxias-RS, pela 15ª rodada da Série C do Campeonato Brasileiro. O Belo busca os três pontos para se firmar entre os oito primeiros da tabela de classificação. Quando entrar em campo, o Alvinegro joga também pela ampliação da sua invencibilidade no torneio, que, neste momento, é de seis partidas.

Nesta altura da Terceira Divisão, o Alvinegro tem 22 pontos (sete triunfos, um empate e seis derrotas). O time da Maravilha do Contorno iniciou a 15ª rodada no G8, tendo 61% de chances de avançar para o quadrangular do acesso, conforme o *site* chancedegol.com.br. A última derrota botafoguense ocorreu no dia 25 de maio (1 a 0 para o Ituano). Desde então, fez 2 a 1 no Maringá, empatou em 1 a 1 com Ypiranga e ganhou por 2 a 0 do Volta Redonda, por 2 a 0 do Brus-

que, por 2 a 0 do Anápolis e por 2 a 0 do Confiança.

Hoje, será a quinta vez que o Botafogo duela contra o Caxias. Em 2011, pela Copa do Brasil, fizeram duas partidas. Na ida, o time grená venceu por 1 a 0, em pleno Estádio Almeidão. Na volta, no Rio Grande do Sul, o Belo foi derrotado novamente, por 3 a 1. Os outros dois encontros foram nas duas últimas edições da Série C (empate por 1 a 1, em 2024, e triunfo gaúcho por 2 a 1, em 2025).

No último confronto, no Almeidão, Gabriel Honório

abriu o placar para o Alvinegro, enquanto Eduardo Melo e Tomas Bastos marcaram para o Caxias, que, de virada, venceu e calou as vozes botafoguenses nas arquibancadas. Com três derrotas e um empate no retrospecto, o Belo busca sua primeira vitória no duelo. Em caso de triunfo grená, a equipe do Sul, que tem 21 pontos, ultrapassa o Botafogo na tabela de classificação.

Para aumentar suas chances de ganhar e quebrar o tabu, a equipe parai-bana segue se reforçando.

O jogo de hoje pode marcar a estreia do recém-contrato Léo Pereira, lateral-esquerdo. O atleta de 28 anos chega por empréstimo do Água Santa, inicialmente, até o fim da temporada. Além da equipe paulista, o novo lateral alvinegro tem passagens por clubes como São Caetano, Portuguesa, Ponte Preta e Paysandu.

Arbitragem

O árbitro principal do duelo entre gaúchos e parai-banos é Marcello Ruda Neves Ramos da Costa

(DF). Os assistentes são Lucas Costa Modesto (DF) e Renato Gomes Tolentino (DF). O quarto árbitro é Rodrigo Brand da Silva (RS).

Outros jogos

Hoje, no complemento da 15ª rodada, ainda ocorrerão três partidas: às 16h, jogam Brusque e Ituano, bem como Ypiranga-RS e Barra-SC; e às 20h30, tem Amazonas e Paysandu. Amanhã, às 20h, serão realizados mais dois jogos: Guarani e Inter de Limeira, além de Floresta e Maringá.

SÉRIE D

Galo precisa eliminar São José-RS para ainda sonhar com o acesso

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Treze recebe, hoje, às 17h, no Estádio Amigão, o São José-RS, em jogo válido pela partida de volta das oitavas de final do Campeonato Brasileiro Série D. Na ida, a equipe parai-bana perdeu por 2 a 1. Agora, precisa vencer por dois gols de diferença para avançar direto ou por um gol para forçar as penalidades. A expectativa é que a praça esportiva de Campina Grande tenha casa cheia nesta tarde, com público superior aos 10 mil pagantes.

Durante a semana, a diretoria alvinegra lançou promoção e disponibilizou os ingressos da arquibancada geral com valor de R\$ 13. Até o fechamento desta matéria, mais de seis mil ingressos já haviam sido comercializados. Com o apoio do torcedor, o Treze busca repetir o roteiro da fase anterior. Contra o Crac-GO, também perdeu por 2 a 1 na ida. Na volta, ganhou por 1 a 0, deixando o agregado em 2 a 2. Nas penalidades, avançou ao vencer por 4 a 3.

“Eu acho que, no jogo contra o Crac, a gente criou algumas boas oportunidades,



Jogadores do Treze em treino recreativo, dentro dos preparativos para enfrentar o São José-RS

Foto: Daniel Vieira/Treze

mas não conseguimos concluir bem. Isso foi levando o jogo para aquele momento final em que tudo parecia que não daria certo. Eu não tenho essa certeza ou essa convicção de que vai ser um roteiro mais fácil. Para a gente, o importante é que nós consigamos vencer e que nos classifiquemos, independente de como seja o roteiro”, destacou o técnico Adriano Souza, em entrevista coletiva.

“Quero ressaltar mais uma vez a importância do nosso torcedor, aproveitando a promoção. Já fiz esse desafio, espero ver um Amigão com pelo menos 10 mil pessoas, se possível até mais. Enquanto tiver chances, a gente vai estar lutando. A gente precisa de apoio, de incentivo, de boas energias. Que essa torcida nos leve para frente. Eu peço que venham para apoiar, porque, com certeza, eles vão ser fundamentais para que consigamos nossos objetivos”, completou o treinador.

De olho no rival

O São José-RS tem uma campanha surpreendente nesta Série D. Com Argel Fuchs, o time vem de uma sequência de 12 partidas sem derro-

tas, tendo sete empates e cinco vitórias. No mata-mata, passou nos pênaltis (4 a 2) contra o Santa Catarina, após dois empates por 1 a 1, e venceu a Portuguesa-RJ com um placar agregado de 1 a 0.

Depois do torneio ter iniciado com 96 equipes, ao término das oitavas de final, serão apenas oito equipes vivas pelo sonho do acesso à Série C. Em 2026, seis equipes conquistarão vaga na Terceira Divisão de 2027. Quatro vagas são dos semifinalistas, os quatro eliminados nas quartas de final jogam *play-offs*, que valem outras duas vagas. O novo regulamento deixa a partida de hoje ainda mais importante. Caso o Treze avance, terá dois caminhos, na sequência do certame, para alcançar o tão sonhado acesso.

Arbitragem e VAR

Luiz Augusto Silveira Tisne (SC) é o árbitro principal da partida, em Campina Grande. Os assistentes são Alexandre de Medeiros Lodetti (SC) e Diogo Berndt (SC). O quarto árbitro é Diego Roberto Souza de Melo (PB). O VAR será comandado por Adriano Barros Carneiro (CE).

ESPANHA

Técnicos explicam sucesso da equipe

Estilo de jogo identificável e vencedor foi construído com muito trabalho por treinadores nas categorias de base

A Espanha conquistou sua segunda Copa do Mundo e consolida-se como a seleção de referência do século 21, com dois títulos. A equipe de 2026 e a de 2010 são diferentes, assim como o próprio esporte mudou, mas não é difícil encontrar um fio invisível que as conecta: uma forma compartilhada de entender o jogo.

A seleção feminina, campeã mundial em 2023, também pode ser incluída nesta conversa. Em entrevista ao Fifa.com, Alexia Putellas, a melhor jogadora do país e do mundo, explicou que se identifica com essa equipe espanhola, pois ela faz parte do mesmo ecossistema que abrange desde as categorias de base até a seleção principal.

David Gutiérrez, diretor da Escola Nacional de Treinadores da Federação Espanhola, aponta um ano e um nome específicos como a semente desse sucesso: Luis Aragonés, 2008. José Molina, que atuou como diretor esportivo de futebol masculino da Federação Espanhola de 2018 a 2022, compartilha o mesmo ponto de partida.

Mestres do controle

“Foi ele quem reconheceu o tipo de jogador que os clubes espanhóis estavam revelando e é, no fim das contas, de onde você precisa buscar seus talentos. Os jogadores são formados nos clubes e convocados para a seleção, e ele decidiu reunir esses atletas; foi aí que tudo começou para a seleção e para a federação. Como isso trouxe sucesso, iniciou-se um trabalho baseado nesse estilo de jogo”, observa Molina em conversa com o Fifa.com.

“Ele nos fez entender que, geneticamente falando, provavelmente não somos nem os mais rápidos nem os mais fortes, mas há algo em que nos destacamos, e que enfatizamos bastante na formação de treinadores: a compreensão do jogo coletivo”, acrescenta Gutiérrez em sua análise para o Fifa.com.

Aitor Karanka, atual diretor esportivo da Federação Espanhola, destaca a importância da formação de treinadores para compreender esse sucesso. “Desde muito cedo, os treinadores espanhóis — graças a essa formação — incutem uma compreensão do jogo que não se concentra apenas no desenvolvimento individual, mas também no aspecto coletivo. Existe uma metodologia que envolve jogos baseados na posse de bola e no desenvolvimento de habilidades, permitindo que o jogador espanhol, além de seu talento natural, compreenda a dinâmica da equipe desde cedo”, explica o dirigente da federação.

Ao assistir a uma partida da Espanha, essa é talvez a característica mais marcante: todos os jogadores parecem ter um domínio enorme da ação ao seu redor, uma capacidade de ler o jogo em vez de agir apenas por intuição. Inicialmente, durante a era Aragonés, essa evolução foi amplamente atribuída às categorias de base do Barcelona, que sem dúvida forneceram a espinha dorsal daquela equipe de 2010 e continuam sendo fundamentais para compreender o futebol espanhol. A Seleção de 2026, no entanto, é muito mais diversa; seu motor



Fernan Torres, jogador do Barcelona, vibra bastante ao marcar o gol do título da Espanha na prorrogação diante da Argentina, em Nova Jersey

conta com jogadores como Rodri e Fabián, que não foram formados naquele sistema.

“**Envolve uma combinação de passes e busca por espaços, que seria impossível dentro de uma estrutura mais rígida**

David Gutiérrez

“O mérito cabe, antes de tudo, aos jogadores e aos treinadores da seleção, mas naturalmente tudo começa nos clu-

bes, com o trabalho que todos realizam, desde os de elite até os mais modestos, pois há muitos clubes e academias que oferecem um excelente treinamento”, ressalta Molina.

A metodologia também desempenha um papel nesse sucesso. O falecido José Manuel Ochotorena, auxiliar de Rafael Benítez, um dos primeiros treinadores espanhóis a trabalhar no exterior, relatou, anos atrás, que os jogadores ingleses não gostavam dos treinos do espanhol porque ele frequentemente interrompia a atividade para explicar um conceito. Eles queriam um ritmo constante e jogo contínuo, observou ele, enquanto os jogadores espanhóis valorizavam aquele aspecto mais reflexivo e as informações que recebiam.

“Se você olhar para a Premier League hoje, verá muitos treinadores espanhóis, e eles utilizam a nossa metodologia. Fui o primeiro técnico estrangeiro do Middlesbrough e,

quando cheguei, precisei mudar o modelo, acostumando as pessoas a um estilo baseado na construção de jogadas, em vez dos cinco ou dez segundos que levavam anteriormente para chegar à área adversária”, observa Aitor Karanka.

David Gutiérrez explica o treinamento oferecido aos treinadores nos cursos da Federação Espanhola: “Baseamos tudo na compreensão do jogo, garantindo que os treinadores tenham as ferramentas para evitar que os jogadores se desenvolvam dentro de uma estrutura rígida; em vez disso, o objetivo é que eles compreendam todas as facetas ofensivas e defensivas do jogo. A partir daí, eles se adaptam à realidade em campo. O ponto-chave não é o jogador entender o que acontecerá a seguir, mas sim criar essas situações e espaços”.

“Existe um elemento de talento natural, mas é algo que exige muito trabalho. Quando você tem uma compreen-

são clara de como joga, onde seus companheiros geralmente estarão posicionados, quais movimentos ocorrerão e quais espaços se abrirão, tomar uma decisão se torna muito mais fácil. Às vezes isso não acontece, mas você trabalha para que ocorra, criando essas situações, e isso é algo que pode ser treinado”, ressalta Molina, que atualmente comanda a Seleção de Honduras.

O gol de Pedro Porro contra a França, resultado de uma longa sequência de passes e movimentos precisos de todos os jogadores, ilustra bem esse ponto. “Envolve uma combinação de passes e busca por espaços que seria impossível dentro de uma estrutura mais rígida. Nosso foco está em entender o jogo para que possamos correr muito mas, acima de tudo, correr com eficiência, e manter a posse de bola com um objetivo claro. Isso não é algo que nós, a atual comissão técnica, inventamos; é

uma prática adotada pela Federação há anos, desde as categorias de base. Temos a sorte de contar com grandes clubes que buscam formar jogadores inteligentes e proativos”, ressalta Gutiérrez.

Pier Luigi Cherubino, que fez o curso de treinador da Federação ao lado de Scaloni, destaca o quanto as coisas mudaram desde a época em que era jogador: “Tudo na vida evolui, e o futebol, ainda mais. Antigamente, tratava-se apenas de jogar; hoje em dia, tática, técnica, nutrição e condicionamento físico, tudo isso é abordado no curso”.

O responsável pelos cursos de treinamento, uma figura-chave em todo esse processo, explica que essa evolução está longe de terminar. “Hoje em dia, absolutamente tudo é analisado minuciosamente, até nos mínimos detalhes; há uma compreensão mais profunda tanto do adversário quanto da própria equipe. As cargas de trabalho e os níveis máximos de esforço são monitorados. Além disso, o futebol tornou-se mais físico e mais vertical. Os jogadores de hoje estão mais próximos de serem ‘atletas completos’ e executam tudo em maior velocidade; isso ressalta o valor do nosso modelo, mas também o torna cada vez mais desafiador, já que depender da posse de bola é mais complexo quando o jogo flui com tanta rapidez”, afirma Gutiérrez.

Ainda há passos a serem dados. Gutiérrez aponta tendências visíveis no futebol moderno, como inovações táticas, a exemplo da evolução da função dos laterais ou das formações assimétricas, além da forte ascensão da análise de dados, que amplia as possibilidades, ao mesmo tempo, em que exige uma preparação mais sofisticada. É um cenário cada vez mais complexo, mas encarado com confiança no futebol espanhol, não apenas porque os resultados têm sido favoráveis, mas também pela enorme convicção de que o caminho seguido é o correto.



Alexia Putellas, melhor jogadora do país e do mundo, explicou que se identifica bastante com a equipe espanhola campeã

BRASILEIRÃO

Cruzeiro recebe Botafogo no Mineirão

Líder Palmeiras enfrenta o Atlético-MG; já o Flamengo medirá forças contra o São Paulo, no Maracanã

Da Redação

A 20ª rodada do Brasileirão tem sequência hoje, com a realização de mais sete jogos que envolvem equipes, na sua maioria, que frequentam a parte de cima da tabela. O líder Palmeiras recebe o Atlético-MG, enquanto o vice-líder Flamengo pega o São Paulo, ambos os jogos em seus domínios. E ainda tem Cruzeiro x Botafogo, Bahia x Corinthians, Bragantino x Coritiba, Grêmio x Fluminense e Remo x Vitória. Essa rodada tem como grande novidade a implantação do recurso eletrônico do impedimento semiautomático.

Cruzeiro x Botafogo

Jogo, no Mineirão, começa às 16h, e o time estrelado vem de uma vitória importante sobre o Internacional, fora de casa, por 2 a 1, ocupando a oitava posição com 27 pontos. Já o Botafogo vem de um empate sem gols com o Vitória, válido pela quarta rodada, antes tinha vencido o Santos por 2 a 1. O Alvinegro ocupa a nona posição com 26 pontos. Nos domínios do Cruzeiro, foram disputados 44 jogos entre as duas equipes, com oito vitórias do Botafogo, 13 empates e 23 triunfos do time estrelado. Globo e Premiere vão exibir o jogo.

Bahia x Corinthians

Em sexto lugar com 30 pontos, o Bahia faz novamente uma boa campanha no Brasileirão e recebe o Corinthians na Arena Fonte Nova, às 16h. Na rodada anterior, empatou fora de casa com o Atlético Mineiro em 1 a 1. Já o Corinthians triunfou diante do Remo por 3 a 0, em sua Arena. O Alvinegro ocupa a sétima posição com 27 pontos. Nos domínios do Bahia foram disputados 36 jogos entre as duas equipes, com 13 vitórias do Bahia, 10 empates e 13 triunfos do Corinthians. O jogo será exibido pelo Premiere.

Bragantino x Coritiba

Na quinta posição, com 30 pontos, o Bragantino faz uma excelente campanha e

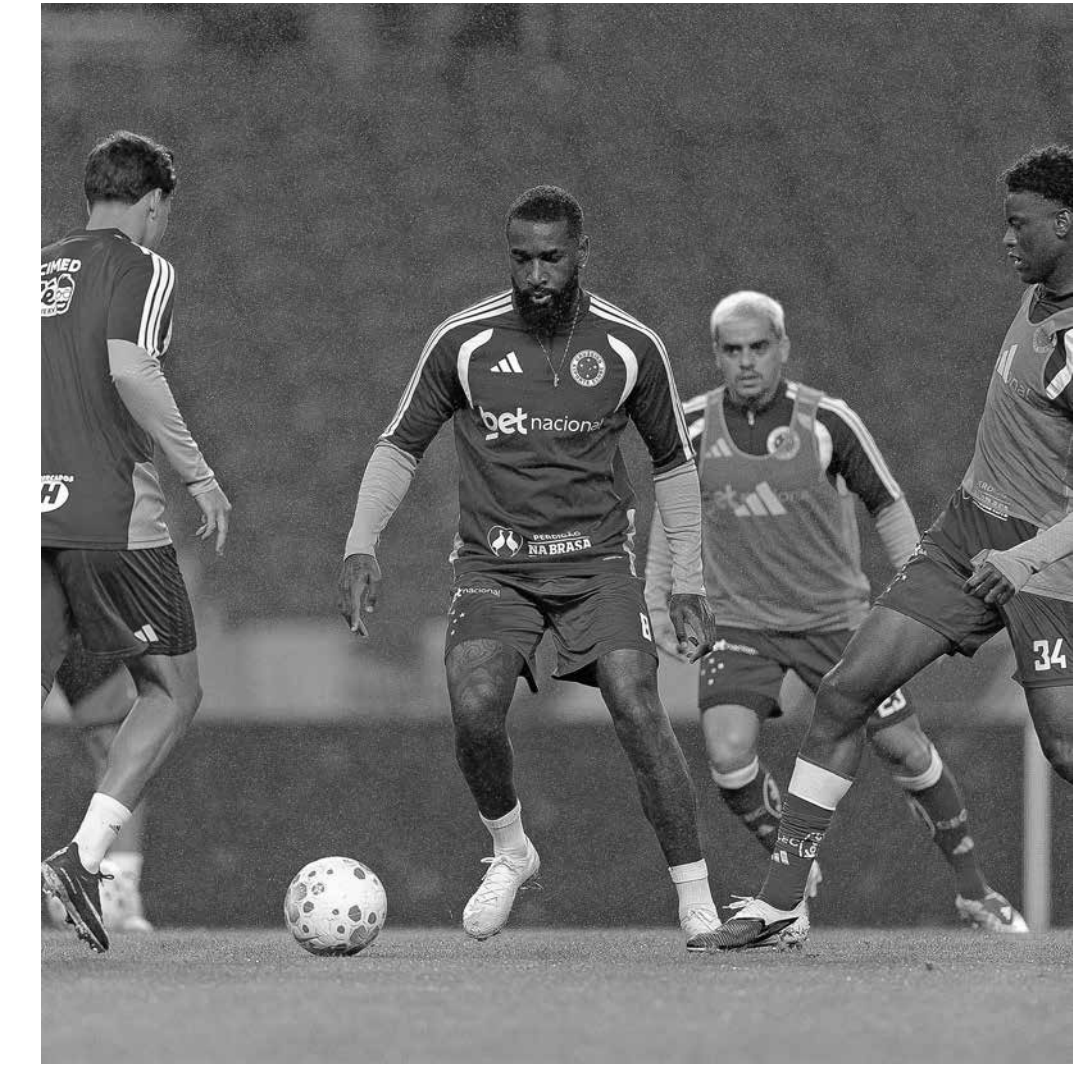


Foto: Lucas Bubole/Cruzeiro

O meia Gerson (C) é um dos destaques do Cruzeiro que enfrenta o Botafogo no Mineirão

joga, hoje, a partir das 18h30, contra o Coritiba, no Estádio Cícero de Souza, com transmissão ao vivo pelo Premiere. Na rodada anterior, o Bragantino empatou por 1 a 1 com o Fluminense, jogo disputado no Maracanã. Já o Coritiba, que ocupa o 10º lugar com 26 pontos vem de uma derrota de 3 a 1 para o Palmeiras, jogando no Couto Pereira. Nos domínios do Bragantino, foram disputados sete jogos entre as duas equipes, com três vitórias do Coritiba, um empate e três triunfos do Bragantino.

Grêmio x Fluminense

Ocupando a 16ª posição, a primeira fora da zona do rebaixamento, o Grêmio vem pressionado para esse jogo em seus domínios. Na rodada anterior, perdeu de 2 a 1 para o Mirassol e nesta semana também não foi bem na Sul-Americana, em que perdeu de 3 a 2 para o Bolívar nos *play-offs*, jogo de ida. Já o Fluminense é o quarto colocado no Brasileirão com 32 pontos e vem de um empate de 1 a 1 com o Bragantino, em casa. Nos domínios do Grêmio, foram dis-

putados 43 jogos entre as duas equipes, com nove vitórias do Fluminense, seis empates e 28 triunfos do Grêmio. O jogo será exibido pelo Premiere.

Flamengo x São Paulo

O Rubro-Negro segue na caça ao líder Palmeiras, ainda com sete pontos de diferença, porém com um jogo a menos. Hoje, às 18h30, recebe o São Paulo, no Maracanã. O Rubro-Negro foi bem na rodada anterior e aplicou 4 a 0 na Chapecoense, na Arena Condá. Tem 37 pontos contra 44 do líder — diferentemente do São Paulo que está em crise e perdeu na última rodada para o Athletico por 2 a 1, atuando em seus domínios — e ocupa a 12ª posição com 25 pontos. Nos domínios do Flamengo, foram disputados 54 jogos entre as duas equipes, com 25 vitórias do Flamengo, 13 empates e 16 triunfos do São Paulo. O jogo será exibido pelo Premiere.

Remo x Vitória

O time paraense segue na zona de rebaixamento e vem de uma derrota de 3 a 0 para o Corinthians na rodada anterior. O jogo no Manguei-

rão começa às 19h30 e será exibido pelo Premiere. Já o Vitória fez dois jogos depois do retorno do Brasileirão, tendo vencido o Vasco, na rodada 19, por 2 a 1, e empatado de 0 a 0 com o Botafogo, na rodada de número 4. A equipe de Salvador aparece na 11ª posição no Brasileirão. Nos domínios do Remo, foram disputados 10 jogos entre as duas equipes, com dois triunfos do Vitória, três empates e cinco vitórias do Remo.

Palmeiras x Atlético-MG

Embalado no Brasileirão, o Palmeiras segue atropelando seus adversários e a última vítima foi o Coritiba por 3 a 1, no Couto Pereira. Líder isolado com 44 pontos, o Verdão tem 13 vitórias, cinco empates e apenas uma derrota. Já o seu adversário tem 25 pontos e está na 13ª posição, tendo empatado com o Bahia em 1 a 1 na rodada anterior. Nos domínios do Palmeiras, foram disputados 42 jogos entre as duas equipes, com 10 vitórias do Atlético Mineiro, 10 empates e 22 triunfos do Palmeiras. SporTV e Premiere exibem a partida que começa às 19h30.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Dupla chance única

O Treze joga hoje o jogo mais importante da temporada. Após perder na partida de ida para o São José-RS, por 2 a 1, o Galo da Borborema vai ter que vencer por um gol de diferença para levar a decisão da vaga nas quartas de final para as penalidades ou alcançar um triunfo por mais de um gol de diferença para avançar no tempo regulamentar. O Galo vai em busca, portanto, da remontada, o que já conseguiu na fase anterior, sobre o Crac, classificando-se após perder a ida por 2 a 1, vencendo depois a volta no Amigão por 1 a 0 e eliminando o clube goiano nos pênaltis.

Mas não é só o inexorável matar ou morrer que faz da partida de logo mais em Campina Grande o jogo mais importante do ano. É que a Série D 2026 vale muito. Vale mais. Vale o dobro. O clube pode ter duas chances de subir de divisão caso passe pelo Zequinha. Uma dupla chance única. A disputa das oitavas de final torna-se histórica, pois, nesta edição, abre-se a possibilidade dupla de acesso: via quartas de final ou via *play-offs*.

Isso porque a Quarta Divisão deste ano oferece não quatro, mas seis vagas na Série C do Campeonato Brasileiro do ano que vem. Coisa que jamais aconteceu. Isso decorre da reorganização que a CBF quer fazer na Terceirona, que contará, a partir de 2028, com 28 clubes. Neste ano, a Série C só entrega para a Série D do ano que vem dois times. Uma zoninha de rebaixamento com duas equipes. Enquanto seis sobem para a Terceirona de 2027, que terá 24 times. Isso obrigou a uma mudança na Série D deste ano. Que o Treze teve a sorte e o merecimento de disputar.

Quem passar das oitavas avança para as quartas, normal, como sempre. Acontece que quem chegar à fase do acesso não terá apenas uma chance de ascender no cenário nacional. Terá duas. Os quatro eliminados nas quartas de final vão se enfrentar em mais um mata-mata em busca de mais duas vagas para a Terceirona. Ou seja, quem perde nas quartas ainda ganha uma nova vida. Mais um jogo do acesso entre os que não avançaram às semifinais. Por isso morrer nas oitavas não é uma opção. Passar do São José-RS é chegar bem perto de um retorno à Série C.

Desfálque grande

Quando acabou a partida de ida das oitavas de final da Série D do Campeonato Brasileiro entre Treze e São José-RS certamente a derrota por 2 a 1 foi lamentada por todos que fazem o Galo. Mas o pior legado da partida de ida do terceiro mata-mata do clube na edição deste ano na Série D não foi o placar e só foi notado no dia seguinte. Após exames, foi constatada uma lesão séria no tendão do pé de Jean Carlo, o grande nome do time na temporada, que tem quatro gols e duas assistências no ano pelo Treze.

Jean Carlo saiu lesionado no início do segundo tempo e não joga mais a Série D, conforme atualização médica do Alvinegro. Essa notícia é bem pior do que a derrota sofrida por apenas um gol de diferença na primeira perna do confronto contra o São José-RS.

Primeiro porque o resultado é plenamente reversível. Não apenas pela vantagem ser essencialmente mínima, mas porque os times têm nível semelhante. O jogo de ida foi equilibrado, com o Treze abrindo o placar, tendo mais outras chances claras, que foram desperdiçadas. O São José-RS também foi perigoso e acabou virando a partida. O gol do empate teve a ajuda da arbitragem, que marcou uma falta inexistente, e também de Buba, que abriu a barreira na hora da batida de Michel, que marcou o gol ainda na primeira etapa. A virada veio no segundo tempo, com Raphael Soares, após uma boa jogada coletiva do Zequinha. Por todo esse cenário, e agora com o Treze jogando em casa, com o apoio massivo do seu torcedor, o resultado está plenamente à disposição da remontada.

Mas aí vem a pior notícia. O Treze não terá o seu melhor jogador, o seu atleta mais impactante na temporada. Jean Carlos vinha sendo fundamental na construção das vitórias do time e está fora nesse jogo de volta. É essa, sem dúvidas, a pior manchete concedida pelo primeiro confronto. Agora resta ao Galo jogar por quem tanto ajudou o time em 2026, para que o Treze possa ter uma rara dupla chance de acesso que a Série D deste ano colocou para jogo.



Foto: Lucas Uebel/Grêmio FBPA

O Grêmio, que enfrenta o Fluminense, em jogo pelos play-offs da Copa Sul-Americana quando perdeu de 3 a 2 para o Bolívar



Alguns dos alunos participantes do projeto idealizado pelo professor Paulo Neto, que vem mudando a realidade de jovens, na cidade de Patos

Foto: Arquivo pessoal

JUDÔ PARA TODOS

Projeto social ajuda menores em Patos

Crianças e adolescentes são os grandes beneficiados com aulas de artes marciais no exercício da cidadania

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Uma iniciativa solidária vem mudando a realidade de crianças e adolescentes da cidade de Patos por meio do esporte. Criado pelo judoca patoense Paulo Neto, o projeto Judô para Todos existe há apenas oito meses, mas já vem conquistando pódios, graças ao alto desempenho dos jovens atletas em competições.

Cerca de 50 alunos frequentam as aulas de artes marciais ministradas pelo *sensei* Paulo Neto. O jovem, de 29 anos, é faixa preta, concedido pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e desde cedo frequenta os tatames. Sem oportunidade no Sertão, teve que se mudar para a ca-

pital, com o apoio da família, para evoluir no esporte.

“Eu iniciei aqui na cidade através dos programas que tinham na escola. Fiz parte do projeto Mais Educação e depois fui embora para João Pessoa, e passei a integrar outro projeto social. O que eu faço hoje aqui em Patos é uma forma que eu achei de devolver à sociedade o que fizeram por mim”, revelou Paulo Neto.

A sede do projeto fica no bairro Bivar Olinto, na Zona Oeste de Patos, mas, segundo o idealizador, as portas estão abertas para receber alunos de todos os bairros. Os alunos têm a partir de quatro anos, idade considerada ideal para iniciar a formação na arte marcial de origem japonesa.

O trabalho é voluntário e conta com alguns parceiros que ajudam a custear a ideia. As aulas são gratuitas, mas alguns pais contribuem voluntariamente. “Se o pai, às vezes, tem condições de contribuir com o projeto, a gente deixa lá em aberto o PIX para as doações. Eu não cobro a mensalidade, não determino valores. Vai da condição e consciência de cada um. Muitas vezes alguns pais pagam a energia ou a água, e a gente conta com parceiros que viabilizam as outras. Mas, quem não tem como contribuir frequenta o projeto como todos os outros”, garantiu Neto.

Muito mais que ser apenas uma prática esportiva, o judô traz outros benefícios para quem pratica desde cedo, para o *sensei*, uma reali-

dade preocupante. “Hoje em dia a gente se depara com crianças que não têm um bom desempenho motor, que tropeçam nos próprios pés e têm dificuldade nas noções de espaço. Isso preocupa. E a gente foca muito nisso. Tanto na parte motora, na parte cognitiva, na questão sensorial e noção espacial”, disse.

Embora tenha pouco tempo de trajetória, o Judô para Todos já comemora suas primeiras conquistas. No dia 18 de julho a delegação patoense, composta por 15 atletas, foi à cidade de Monteiro participar da 2ª Etapa do Circuito Paraibano de Judô. A competição rendeu seis medalhas, entre elas o primeiro lugar na categoria Sub-15 até 81 kg para Moisés Felipe.

Outros três atletas, Carlos Alberto, Maria Vitória e Maria Helloysa, conquistaram a prata. Ele sagrou-se vice-campeão na categoria Cadete acima de 90 kg; Vitória, vice-campeã Sub-15 até 40 kg e Helloysa, vice-campeã Sub-11 até 28 kg.

Servindo de inspiração para seus alunos, o próprio Paulo Neto subiu ao pódio, como segundo colocado da categoria Sênior, até 90 kg. Já a medalha de bronze foi conquistada por Yasmim Kethlyn, terceira colocada na categoria Sub-15, acima de 70 kg. “Foi um resultado muito satisfatório para nós e serve de incentivo para que a gente siga em frente com o projeto”, comemorou Neto.

HISTÓRIA

“Genebra dos Sertões”

Conheça o reino protestante que os potiguaras da Paraíba ergueram na Serra da Ibiapaba, no Ceará, mas que o Brasil escondeu



Ilustração: Tônio

Nessa época, os indígenas protestantes eram conduzidos por Pedro Poti, de Baía da Traição

Ademilson José
Especial para A União

Na segunda metade do século 17, no topo da Serra da Ibiapaba, que fica no Sertão do Ceará e a mais de 300 km de Fortaleza, indígenas do Nordeste (principalmente, potiguaras da Paraíba), leram a Bíblia em tupi, falaram holandês e ergueram uma fortaleza calvinista tão organizada que assombrou a Coroa Portuguesa e a poderosa Igreja Católica. Mas a pergunta que vem é a seguinte: se é assim, por que ninguém fala nesses indígenas? Por isso mesmo que você está imaginando: porque o Brasil decidiu apagá-los da história.

Trata-se, portanto, de um dos segredos mais incômodos e fascinantes de nossa história. É um território do Sertão profundo que foi protestante, poliglota e governado por indígenas rebeldes. Indígenas, sobretudo, do Litoral da Paraíba, que eram aliados dos holandeses e decidiram desafiar a Coroa e a Igreja Portuguesas, não com flechas e mosquetes, mas com a *Bíblia* reformada. Isso mesmo!

Mas, para compreender melhor essa história, voltemos ao ano de 1654, quando a Companhia das

■
Celebravam batismos, casamentos e Santa Ceia nos ritos da Igreja Reformada, junto com franceses e holandeses desertores

Índias Ocidentais foi expulsa do Nordeste brasileiro e teve fim o Brasil holandês que havia começado em 1630. A queda do Recife (sede do governo) marcou o fim de uma guerra sangrenta entre portugueses e holandeses, mas que também envolveu escravos e, sobretudo, indígenas de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Divididos, os indígenas católicos eram liderados por Filipe Camarão, do Rio Grande do Norte, e, do outro lado, os protestantes eram conduzidos por Pedro Poti, de Baía da Traição. Mesmo minoritários, estes últimos haviam convertido-se radicalmente ao calvinismo, no período holandês. Com a expulsão dos holandeses, viram-se obrigados a fugir do jugo católico lusitano. Sabiam que, nas mãos dos portu-

gueses, ou teriam de aderir ao catolicismo ou seriam presos, escravizados, torturados e mortos, como aconteceu com o líder, Pedro Poti, depois da Segunda Batalha dos Guararapes, em 1649.

Com mulheres e crianças, e comandados por Antônio Paraupaba (amigo de Poti), os indígenas rebeldes deixaram o Litoral e iniciaram uma marcha desesperada rumo ao interior, especificamente, à Serra da Ibiapaba, uma muralha natural de mais de 800 m de altitude, que corta o Sertão do Ceará e que, historicamente, era habitada por indígenas da etnia Tabajara.

A diáspora começou logo depois da expulsão dos holandeses. Quando o padre Antônio Vieira chegou à Ibiapaba, em 23 de março de 1660, ficou impressionado com o que encontrou. Em suas primeiras cartas à Igreja e à Coroa, em Lisboa, ele chamou o lugar de “Genebra dos Sertões”, uma alusão direta à cidade suíça que fora o coração do calvinismo na Europa. Relatava que os indígenas estavam mais calvinistas do que ingleses e alemães.

Vieira constatou que, ao contrário dos indígenas catequizados pelos jesu-

tas portuguesas, que dependiam inteiramente da mediação oral dos padres, os refugiados da Ibiapaba sabiam ler. Alfabetizados por pastores protestantes holandeses, eles guardavam e liam as Escrituras Sagradas traduzidas para o tupi. As lideranças e muitos jovens falavam e escreviam fluentemente em holandês, utilizando o idioma também como estratégia militar para que os jesuítas não compreendessem o que conversavam.

Muito do cotidiano dos indígenas da Ibiapaba está nos relatos da missão do padre Vieira — e muito sobre o que eles já eram, antes de deixar o Litoral, pode ser encontrado em pesquisadores do Brasil holandês, destacadamente, Gonsalves de Mello e Frans Leonard. Celebravam batismos, casamentos e Santa Ceia nos ritos da Igreja Reformada e, juntamente com franceses e soldados holandeses desertores, que optaram por viver com eles, mantiveram, por algumas décadas, o que a historiadora Jaqueline Viração chamou de “primeira igreja indígena reformada do Brasil”.

O destino da Genebra dos Sertões foi selado pela geopolítica e pela burocracia colonial. É, porque,

para Portugal, aquilo não passava de uma bomba-relógio e obrigava a endurecer as ações da colonização na região. O que foi feito, claro, com a brutalidade dos tempos ainda da Inquisição. Para neutralizar a igreja indígena, a Coroa Portuguesa e a Igreja Católica misturaram o peso da lei e a força da cruz.

Bíblias em tupi foram recolhidas e queimadas. O ensino do holandês e as pregações calvinistas, punidas severamente. Os índios alcançados foram transformados em mãos de obra agrícola e escudo militar para conter os ataques de outras etnias do interior. E o golpe de misericórdia na identidade daquele povo ocorreu no século seguinte, mais precisamente, em 1759, quando o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas do Império Português.

Com isso, a aldeia missionária da Ibiapaba foi elevada à categoria de município, com o nome de Vila Viçosa Real e, a partir de então, o apagamento tornou-se uma política de Estado. O tupi foi expressamente proibido, o casamento inter-racial, estimulado, e os indígenas, forçados a adotar sobrenomes portugueses. Os Itapuã viraram Silva.

No século 19, as assembleias provinciais do Nordeste decretaram, formalmente, o “fim dos índios” na região, alegando que a população havia se diluído na massa de mestiços e camponeses. As terras coletivas foram fragmentadas, leiloadas e entregues a latifundiários.

Quando um leitor, mais ou menos curioso como eu, busca, hoje, informações sobre os “índios protestantes da Ibiapaba”, o que encontra é um deserto documental. O que há são lacunas de um Brasil que, no século 19, optou por decretar a extinção jurídica desses povos.

Até mesmo nos arquivos da Funai (que foca mais na questão territorial) e na historiografia oficial dos Potiguaras (cujos remanescentes concentram-se hoje, sobretudo, em Baía da Traição), a saga dos refugiados da Ibiapaba é completamente desconhecida — ou tratada apenas em notas de rodapé, por quem a conhece um pouco.

Mas é preciso estar ciente de que esse apagamento — e, consequentemente, esse esquecimento — não foi um acidente de percurso. Como diria Darcy Ribeiro, foi parte de um “projeto político-educacional vitorioso”.

José Maria dos Santos

Exemplo histórico de um apagamento

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Ilustre desconhecido jornalista e intelectual paraibano — assim pode ser apresentado o jornalista, ensaísta, político e pensador José Maria dos Santos. A interpretação desse esquecimento pode ser atribuída, injustificadamente, à migração para outro estado, ainda na juventude, mas é preciso considerar também os aspectos sócio-históricos da sua condição de homem negro. A recuperação do seu nome tem sido tarefa empreendida pelo jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues, que relançou a biografia do paraibano, publicada originalmente em 2000, pela Editora A União, como parte da série *Nomes do século*.

Nascido em 26 de agosto de 1877, na então cidade de Parahyba, José Maria dos Santos era filho de Iracema de Oliveira dos Santos e do oficial João Maria dos Santos, do Corpo de Voluntários da Pátria. Pela participação na Guerra do Paraguai, o seu pai foi premiado com a nomeação para titular do cartório de notas, situada ao lado da Igreja da Misericórdia — condição que, segundo Gonzaga, não fez o garoto amargar a vida tormentosa das demais crianças negras da sua época.

Depois de concluir os estudos no Liceu Paraibano, José Maria foi enviado ao Rio de Janeiro (RJ) para ingressar na Escola Militar, uma alternativa à Escola de Direito, que recebia os filhos da elite agrária e administrativa brasileira. Apesar de não ter concluído o curso, ele participou de algumas campanhas militares,

como as expedições a Canudos (1897) e ao Acre (1890), mais precisamente, a chamada “Expedição Floriano Peixoto”, ou “Expedição dos Poetas”, assim denominada em função do idealismo e do entusiasmo dos seus integrantes.

Conforme Gonzaga, dos 20 aos 25 anos de idade, “José Maria se integrava cheio de idéias, numa cidade tumultuada pela transformação, pelos negros libertos, pelo ‘bota-abaixo’, pelos levantes de tropas e de massas da revolução da Vacina, da Revolta de sua ex-escola, dando encontros com a onda imigrante, mas, o que é importante, tudo isso com espírito crítico, sem grandes surpresas, sem basbaquice”, contextualiza.

A participação atuante na efervescência da vida política e cultural da capital federal o conduziu à imprensa. Na falta de dados mais precisos sobre o início dessa atuação, o biógrafo infere, analisando texto culto, livre e sem artifícios, a colaboração de José Maria para periódicos como *O Paiz*, *Jornal do Commercio*, *O Globo* ou *A Imprensa*. Como, à época, um bom jornalista era aquele que sabia escrever bem e tinha ideias próprias, não é de se duvidar desse primeiro estágio.

É na imprensa paulista, no entanto, que o paraibano se integra definitiva-

mente, assumindo funções de direção de importantes títulos do seu tempo, como *Tribuna Paulista* e *O Jornal da Tarde*. Na *Folha da Manhã* foi chefe de redação, ao lado do proprietário, Otaviano Alves de Lima, e registrou passagens, ainda, por periódicos como *O Diário* e *A Tribuna de Santos*. Sem deixar os vínculos com a imprensa carioca, foi, ainda, correspondente d’*A Folha* na capital federal.

“José Maria soube associar o jornalismo de opinião, o jornalismo resultante de sólidas leituras e de formação humanística, com o jornalismo prático, de correspondente de guerra, sem tempo de adjetivos ou de torneios literários”, observa Gonzaga Rodrigues.

Elegância

Inteligente, culto e defensor da democracia, o jornalista, descrito como um homem de bela figura, deixou farta literatura para a compreensão do Brasil

Europa

Designado por Júlio de Mesquita como correspondente europeu de *O Estado de São*

Paulo, atuou por mais de 10 anos em Paris. Na Cidade Luz, uniu-se à delegação brasileira, chefiada por Epitácio Pessoa, para a Conferência de Paz, em Versalhes, e chegou a trabalhar como redator nos dois maiores periódicos franceses, o *Le Parisien* e o *Le Fígaro*. “Dominar a língua e o ambiente estrangeiros, identificar e poder conviver com as suas lideranças a ponto de montar a pauta de interesse de um jornal de outro país não é para qual-

quer um”, ressalta o cronista.

A notável inteligência para conquistar espaços na esfera cultural, no exterior, não era menor que o conhecimento dos problemas e da política do seu país. Por aqui, defendia postulados liberais, especialmente a forma parlamentar de governo, manifestando-se contra o arbítrio, o governo pessoal e todas as formas de violência contrárias à democracia. Nessa linha, publicou os livros *A Política Geral do Brasil*, *Os Republicanos Paulistas* e *a Abolição*, *A Terra e os Problemas do Homem*, *Os Fundamentos Reais da Liberdade*, *Notas da História Recente e Bernardino de Campos* e *o Partido Republicano*.

“Os seus trabalhos de história são, ao mesmo tempo, trabalhos de análise histórica e de reconstituição memorialística. As cenas que narra e os perfis que traça sobre pessoas, trazem consigo a força e o colorido de quem vivenciou aqueles momentos marcantes da vida nacional”, escreveu Tarcísio Burity, no prefácio da biografia. O ex-governador paraibano considerava *A Política Geral do Brasil* a obra mais importante de José Maria, uma espécie de livro-fonte, seja pelo rigor da pesquisa, seja pela marca testemunhal.

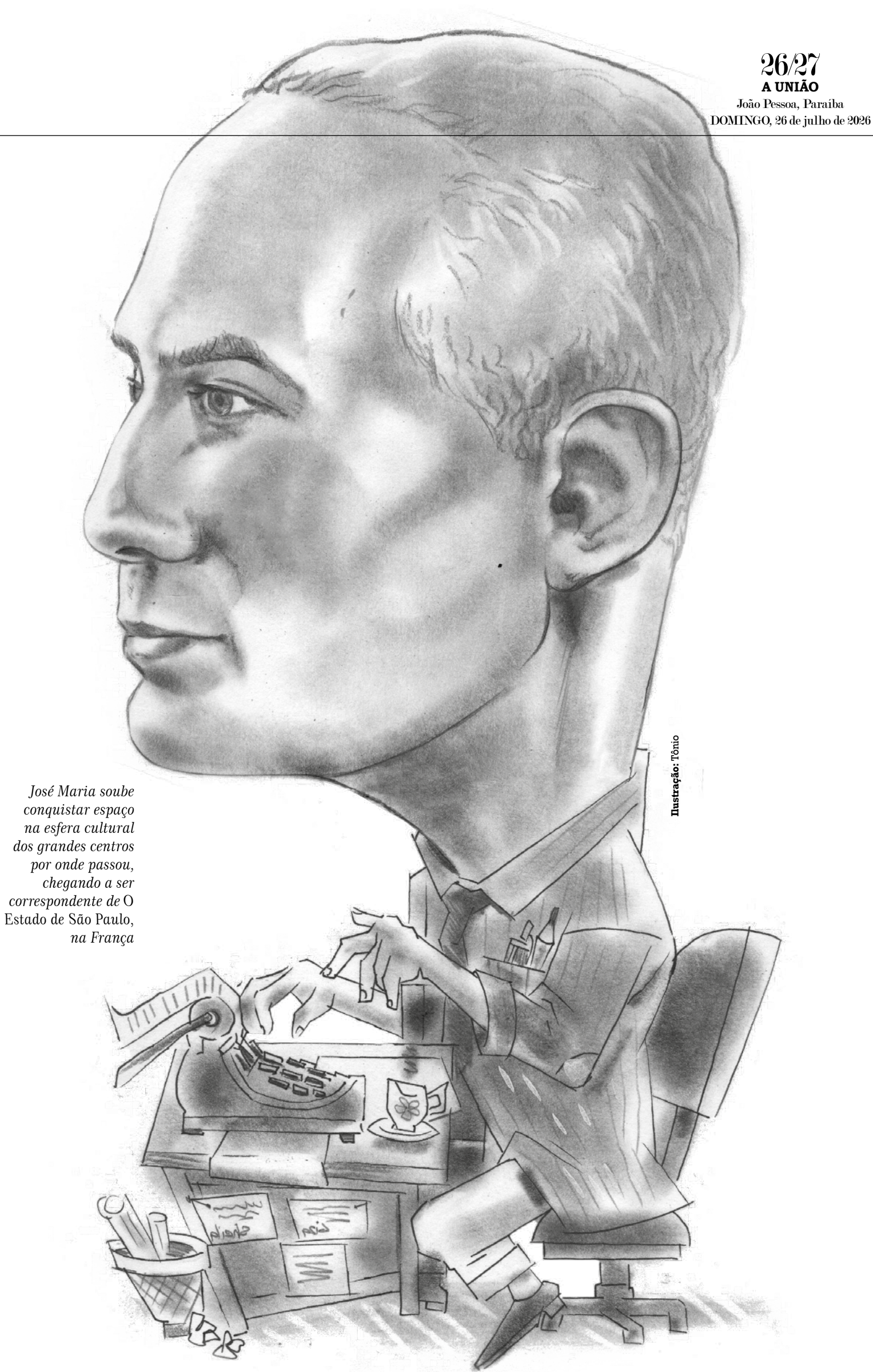
Seguindo métodos investigativos parecidos de jornalista-memorialista, Gonzaga apresenta, entre os seus achados, a descrição física de José Maria, colhida pelo paulistano Cândido Motta Filho, também companheiro de profissão: “Uma figura bonita, bem posta, na elegância natural de quem vivera em Paris. Olhos verdes no rosto escuro, testa larga, lábios finos, gestos discretos,

fala mansa e tranquila”. Em outro trecho do jornalista Raul Pilla, lemos: “Homem de raça negra, pertenceu a uma elite de expoentes do ensaísmo brasileiro, explicando-se o desconhecimento da sua obra pela modéstia desconfiada com que José Maria dos Santos se colocava diante dos homens e das coisas de seu país”.

“Barrigada”

Antes de completar 70 anos, José Maria dos Santos, vivendo com a sua companheira no Hotel Marabá, na Praça da República, no Rio, foi surpreendido por sucessivos telefonemas de amigos e companheiros de profissão. Buscavam confirmar uma informação que saíra em um dos mais respeitados jornais cariocas, *O Globo*, noticiando o seu falecimento. A “barriga”, jargão jornalístico para se referir a uma notícia falsa, equivocada ou mal apurada, gerou uma resposta do paraibano, que fez questão de desmentir a sua morte e corrigir uma informação importante: “Sou de João Pessoa, na Paraíba, e não de Maranguape, no Ceará”.

José Maria dos Santos morreu seis anos depois, no dia 16 de julho de 1954, na cidade de São Paulo. Na Paraíba, foi homenageado pelo Instituto Histórico e Geográfico (IHGP-PB) com uma Comenda do Mérito Cultural que leva o seu nome. Em vida, ele foi sócio correspondente da instituição e um dos seus patronos.



José Maria soube conquistar espaço na esfera cultural dos grandes centros por onde passou, chegando a ser correspondente de O Estado de São Paulo, na França

Ilustração: Tônio

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Vício em telas e perigos digitais para pessoas 60+

Fala-se muito sobre os perigos do mundo digital para crianças e adolescentes, mas há outro público igualmente à mercê de predadores virtuais e do vício em telas e redes sociais: as pessoas idosas. Isolamento, solidão e falta de estímulos estão entre os fatores que favorecem esse fenômeno.

O uso excessivo de telas por pessoas com mais de 65 anos já é tema de pesquisas acadêmicas. Nos últimos anos, o número de usuários que se enquadraram nesse perfil passou de 11% para 45%.

Tal realidade intensificou-se a partir da pandemia de Covid-19 e vem modificando, inclusive, as relações familiares. Não é raro encontrar avós e pais entretidos com seus celulares por horas e horas, ignorando as interações com filhos e netos. Estes, muitas vezes, também estão imersos em seus smartphones.

Artes manuais, como costura, bordado e crochê, deram lugar ao deslizar dos dedos pelas telas das redes sociais ou ao consumo incessante de vídeos falsos e memes. Mais do que isso: a leitura de livros, jornais e até da *Bíblia* é, frequentemente, interrompida por qualquer notificação. Sempre há algo novo para ver no celular.

Como se não bastassem os riscos do isolamento social (e suas consequências para a saúde mental), outro perigo esconde-se nos dispositivos: os golpes virtuais. Uma pesquisa do DataSenado, que entrevistou



Foto: Reprodução/Pixabay

Nos últimos anos, o uso excessivo de telas por pessoas com mais de 65 anos aumentou 34%

22 mil pessoas, revelou que os idosos (60 anos ou mais) representam 16% das vítimas de crimes digitais. Já o grupo com idade de 50 a 59 anos soma 14% das vítimas.

A prevenção a golpes virtuais contra pessoas idosas, aliás, está entre os objetivos de uma publicação lançada recentemente pelo Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas (TRE-AL). A história em quadrinhos Dona Maria e o Segredo da Informação de Verdade também reúne orientações sobre proteção de dados e verificação de informações.

A HQ lembra que, entre os golpes mais comuns, estão aqueles em que um suposto familiar pede dinheiro, os falsos prêmios e promoções, as ligações suspeitas e os perfis falsos. Além disso, traz orientações sobre como evitar a disseminação de notícias falsas. Desconfiar de mensagens urgentes, verificar se a fonte é confiável, evitar compartilhar conteúdos sem checagem prévia e recorrer a plataformas de verificação são algumas das recomendações feitas à personagem Dona Maria.

Sobre o tema, o Instituto Palavra Aberta



Utilize o QR Code para acessar o EducaMídia

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

The Rolling Stones — III

Em 1967, ainda sob os efeitos do escândalo da prisão de Mick Jagger e Keith Richards por porte de drogas ilícitas, foi lançado o quinto álbum de estúdio da banda no Reino Unido, *Between the Buttons*. De certa forma, os dois líderes, e criadores das 12 faixas, propositalmente, buscaram fazer eco aos efeitos lisérgicos, com várias canções direcionadas aquele evento, ou seja, procuraram repercutir suas ações e atitudes contestadoras.

As duas músicas mais executadas foram “Let’s Spend the Night Together” (em tradução livre, Vamos passar a noite juntos), que demonstra claramente certa depressão da banda diante da rotina após dias e noites de consumo, e “RUBY Tuesday”, um dos *hits* ainda hoje muito executados, que fala de uma personagem chamada “Ruby Tuesday”, que, em uma noite escura, apareceu sem dizer de onde havia vindo e que, mudando a cada dia, não se sabia aonde iria... Tem tudo a ver com o momento dos criadores.

Em seguida, em 1968, viria um álbum ainda mais polêmico, *Beggars Banquet*, um retorno à própria essência dos Stones. Tanto é que a própria gravadora censurou a capa criada pelo grupo, por achá-la provocativa demais. O disco saiu, inicialmente, na edição da London (Reino Unido), com a capa comple-

tamente em branco, apenas com o nome do grupo. Como se esperava, as criações continuavam polêmicas, centradas em sensualidade, conflitos sociais e com evocações às músicas de procedência e temática negra.

O tema central prioriza a faixa inicial do álbum, “Sympathy for the Devil”, e procura narrar a história da humanidade sob a perspectiva de Satanás, que assume a “responsabilidade indireta por momentos sombrios, como a crucificação de Cristo, bem como a Revolução Russa e a Segunda Guerra Mundial”. “Sympathy for the Devil” traduz uma espécie de empatia do grupo pelo próprio demônio.

A título de curiosidade, ilustram esta matéria as respectivas capas dos discos de 1967 e 1968, bem como a capa censurada que, posteriormente, passou a figurar no release da edição americana.



Foto: Divulgação/London Records

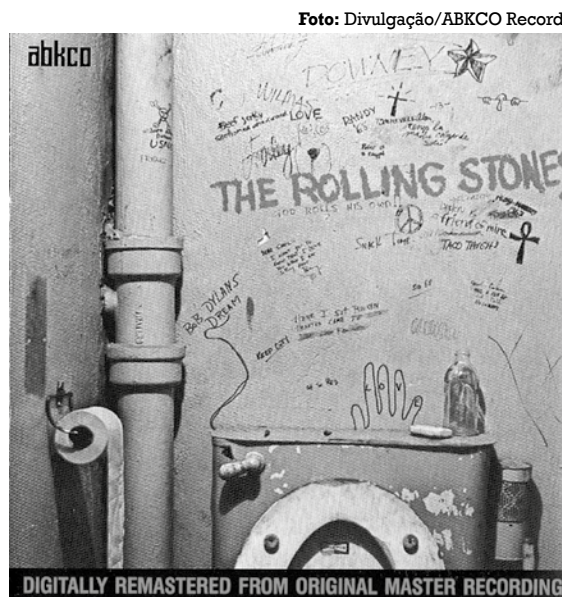


Foto: Divulgação/ABKCO Records



Foto: Michael Joseph/Divulgação

Em cima, as capas de Between the Buttons e Beggars Banquet; abaixo, a capa censurada pela gravadora

REDUÇÃO DE CUSTOS

Netflix usou IA em 300 títulos da plataforma

Empresa utiliza a tecnologia em etapas da produção de filmes e séries de sucesso

Europa Press

O uso da inteligência artificial (IA) generativa está cada vez mais difundido na Netflix, tanto na plataforma, para impulsionar a descoberta de novos programas quanto na produção de novos conteúdos, na qual já foi empregada em pelo menos 300 títulos próprios, o que permitiu manter “cenas e sequências-chave”.

A empresa de tecnologia utiliza os grandes modelos de linguagem (LLM) para compreender melhor as preferências dos usuários e criar experiências “mais personalizadas, imersivas e interativas”, que facilitem a descoberta de conteúdo.

A busca por conteúdos também se tornou mais avançada com o recurso de voz e a capacidade de utilizar a linguagem natural, conforme exposto pela empresa, na ocasião da divulgação dos resultados do segundo trimestre de 2026.

O uso da IA generativa também foi impulsionado em todo o ciclo de vida da produção, o que inclui não apenas o conceito e a pré-visualização, mas também as fases de pós-produção e a entrega final. “Estamos gerando resultados de maior qualidade, de forma mais rápida e eficiente do que teríamos conseguido com os métodos tradicionais”, disse o presidente e diretor da Netflix, Theodore A. Sarandos, durante a teleconferência com investidores.

Nesse contexto, Sarandos destacou a contribuição da InterPositive, empresa de inteligência artificial fundada

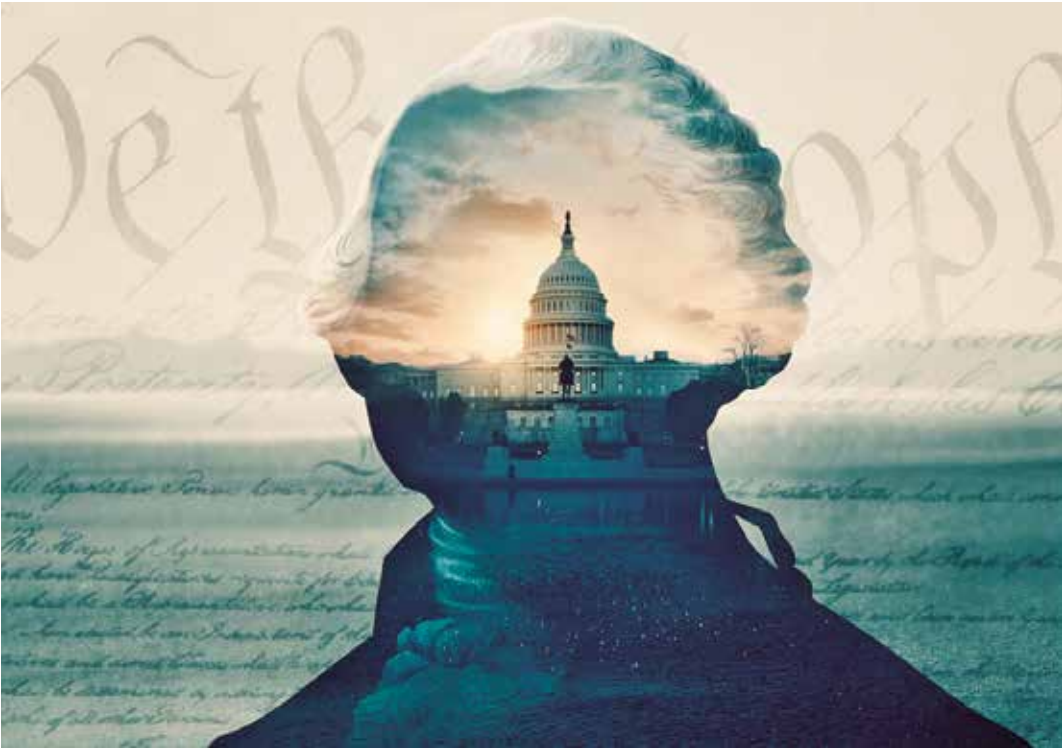


Foto: Divulgação/Netflix

Série documental O Experimento Americano é uma das obras que contou com a tecnologia

pelo ator Ben Affleck, que a Netflix adquiriu em março para acelerar os processos de pós-produção, complementando o estúdio de efeitos visuais e produção virtual Eyeline e o laboratório de animação.

A empresa estima em “cerca de 300” o número de produções próprias nas quais empregou a tecnologia de IA generativa, principalmente na fase de pós-produção, e cita como exemplos desse trabalho: *Glory*, *Brasil 70: A Saga do Tri* e *O Experimento Americano*.

A esse respeito, o executivo defendeu que em alguns casos, se a empresa não tivesse contado com a tecnologia de IA generativa, as produções teriam que abrir mão de tomadas e sequências-chave, seja por questões de orçamento, seja por prazos de entrega.

Além disso, Sarandos vê essa tecnologia como um

complemento à criatividade dos artistas. “Os filmes são realizados por pessoas que fazem cinema; a IA apenas lhes proporciona ferramentas para torná-los ainda melhores”, afirmou.

A automação oferecida pela IA generativa também se estendeu ao setor publicitário, para desenvolver experiências premium que per-

mitam alcançar “públicos altamente engajados e atentos”. Essas ferramentas também têm sido utilizadas em todo o ciclo de criação publicitária e permitiram automatizar as relações entre os anunciantes e a empresa por meio de soluções como o acesso programático a anúncios em pausa e ao inventário em tempo real.

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Saudação telefônica (2) = alô + hipódromo (2) = prado. **Solução:** ser desatinado (4) = aloprado.

Charada de hoje: Estou (1) torcendo para que você não escorregue (2) nessa emboscada (3).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

A Copa passou e o hexa não veio, mas...

O brasileiro tem muito do que se orgulhar, quando o assunto é futebol. Independentemente da má fase atual, a Canarinho marcou gols impossíveis e dribles inexplicáveis, ao longo de mais de um século, tornado-se o único país pentacampeão do mundo. Para quem curte, aqui vai uma pequena lista de documentários que dão gosto de ver:

Brasil 70: A Saga do Tri

Ao longo de cinco episódios, *Brasil 70: A Saga do Tri* recria os bastidores da campanha que levou a Seleção Brasileira ao tricampeonato mundial no México, em 1970. Onde ver: Netflix

Tetra: Acreditar de Novo

Com imagens raras dos arquivos pessoais dos jogadores e entrevistas inéditas, *Tetra: Acreditar de Novo* revisita a campanha que encerrou o jejum de 24 anos da Seleção Brasileira sem conquistar a Copa do Mundo. Onde ver: Netflix

Brasil 2002 – Os Bastidores do Penta

O documentário de Luís Ara mostra os bastidores da Seleção Brasileira que conquistou a Copa do Mundo de 2002, com imagens inéditas e entrevistas com os jogadores. Onde ver: Netflix

Linha de Passe

Dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas, *Linha de Passe* acompanha a rotina de uma família da periferia de São Paulo e, em especial, a jornada de Dario, um jovem que sonha em se tornar jogador profissional. Onde ver: Netflix

Pelé

O documentário *Pelé* revisita a carreira do maior ícone da história do futebol, destacando não apenas os feitos que fizeram com que o saudoso Pelé fosse descrito como Rei, mas também a relação do atleta com o contexto político e cultural brasileiro e seu importante papel durante os anos da Ditadura Militar. Onde ver: Netflix

Garrincha: Alegria do Povo

Clássico do cinema nacional dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, que registra o Mané Garrincha no auge da carreira durante as Copas de 1958 e 1962. Onde ver: Mubi e Globoplay

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cabelo de Adão; 2 – língua de cobra; 3 – manchas da cobra; 4 – folha no chão; 5 – rita da divoie; 6 – folhas da divoie; 7 – rdo do do esquilho; 8 – boca de Adão; e 9 – galho.

É quando o cérebro perde o controle sobre os impulsos, estimulado pela liberação desregulada de dopamina e pela facilidade de acesso digital. Mesmo sabendo que pode perder dinheiro, prejudicar o rendimento no trabalho e impedir a sua conexão nas relações, o indivíduo não consegue parar e acende um alerta entre os profissionais de saúde.

Imagem: Reprodução/Pixabay



Roletas, bingos, loterias, caça-níqueis e bets são alguns exemplos de jogos com alto potencial de viciar

SEM BRINCADEIRA

Quando jogos e apostas viram vício

Reconhecida pela OMS como um transtorno, doença pode levar a isolamento, ansiedade, endividamento e suicídio

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Aos 77 anos, o funcionário público aposentado Anchieta (como preferiu ser identificado) afirma que parou de viver por mais de 10 anos. “Eu fui dependente do bingo. Jogava de manhã, de tarde, de noite e de madrugada, praticamente todos os dias, por 10 anos. Como estava à disposição da Associação dos Servidores, eu mentia, dizendo que tinha uma entrevista com o secretário, ou até com o prefeito, para ir às casas de bingo. Começava às 10h e muitas vezes só chegava em casa no dia seguinte, na hora em que minha filha ia pegar a *van* para o colégio. Minha vida tornou-se um inferno, porque eu me tornei dependente”, relata.

Duas vezes por semana, às segundas-feiras e às quartas-feiras, entre 19h30 e 21h, ele comparece a uma sala situada no primeiro andar de um prédio na Avenida Marechal Almeida Barreto, nº 222, na região central de João Pessoa, para compartilhar a sua experiência com outros jogadores compulsivos, orgulhando-se de que, há 14 anos e quatro meses, não faz nenhuma aposta.

Anchieta foi um dos fundadores do grupo de Jogadores Anônimos (JA) na Paraíba, cuja proposta é inspirada na metodologia dos Alcoólicos Anônimos (AA), baseada nos 12 passos e nas 12 tradições. Foi lá também que Ricardo (nome fictício), farmacêutico de 49 anos, encontrou suporte para controlar a compulsão por apostas es-

portivas, que teve início no fim de 2009, um mês antes de se casar.

Como gostava de futebol e compreendia um pouco sobre a escalação de jogadores, acreditava que isso lhe daria mais vantagens para ganhar. Combinada com a compulsão, a confiança o fez apostar também em esportes dos quais não tinha conhecimento nenhum, como tênis de mesa, hóquei no gelo e até corrida de cachorro. No começo, eram pequenas quantias, em torno de R\$ 5. Um ano depois, os valores já eram 10 vezes maiores.

Reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um transtorno, o jogo patológico, ou ludopatia, caracteriza-se por um padrão de comportamento compulsivo em apostar, ainda que com consequências negativas. Ricardo só consegue perceber isso hoje, ao analisar que, ganhando, à época, cerca de R\$ 13 mil, chegou ao ponto de ter de pedir ao pai para pagar a taxa de condomínio do seu apartamento, que custava R\$ 200, alegando que não ganhava o suficiente. “A doença progride, vai aumentando ao nível de compulsão, de tal maneira que, se eu recebesse R\$ 5 mil na minha conta, em uma hora eu conseguia destinar tudo para as apostas”, conta o farmacêutico.

Quando o pai desconfiou de que havia algo errado e questionou o que estava acontecendo, Ricardo cogitou dizer que tinha outra mulher para encobrir a dependência. Foi então que, em 2014, admitiu a sua con-

dição e começou a fazer tratamentos com psicólogo e também a frequentar o grupo de Jogadores Anônimos.

Aceitação

“As pessoas não acreditam, dizem que é sem-vergonhice, safadeza, falta de caráter e de personalidade, mas, na verdade, a vontade da pessoa é dominada, ela perde toda a potência sobre o jogo, torna-se uma pessoa escrava do jogo”, confessa Anchieta.

O sinal de alerta para que procurasse ajuda surgiu quando ele foi confrontado pela esposa sobre as noites que passava fora de casa. Pensou que ele tinha outra mulher e foi logo pedindo o divórcio. Anchieta convidou-a para ir até o bingo, onde só não ficou a noite toda jogando porque ela ameaçou fazer um escândalo no local.

“Tem pessoas que têm o controle sobre o jogo. Eu não tinha esse controle. Quando eu me sentava no *[sic]* computador para jogar, o jogo dizia: ‘Quem manda em você agora sou eu, sua vontade de fazer as outras coisas desapareceu’. O jogo me dominava”, lembra.

Reconhecer a condição de dependência do jogo é o primeiro passo para procurar ajuda. Como já frequentava um grupo de AA, Anchieta sabia disso. Também sabia da existência de um escritório de Jogadores Anônimos no Brasil, então decidiu pedir o material de apoio para iniciar um grupo de jogadores compulsivos na Paraíba.

A base desse tipo de irmandade é a mútua ajuda,

compartilhando sentimentos e histórias semelhantes. Os resultados também exigem mudanças de hábitos. Para deixar a compulsão pelo bingo, Anchieta passou a ocupar o tempo com a filha e em viagens nos fins de semana — e, claro, deixou de frequentar espaços de apostas.

Tratamento

No caso de Ricardo, as recaídas foram tantas que ele diminuiu a frequência nas reuniões do grupo de Jogadores Anônimos, por vergonha dos que estavam há muito tempo sem jogar. Continuava a mentir para a família e até para o psicólogo, e nem mesmo uma intervenção psiquiátrica funcionou completamente. Somente em 2024 tomou a difícil decisão (que considerava mais acertada) de se internar em uma comunidade terapêutica, onde ficou por um ano. Hoje, celebra por estar há sete meses e meio sem fazer nenhuma aposta.

“Essa doença não tem cura, mas tem tratamento. Como sou um jogador compulsivo, eu sei que posso fazer sumir da minha conta o valor que tiver, porque o meu problema está todo em minhas mãos. Para me blindar de uma recaída, em determinado horário da noite, a minha esposa recolhe o meu celular. Apesar de eu não ter pensado nunca mais em apostar, quem é doente não deve achar que está livre para o resto da vida”, confessa Ricardo.

A esposa também ficou responsável por receber o salário e repassar as

quantias necessárias para a alimentação e os deslocamentos cotidianos. O fortalecimento espiritual diário é outra dimensão que ele vem cultivando, aliado à participação no grupo de JA.

Tabuleiro

Em escala global, estima-se que 46,2% dos adultos e 17,9% dos adolescentes já tenham jogado ou apostado. Mas a ludopatia é um transtorno silencioso, então os dados sobre ela nem sempre refletem a realidade. Admitir que não está no controle da própria vida financeira não é uma tarefa fácil.

O tema tem ganhado mais repercussão com a popularização das plataformas *on-line* e os riscos que isso tem provocado. No Brasil, segundo o Ministério da Fazenda, cerca de 25 milhões de brasileiros apostam nestas plataformas. Dados dos atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS) com diagnóstico de jogo patológico e mania de jogo e aposta apontam um crescimento de 104%, no período de 2018 a 2025.

A compulsão pelos jogos de azar tem ganhado novos contornos na cultura digital. O tema já foi discutido em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que debateu a crescente influência dos jogos virtuais de apostas *on-line* no orçamento das famílias brasileiras, mas as investigações foram encerradas sem indiciamentos. Propostas legislativas favoráveis e contrárias à regulação mais firme

de cassinos e outros jogos de azar no país tramitam em esfera federal, ao passo que ações governamentais vêm considerando a compulsão por jogos como uma questão de saúde pública.

No campo acadêmico, pesquisadores estudam os efeitos dessa dependência nos indivíduos, nas famílias e na sociedade, sem deixar de considerar que as gerações recentes têm crescido numa cultura de jogos, e o aprendizado que eles trazem pode ser útil para a sua formação. Mas qual é a fronteira entre o prazer e o transtorno? O que acontece quando o jogo deixa de ser um produto para se tornar um serviço? Quem ganha, afinal, nesse jogo?

O convite deste Pensar é para jogar as pedras nesse tabuleiro e tentar compreender as múltiplas camadas que transformam o acaso das apostas em dependência e o sonho em sofrimento.

“

Quando eu me sentava no *[sic]* computador para jogar, o jogo dizia: ‘Quem manda em você agora sou eu’

Anchieta

CÍRCULO VICIOSO

Entre o lucro e o colapso psíquico

Presente no ambiente doméstico e acessível a qualquer hora, via dispositivos móveis, a ludopatia é silenciosa

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Jogar é uma prática antiga humana e universal, e a própria etimologia da palavra explica essa fascinação: derivado do latim *jocus*, que significa gracejo, pilhéria, escárnio e zombaria, substituindo o termo clássico “*ludus*”, associado a divertimento e recreação. O jogo está presente na infância, nas relações sociais, nas manifestações da cultura popular e em muitas das formas de lazer que temos hoje, tanto que o historiador holandês Johan Huizinga defendia que, além de *Homo sapiens* e do *Homo faber*, o ser humano deveria ser considerado, também, *Homo ludens*, pela habilidade de criar jogos.

Além do potencial de desenvolverem habilidades sócioafetivas e cognitivas, os jogos produzem excitação e tensão, mobilizam alegria e divertimento, proporcionam prazer — tudo por meio de um sistema de recompensas. A prática passa a oferecer riscos quando a fronteira entre o jogo lúdico e a expectativa pelo lucro se rompe. Apesar de muita gente já ter feito uma fezinha na Mega da Virada ou em outros jogos ditos “da sorte”, o perigo tende a evoluir com o aumento das apostas, que, combinadas ao risco e à excitação, alimentam sensações de euforia associadas ao poder e ao sucesso.

O jogo patológico, ou ludopatia, tem sido tipificado como uma condição médica caracterizada pela compulsão em jogos de azar. A sensação de prazer e satisfação provocadas pela liberação constante de dopamina no cérebro com as apostas tende a exigir novos estímulos e levar a novas tentativas, mais arriscadas e de valores mais altos. Quando o jogador ganha, o pico de prazer reforça a expectativa por uma nova aposta para obter uma recompensa semelhante, incentivando a dependência e ignorando as possíveis perdas.

“Há pessoas que sentem adrenalina, ânimo, prazer e felicidade quando ganham; elas encaram apostas como uma atividade de diversão e entretenimento. Mas também experimentam frustração, raiva, arrependimento, culpa e tristeza quando perdem. Essa dinâmica do risco de perder e ganhar é baseada no acaso, portanto é importante estar atento ao ciclo emocional vivenciado em relação à prática de apostas, para que não se torne uma fonte de sofrimento e de com-

pensação ou a única fonte de prazer”, explica a psicóloga Danielly Scalone.

A profissional vem aprofundando, em sua pesquisa de mestrado, os impactos das apostas *on-line* na saúde mental e nas relações familiares e sociais das pessoas que vivem essa realidade. Como redutora de danos, analisa, sobretudo, essas práticas como uma questão de saúde pública e um fenômeno psicossocial, que precisa ser considerado em seus diferentes aspectos: psicológicos, sociais, relacionais e econômicos. Nesse sentido, ela enfatiza que as apostas deixam de ser entretenimento para se tornar um problema quando passa a afetar negativamente outras dimensões da vida e, mesmo assim, as pessoas continuam apostando.

Facilidade

Segundo Danielly, os riscos são ainda maiores e geram mais prejuízos com as apostas *on-line* devido à facilidade para acessar as plataformas pelo celular, em qualquer lugar ou momento do dia, comprometendo o tempo que, antes, era dedicado ao trabalho ou ao estudo. As transações financeiras digitais são outro componente que facilita a prática, contribuindo para o maior endividamento.

A relação prejudicial com as apostas pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, mas ela traça um perfil de quem está mais suscetível a essa prática: são homens, jovens adultos, solteiros e de menor renda e escolaridade. As consequências interpessoais daqueles que apostam costumam envolver desconfiança, codependência de familiares e baixo rendimento profissional ou desempenho acadêmico. Frustração, irritabilidade, ansiedade e estresse são também impactos psicológicos que tendem a repercutir.

“Perceber se está experimentando alguma dificuldade no trabalho, no ambiente educacional, nos relacionamentos, na saúde mental e nas finanças devido ao comportamento de apostas é um caminho. Contudo, nem sempre as pessoas sabem que o comportamento de aposta pode interferir nesses outros âmbitos”, pondera.

O estigma e a vergonha tendem a limitar essa busca por ajuda, por isso ela recomenda que familiares e amigos tratem do assunto de forma segura e busquem compreender a experiência,



Dependência em jogos de azar é um fenômeno que esgarça os laços e vínculos familiares e sociais, prejudicando a própria sociedade

sem julgamentos. É necessário também evitar o uso de termos estereotipados, que tratam a pessoa como problemática ou viciada. “A prática de apostas não pode ser vista como sinal de fracasso pessoal, mas de que talvez algumas coisas precisem ser cuidadas, mesmo que não seja possível parar com elas”, ressalta. A proposta é de acolhimento e compreensão das dificuldades que a pessoa tem para deixar de fazer apostas (ou mesmo diminuir a sua frequência), de como se sente ao apostar e de como se sentiria se apostasse menos.

Cultura midiática

A psicóloga não atribui responsabilidades apenas ao apostador, mas elenca uma série de fatores sociais e econômicos que contribuem para que a prática das apostas cause danos à pessoa. Assim, além dos comportamentos de risco, como o uso excessivo de dispositivos eletrônicos e de substâncias psicotrópicas, ela chama a atenção para o incentivo promovido pela cultura midiática, às vezes até de forma irresponsável e enganosa, bem como para a pouca regulação das empresas de apostas no Brasil.

“Cabe também ao Estado realizar ações de prevenção e educação sobre esse tema, dando mais condições aos indivíduos e à sociedade para identificar os riscos relacionados às apostas e para identificar se já experimentam algum dos prejuízos citados. Paralelo a isso, é necessário educar sobre como procurar ajuda, como conversar com a rede de apoio sobre um pro-



Foto: Arquivo Pessoal

É importante estar atento ao ciclo emocional vivenciado em relação à prática de apostas

Danielly Scalone

blema relacionado às apostas e quais profissionais ou serviços públicos procurar para receber o devido cuidado”, sugere.

Na visão da pesquisadora, a questão tem se tornado mais grave por envolver uma paixão nacional, que é o futebol. Se, numa aposta convencional, o jogador tende a acreditar que conhece a melhor forma de ganhar, nas apostas esportivas, alegando entender de futebol, supõe ter mais chances de lucrar. Esse viés cognitivo de domínio ou capacidade de influenciar os resultados produz, no sujeito, a ilusão de controle sobre a prática, o que o estimula a novas apostas.

Quem ganha?

A socióloga e professora Miqueli Michetti, do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, compreende as crescentes estatísticas acerca do jogo compulsivo como um fenômeno social e coletivo e afirma que explicações de ordem moral ou comportamental não são suficientes para explicá-lo. Acrescenta que não se trata também de um fenômeno exclusivamente econômico, pois mobiliza aspirações, valores, expectativas e esperanças.

Com base na sociologia econômica e na sociologia da cultura, áreas na quais desenvolve as suas pesquisas, a do-

cente pontua como cada vez mais aspectos da vida cotidiana passaram a ser percebidos como oportunidades de investimento, risco e retorno, dialogando diretamente com a lógica das plataformas de apostas esportivas. A digitalização e o contexto de maior acessibilidade das práticas de jogo de azar, antes restrita a um lugar físico e até ilegal, aliada ao crescente endividamento da população brasileira, favorecem apostas que podem representar, para muitos, uma luz no fim do túnel.

“A esperança talvez seja um dos principais produtos comercializados pelas plataformas de apostas. Toda publicidade vende alguma promessa, mas, nesse caso, o que se oferece é a possibilidade imaginada de resolver problemas financeiros, consumir aquilo que se deseja ou alcançar um estilo de vida valorizado socialmente”, destaca. Reitera, ainda, que se trata de uma esperança que se renova continuamente, a cada aposta, e que, ao perder, apostar novamente é a única saída do apostador, retroalimentando uma dinâmica circular pernicioso ao indivíduo e à sua rede de relações próximas.

Miqueli evita associar a dependência de apostas com as classes populares, ainda que reconheça que, em momentos de redução de perspectivas de mobilidade social, as promessas de ganho repentino possam ser mais atraentes para esse público. Mas o fenômeno atinge diferentes classes sociais, não está restrito à pobreza. O que acontece, segundo a socióloga, é que as perdas financeiras tendem a ter consequências mais graves e imediatas para pessoas e famílias de baixa renda, que não têm reservas, empregos estáveis, contatos em condições de socorrer ou acesso facilitado a crédito.

“Para as classes populares, é como cair sem ter um colchão embaixo. A queda é mais dura”, frisa. “As apostas não crescem apenas porque existem pessoas vulneráveis; elas crescem porque há empresas altamente sofisticadas investindo bilhões em publicidade, tecnologia e estratégias para transformar essa expectativa em consumo

recorrente”, completa a pesquisadora.

Por esgarçar os laços e vínculos familiares e sociais, prejudicando a própria sociedade, Miqueli classifica a dependência dos jogos de azar como um fenômeno antissocietário, que deve ser tratado sob o viés psicológico, mas também como uma questão de saúde pública que envolve dimensões sociológicas e políticas. Pelo seu papel social disruptivo, trabalhando a partir das ilusões e do endividamento alheio, a especialista defende um debate público urgente sobre o tema.

Nesse sentido, é a favor da regulação das plataformas de apostas, tarefa que encontra muitas barreiras — a primeira delas, a atuação transnacional dessas empresas. Além disso, outros atores que também ganham nesse jogo precisam refletir sobre a sua responsabilidade. “Há toda uma cadeia econômica que se beneficia, constituída por empresas de publicidade, influenciadores, clubes esportivos, veículos de comunicação e plataformas de pagamento. Como em qualquer mercado de apostas, a sustentabilidade do negócio depende de os jogadores, coletivamente, perderem mais do que ganharem. As plataformas ganham; a sociedade, no todo, perde”, adverte.



Foto: Arquivo Pessoal

A esperança talvez seja um dos principais produtos comercializados pelas plataformas de apostas

Miqueli Michetti



Foto: Bruno Peres/Agência Brasil

Bets vendem a ilusão de resolver todos os problemas financeiros e mudar o padrão de vida

VIDEOGAMES SOB ALERTA

Riscos da influência dos jogos de azar

Jovens desenvolvem hábitos de apostas ao jogarem títulos com elementos aleatórios e visuais chamativos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Na classificação moderna das manifestações artísticas, os jogos eletrônicos são considerados a décima arte. Fenômenos globais como Minecraft, Tetris e Super Mário são considerados obras-primas de desenvolvedores que, harmonizando estética e narrativa, combinam imagens, texto, movimento, música, arte digital e uma característica ainda mais marcante: a interatividade.

Impulsionados pela indústria de jogos, estes produtos deixaram de ser apenas coisas de criança ou de *nerd* e movimentaram, segundo dados da consultoria holandesa especializada Newzoo, cerca de U\$ 188 bilhões. A maior parte desse valor vem de jogos móbile (55%), seguido dos *games* de console (24%) e de jogos para computador de uso individual (21%) — números que evidenciam uma transformação em curso do jogo, enquanto produto para se tornar um serviço, como propõe o professor Ivan Mussa, do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O docente, que atua como pesquisador no Laboratório de Pesquisa em Mídia, Entretenimento e Sociedade da Universidade Federal da Paraíba (Lens UFPB), recorda como os jogos da década 1980 e 1990 eram construídos com base em um *design* visual proposto para não sofrer alterações e seus consumidores terem a posse do produto. As plataformas de jogos, ao contrário, precisam de assinaturas ou de um plano de moedas para que seus usuários continuem acessando certas funções. Essa mudança representa uma nova forma de a indústria monetizar os jogos digitais.

“Em curto prazo, gasta-se menos, porque é um jogo ‘de graça’, mas várias pressões internas da plataforma buscam incentivar a consumir mais vezes, comprar pequenos itens, como uma roupa para o personagem, uma arma especial comemorativa, uma bola de futebol igual à da Copa do Mundo... Então, em longo prazo, o consumidor tende a gastar mais. Esse é um modelo de jogo de serviço”, explica Mussa.

Essa redefinição nas formas de produção e consumo ajuda a explicar as novas relações que os jogadores estabelecem com o objeto do jogo, que é a diversão. Se, antes, a indústria de *games* se sustentava com a venda de jogos, hoje ela capitaliza o tempo, incentivando os jogadores a se manterem nas plataformas. Como, nesses ambientes, os jogadores passam mais tempo gerenciando itens, comprando moedas virtuais, ingressos e outros acessórios, Ivan tem preferido chamar os jogadores de “consumidores”.

“Passa-se a construir jogos que estimulam essa permanência no longo prazo, por meio de temporadas. No verão, acontece uma coisa; no Natal, outras. Isso dá a sensação de algo vivo e, ao mesmo tempo, prende o usuário. Temos aí outra concepção do



Foto: Ron Lach/Divulgação

Moedas virtuais, bônus exclusivos e missões especiais são exemplos da inserção de conteúdos de jogos de azar em jogos “tradicionais” para motivar o consumo



Foto: Arquivo Pessoal

É um jogo ‘de graça’, mas várias pressões internas da plataforma buscam incentivar a consumir mais

Ivan Mussa

que é divertido: aquilo que vai durar mais, que vai ter periodicidade e que está sendo atualizado o tempo todo, e não algo finalizado e pronto”, observa o docente.

O xis da questão é que, para isso, a indústria utiliza elementos dos jogos de azar, como moedas virtuais, bônus exclusivos e missões especiais. É o que os estudos de jogos denominaram de “gamblificação”, derivado do vocábulo inglês “*gamble*”, que significa aposta, jogo que envolve algum risco. Ao contrário da “gamificação”, que se inspira nos mecanismos dos jogos para deixar uma atividade educativa mais interessante e divertida, por exemplo, a gamblificação insere intencionalmente conteúdos de jogos de azar ou relacionados a apostas para motivar o consumo.

“Não quer dizer que uma plataforma como o Roblox, por exemplo, tenha jogos de azar dentro dela. São jogos ‘tradicionais’, mas que, com alguns elementos de apostas, como roleta, taxas de probabilidade ou as *loot boxes*, que são caixas surpresa compradas

pelo jogador em que podem vir uma coisa muito valiosa ou uma coisa muito comum. Aos poucos, as crianças e os adolescentes, que são a maioria dos jogadores da plataforma, vão se acostumando com a ideia de aposta, de investimento de risco e de coisas que estão orbitando em torno do universo dos jogos de azar”, alerta o professor.

Ainda na plataforma Roblox, o pesquisador cita outros exemplos que remetem à ideia de gamblificação, como o chamado “Adopt Me!”, ovinhos comprados com moedas virtuais acumuladas, apostando que, dele, possam nascer animaizinhos (um tipo genérico de Pokémon) com mais ou menos habilidades dentro do jogo. A própria moeda virtual da plataforma, a Robux, permite comprar um item muito valioso para tentar revender mais adiante, numa dinâmica que lembra muito os jogos de azar e as plataformas esportivas de apostas, programadas para funcionar a favor das empresas, e não dos jogadores.

Segundo Mussa, os elementos que remetem a uma gamblificação estão sempre associados a investimento e retorno financeiro, e não necessariamente a uma compe-

tição, como num jogo de corrida ou de luta, por exemplo, em que as consequências de uma perda não vão além da própria partida. Dentro do jogo platformizado, regido por um sistema de recompensas, essa perda pode impedir a pessoa de conseguir um adesivo comemorativo para colocar no carro com o dinheiro virtual, repercutindo, mesmo que seja minimamente, na sua vida fora do jogo.

Ainda que não se trate de uma transformação dos jogos digitais em jogos de azar, a

inserção desses mecanismos para manter os usuários na plataforma pode estimular a compulsão, como nas plataformas de apostas. Como a indústria de jogos é dinâmica e baseada na inovação, Mussa acredita que o modelo de jogos baseados na gamblificação e em outras estratégias compulsivas chegará a um ponto de saturação — e então as plataformas buscarão se adaptar para conseguir outras formas de extrair dinheiro desse negócio.

“É interessante buscar as influências dos jogos de azar

além dessas caixas surpresa, as *loot boxes*, que já foram regulamentadas em alguns países, e perceber a intromissão dessa lógica do lucro e do risco dentro dos jogos. Esses elementos têm de ser olhados com muita cautela, e a resposta não é simples, porque é preciso catalogar como isso está sendo feito e informar às políticas públicas de regulamentação. Se regulamentar as plataformas de redes sociais já é um desafio, chegar até os jogos é um passo além. Mas a gente precisa pensar nisso desde já”, ressalta.



Foto: Omar Binay/Divulgação

Mecanismos de apostas prendem o usuário nos jogos digitais, mas podem estimular a compulsão

Filosofia também explica fascínio por jogos

O que torna o ato de jogar tão fascinante e atrativo, a ponto de, para algumas pessoas, ser mais envolvente do que outras formas de lazer e convivência? Ainda que, à primeira vista, o jogo não seja algo apropriado para ser compreendido pela Filosofia, disciplina considerada séria e preocupada com conceitos e análises rigorosas, alguns pensadores nos ajudam a, se não responder, refletir sobre essa questão.

Na obra *Pensamentos*, o filósofo e matemático francês Blaise Pascal argumenta que grande parte da infelicida-

de humana decorre da incapacidade de permanecer em repouso consigo mesmo. Diante da angústia, do vazio e da consciência da própria finitude, o ser humano tende a buscar formas de distração, aquilo que Pascal denomina “*divertissement*”. Nessa categoria, incluem-se atividades como a caça, os jogos, as apostas, as conversas, o trabalho e diversas outras ocupações que desviam nossa atenção das questões existenciais mais profundas. Sob essa perspectiva, o jogo funciona como um meio de adiar ou

evitar o confronto com nossa condição humana de fragilidade, oferecendo um alívio temporário para as inquietações da existência. Embora não tenha tratado especificamente dos jogos, o filósofo alemão Arthur Schopenhauer apresenta uma reflexão que dialoga, em certa medida, com a de Pascal. Para ele, a realidade é movida pela Vontade, um impulso irracional, incessante e insaciável que antecede a razão e jamais pode ser plenamente satisfeito, o que marca a vida humana com um con-

tínuo sofrimento. Os jogos, especialmente aqueles que desenvolvem uma forte dimensão estética e narrativa, podem funcionar como um meio de aliviar temporariamente as tensões e aflições da vida cotidiana. Uma das poucas formas de suspender momentaneamente essa condição seria, para Schopenhauer, a experiência estética: durante a contemplação da arte, o indivíduo liberta-se, ainda que por um breve instante, das exigências da Vontade e experimenta uma forma transitória de serenidade.

LUDOSOFIA

Quando o jogo vira e traz sabedoria

Longe do mundo das apostas, prática desenvolve a inteligência, as relações sociais e o entendimento da vida

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

A mesma prática que se-
duz pela sensação de diver-
timento e que pode levar à
compulsão também esti-
mula o desenvolvimento de
diferentes competências e
pode ajudar a compreender
melhor o papel do ser hu-
mano no jogo da vida. Essa,
contudo, pode ser uma fal-
sa ambivalência, se consi-
derarmos que o ato de jogar
não está necessariamen-
te vinculado ao de apostar,
causador de diversos sofri-
mentos psíquicos, econô-
micos e sociais.

“O jogo, em si, traz o
apelo do divertido, do en-
tretenimento e do desa-
fio para a mente, o que faz
as pessoas se engajarem e
quererem jogar, jogar, jo-
gar. Quem torna o jogo um
vício é o dinheiro — o dese-
jo de ganhar dinheiro, mas
perder, e depois querer re-
cuperar o dinheiro e ga-
nhar. Isso cria um viés cog-
nitivo muito complicado,
do qual a pessoa não con-
segue sair”, pondera Mar-
cos Nicolau, professor apo-
sentado do Departamento
de Mídias Digitais da Uni-
versidade Federal da Paraí-
ba (UFPB), que pesquisa o
tema dos jogos na educação
desde o seu mestrado.

A relação do docente
com os jogos, no entanto, é
bem mais antiga. Quando
aprendeu a jogar xadrez,
no início da adolescência,
logo começou a participar
de campeonatos estudantis
e, depois, das Olimpíadas
Cerebrais. Foi então que, ao
ingressar no ensino univer-
sitário, na década de 1990,
passou a se interessar pe-
los eurogames, espécie de
jogo de tabuleiro moderno
focado em planejamento
estratégico, mecânicas eco-
nômicas e competição por
recursos ou pontos.

Com base em seus estu-
dos, o pesquisador propôs,
respaldado em conceitos da
Psicologia e da Filosofia, a
ideia de ludosofia, isto é,
uma sabedoria baseada nos
jogos que pode ser aplicada
no cotidiano — mas, prin-
cipalmente, na educação.
Ele identifica três modali-
dades de saberes presentes
nos jogos. A primeira é a da
operacionalidade manual,
corporal e mental, que esti-
mula a psicomotricidade e
a inteligência prática. A se-
gunda, das relações socio-
culturais e estratégias de
convivência, estimu-
la emoções e sen-
timentos para
lidar criativa-
mente com
as alegrias
e as adver-
s i d a -
des. E
a ter-
cei-
r a
é a



Foto: Reprodução/Magnific

do jogo como metáfora para
ajudar a perceber a trama
da vida.

Para explicar melhor
essa terceira dimensão, ele
conta a história de dois jo-
vens religiosos que foram
surpreendidos por seu mes-
tre enquanto jogavam da-
mas e se desculparam por
não estarem estudando e
rezando. O mestre respon-
deu que o importante não
era o ato de jogar, mas com-
preender o valor e o signi-
ficado do jogo e as lições
que ele ensina, explicando:
“Na dama, como na vida,
só podemos dar um pas-
so de cada vez. Na dama,
como na vida, ao darmos
um passo errado, não po-
demos desfazê-lo, mas po-
demos corrigir o rumo no
próximo passo. E, na dama,
como na vida, quando che-
gamos à nossa meta, a oi-
tava casa do tabuleiro, ga-
nhamos o direito de ir para
onde quisermos”, reflete.

Auxílio lúdico

Essa sabedoria dos jogos
recorre a práticas como a lu-
doterapia, abordagem
psicoterapêuti-
ca voltada
p a r a

■
A ideia de
que jogos
competitivos, na
infância, possam
estimular a
dependência
de apostas
não encontra
respaldo na
ciência

diagnosticar e facilitar o
desenvolvimento socioe-
mocional de crianças com
atividades de jogos e brin-
cadeiras, e a ludopedago-
gia, que aprofunda a in-
fluência do lúdico e as suas
contribuições para o pro-
cesso de ensino-aprendi-
zagem.

“Os games, em geral, aju-
dam em vários aspectos,
como atenção, concentra-
ção, pensamento lateral. A
escola, dessa forma, tam-
bém é o lugar onde se pode
aprender a jogar e, duran-
te o jogo, entender a rela-
ção com o outro e saber ga-
nhar, perder e se
divertir”, des-
taca Nico-
lau. Ele cita
o xadrez
como o
j o g o



Foto: Michal Jarmoluk/Pixabay

Por meio da disciplina, da memorização e do planejamento, xadrez favorece habilidades

que favorece mais habili-
dades, por requerer disci-
plina, memorização, pla-
nejamento estratégico das
ações e envolvimento.

Essas competências po-
dem ser desenvolvidas tan-
to nos jogos cooperativos
— aqueles, por exemplo,
em que todos estão numa
ilha e precisam cumprir
uma missão em conjunto,
caso contrário todo mundo
morre — quanto nos jogos
competitivos, como o xa-
drez ou os jogos de cartas,
que também trabalham os
processos cognitivos. O do-
cente argumenta que não
existe comprovação cientí-
fica de que jogos competi-
tivos, na infância, possam
estimular a dependência
de apostas. Ele até relem-
bra ditados, em forma de
brincadeira, que rejeitam a
prática de apostar com pais
ou amigos.

“Tudo é questão de esta-
belecer parâmetros, nego-
ciar e dialogar sobre essas
práticas, para que as crian-
ças e os adolescentes apre-
ndam que o prêmio do jogo é
a diversão e o desafio, que o
ganho é a satisfação de jo-
gar, participar e interagir.
Se ela ‘manga’ do outro
porque ganhou, está
descumprindo a
ética como joga-
dor, pois só jo-
gou porque o ou-
tro aceitou jogar.
Então, toda der-
rota é, também,
um aprendizado

importante”, recomenda.

Recompensa

Nas pesquisas sobre a sa-
bedoria dos jogos aplicada
à educação, Marcos Nicolau
concebeu um quadrante lú-
dico que revela o seu poten-
cial formativo. Ele parte do
reconhecimento de que a di-
versão e o entretenimento,
presentes como promessa de
todo jogo, facilitam a apre-
ndizagem. Em seguida, desta-
ca como os jogos promovem
interação, comunicação e co-
munhão, dimensões essen-
ciais ao processo educativo.
Outras características dos jo-
gos que também contribuem
para essa formação são o de-
senvolvimento do raciocínio
lógico, base do pensamento
computacional e da resolu-
ção de problemas, e o culti-
vo de virtudes éticas, como
saber perder e saber ganhar.

O fato de um jogo ter re-
gras é outro aspecto que, por
mais paradoxal que pare-
ça, incentiva a criatividade.
O pesquisador cita o fute-
bol como um jogo que, justa-
mente pelas muitas regras,
favorece o surgimento dos
craques, aqueles que conse-
guem fazer jogadas imprevi-
síveis, criando novas mane-
iras de chutar e driblar, por
exemplo. No campo dos jo-
gos digitais, o conhecimen-
to das regras e do funcio-
namento tem estimulado o
desenvolvimento de novos
jogos. Nesse processo, o en-
volvimento é outro elemento
a se destacar.



Foto: Arquivo pessoal

**Os games, em
geral, ajudam
em vários
aspectos,
como atenção,
concentração
e pensamento
lateral**

Marcos Nicolau

Em relação ao crescimen-
to da prática de apostas em
plataformas digitais, a ludo-
sofia pode se tornar uma es-
tratégia para virar o jogo e
educar para o consumo con-
sistente e responsável dos ga-
mes. “Quando pais e profes-
sores usam jogos, eles fazem
com que a criança, quando
se tornar adulta, saiba que a
aposta é uma armadilha. Se
ela aprende a ter prazer, sa-
tisfação e conquistas com o
jogo, isso a satisfaz inteira-
mente, ela não vai buscar a
compensação escravizante
do dinheiro”, defende.



Foto: Thirdman/Pexels

Jogos podem ser utilizados como estratégia terapêutica e no processo de ensino-aprendizagem